COELH
DEIR

, AFRANIO PEIXOTO & (ME-
QUERQUE), VIRIATO CORRÊA

Rio, 1928.

O MYSTERIO

(3a. EDIÇÃO - 10.º MILHEIRO)

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 26 —— 1928 —— S. PAULO

I

UM CRIME BEM FEITO

Elle tinha ruminado durante annos aquella vingança. Calculara tudo, previra tudo. Lera centenas de romances e contos policiaes, não pelo prazer que lhe pudesse fazer essa baixa literatura, mas pelo desejo de estudar todos os meios de levar a cabo o crime que projectava e de escapar á punição. Não lhe valeria de nada matar o velho Sanches Lobo se se deixasse apanhar tolamente, e fosse cumprir, por dez ou vinte annos, uma pena, em que se estiolaria o resto de sua mocidade.

Pedro Albergaria tinha então 25 annos. Era fino, esbelto, intelligente e instruido. Desde os 15 annos, quando o banqueiro Sanches Lobo lhe arruinou o pae de maneira ainda infame e maculou a honra de sua familia de um modo ainda mais infame, Pedro vivia pobrissimamente. Aos 20 annos, morreu-lhe a mãe. Morreu, ainda nos ultimos instantes queixando-se de Sanches Lobo. Parecia assim deixar ao filho uma incumbencia de vindicta.

Pedro tinha, desde muito tempo, um emprego no commercio. A's noites, estudava.

Estudava anarchicamente, um pouco de tudo; mas, talvez mais do que tudo, o meio de se vingar do velho banqueiro.

Quando se decidiu ao seu plano, foi examinar a casa e os costumes de Sanches Lobo. Não teve muita difficuldade na tarefa.

O banqueiro vivia sózinho. Era servido por dois criados: um velho, que o acompanhava havia mais de 30 annos e uma rapariga.

Todas as tardes elle entrava ás 6 horas. Depois de se preparar para juntar, procedia a essa operação e subia para o seu gabinete no 1.º andar. Ahi ficava estudando negocios, junto do grande cofre aberto, onde guardava os papeis mais importantes. A' meia-noite, pontualmente, fechava o cofre, a janella, a luz e ia dormir.

Rondando paciente e disfarçadamente a casa, durante mezes e mezes, Pedro acabara por saber os dias de sahida dos criados. No principio do mez havia sempre uma circumstancia especial. O velho empregado do banqueiro ia a Mangaratiba receber uns alugueis de casas e vêr uma fazendola que Sanches Lobo ainda tinha por lá. Ficava apenas a criada. Mas essa, irrequieta e namoradeira, não raro se afastava de casa, deixando o velho sózinho.

Não corria ella com isso perigo nenhum, porque o velho nunca chamava ninguem, quando estava no seu gabinete. Nessas condições a facilidade de entrar na casa era extrema.

Naquella noite, tudo assentado, Pedro resolveu-se a levar a cabo a sua premeditada vingança.

Calçou umas velhas botinas proprias para jogar tennis. Eram botinas por varios titulos preciosas: muito maiores do que o seu calçado habitual, com solas de borracha e sem saltos, ninguem pelas marcas que ellas deixassem poderia pensar em Pedro Albergaria.

Poz no bolso um par de luvas de fio de Escossia, luvas velhissimas; muniu-se de um revólver e um punhal. Antes de guardar esses objectos, limpou-os bem, já com as luvas, para não deixar vestigio algum.

A casa — melhor se diria casebre — em que elle morava era de sua propriedade: uma casinha de porta e janella, unica coisa que lhe restava de sua grande fortuna antiga. Foi ao quintal e cavou um buraco, perto de uma pequena torneira. Verificou que nesse buraco, bem profundo, podia ficar enterrada, a quasi um metro de profundidade, uma lata de folha vazia, que elle trouxe de casa. Havia perto chumbo e um maçarico: o necessario para fazer uma solda.

Viu os seus livros e papeis. Tinha vendido os romances e comprara apenas uma Biblia e um livro de orações. Se lhe fizessem em casa qualquer pesquiza, esses livros lhe dariam um attestado de pureza. Não havia um papel suspeito. O guarda-comidas estava vazio. Um ar de mizeria tornava infinitamente triste a pobre casa.

Pedro sorriu e dirigiu-se calmamente para a casa do velho Sanches. Elle sabia que o velho servidor não estava na cidade. Restava a rapariga. Mas no momento preciso, justamente quando elle se approximava, ella ia sahindo com o namorado.

Era no principio de fevereiro. Havia perto uma batalha de confetti e podia ter-se como infallivel que ella para lá iria.

Pedro, assim que a viu longe, calçou as luvras, abriu calmamente o portão e entrou. Deu volta pela cozinha e, graças aos tapetes da casa e ás suas botinas de tennis não teve o menor embaraço em chegar, sem fazer nenhum ruido até o gabinete de Sanches Lobo.

Abriu rapidamente a porta e appareceu de subito diante do velho.

— Que é o que o senhor quer? — perguntou o banqueiro, buscando affectar energia, mas tremulo de medo.

— Em primeiro logar, quero que você não se mova. Um dedo que mexer, faço saltar-lhe os miolos.

E exhibia, poderoso argumento, o seu revólver! O velho encolheu-se, acovardado. Pedro lhe disse, então:

— Eu não sou um ladrão.

— Que é então o que deseja aqui? — disse, tartamudeando, o banqueiro.

— Venho buscar de um ladrão parte ao menos do que me pertence e ajustar com elle uma velha conta: eu me chamo Pedro Albergaria.

O velho teve um estremecimento profundo. Na physionomia se lhe pintou uma expressão de horror. Os olhos dilataram-se, a bocca aberta, arquejava...

Mas isso durou apenas um instante, porque uma syncope o prostrou.

Estaria morto? Pedro verificou que não. Esperar, porém, que elle voltasse a si seria perder tempo. Foi ao cofre aberto e examinou o que nelle havia: havia muito mais dinheiro do que elle suppunha. Quasi ao vir para casa, Sanches recebera duzentos e tantos contos de uma transacção. Já o Banco estava fechado, e trouxe comsigo a quantia, em notas de 1:000$000, disposto a leva-la de novo no dia immediato. No cofre estava tambem um saquinho cheio de moedas de ouro. Pedro foi reunindo tudo isso, distribuindo pelos bolsos. Quiz porém, mais alguma coisa: vêr se descobria um papel que parecia procurar com especial empenho. Ainda nisso foi feliz. Achou-o, metteu-o no bolso.

Fazia tudo com calma, methodicamente. Só teve uma hesitação. Foi quando terminou a sua colheita e se encontrou diante de Sanches Lobo, ainda desmaiado, mas parecendo prestes a voltar a si.

Pedro resolveu enforca-lo. Tapou-lhe o nariz e a boca — e esperou. O velho estrebuchou um pouco; mas aquietou-se rapidamente. Estava morto, bem morto.

Havia um pequeno relogio sobre a mesa. Pedro o pôz nas 11 horas e esmagou-o com o pé, fazendo-o assim parar. Parecia desse modo que o assassinato tivera lugar áquella hora, quando, no emtanto, pouco passava das 9.

Desceu cautelosamente. A casa era perto da praia de Botafogo. Disfarçadamente, verificando que não havia ninguem, tirou os sapatos de borracha, as luvas de fio de Escossia e o revólver e atirou tudo ao mar. Chegando á casa, metteu tudo o que trouxera na lata que deixára preparada, soldou-a, collocou-a no buraco, que para isso deixàra preparado, collocou tambem ahi todos os pedaços de solda, puxou a terra para cima do buraco, calcando-a bem e sobre ella derramou alguns baldes de agua, encharcando todo o quintalzinho. Ninguem poderia adivinhar que o terreno fôra revolvido.

Feito isso, sahiu. Fechou a casa cuidadosamente e escondeu a chave em um recanto, onde, ás vezes, a deixava. Não a queria levar comsigo.

Apesar de tudo, faltava-lhe crear a prova mais forte de sua innocencia. Mas tambem isso não falhou: quasi ás barbas de um soldado que vigiava uma rua pouco frequentada, furtou do taboleiro de doces de uma vendedôra ambulante varios delles, que metteu ávidamente na bocca, como si estivesse morrendo de fome. E foi preso: exactamente o que queria.

Eram 10 e 45 da noite quando entrou na delegacia. Estava creado o alibi de que precisava.

Como imaginar que um homem que acaba de roubar algumas centenas de contos ia furtar alguns doces para matar a fome? E, por outro lado, se estava na delegacia desde as 10 e 45, não podia ser o autor de um crime commettido ás 11. O alibi era perfeito.

Só um receio o atormentava: não teria alguem entrado no gabinete do velho antes da hora que o relogio cahido marcava?

Não! Ao contrario! O crime só foi descoberto depois da meia noite. Pedro Albergaria podia dormir tranquillo. Tinha afinal cumprido, intelligentemente, a sua missão de vingança.

& (MEDEIROS E ALBUQUERQUE).

II

NA DELEGACIA

Na sala da delegacia, que tresandava como o porão de um brigue bacalhoeiro, um grupo de rapazes, guardado por dois policiaes, protestava contra a arbitrariedade da prisão, e um delles, de ar mimoso, cabellos louros encaracolados, camisa de seda, gravata elegante, relogio pulseira no punho alvo, de um torneado feminino, ostentava na lapella do casaco cintado, o escudo de um club de football.

Esse não dizia palavra, succumbido. De quando em quando suspirava levantando os olhos, que eram lindos e pestanudos.

Um dos do grupo fez-lhe signal para que se sentasse, e, chegando-se-lhe perto, segredou-lhe:

— Será bom que não fales. Deixa o caso commigo e com o Julio. Se falas, entornas o caldo.

Mas o louro suspirou, sentido:

— Não imaginas como soffro. Que vergonha! meu Deus! Quando souberem que andei em *viuva-alegre*... Trouxessem-me a *taxi*, eu pagava... mas em *viuva-alegre*...

— Ora! A *viuva-alegre* é o *caradura* da ordem, o logar

commum da segurança publica. Victor Hugo, e era Victor Hugo! percorria Paris na *imperial* dos omnibus. O que me preoccupa não é a "viuva alegre". O que me preoccupa és tu, minha donzella triste.

O louro baixou os olhos, corando.

Albergaria, que se achava perto, vigiado pelo soldado que o prendera com a boca na botija, ou no flagrante do furto no taboleiro, ouviu as palavras meigas, de enamorado, que haviam posto em rosa as faces do rapazola louro e, esquecendo-se, por instantes, do plano que alli o levara, prestou attenção ao grupo, examinando attentamente a figura galante do que tanto se sentia da conducção em que o haviam levado á presença da Lei, que, por signal, não se achava presente.

Não era necessario grande perspicacia para reconhecer no susceptivel mancebo formosa e delicada moça, que o trajo masculino, longe de rebuçar, mais denunciava, accentuando-lhe as linhas arredondadas do corpo e certas abundancias raras no sexo forte, que as passou ao outro, com a costella com que Deus no Paraiso fez artisticamente e mais maliciosamente o corpo... de delicto de todas as encrencas que têm atrapalhado a vida humana. Os pés caberiam juntos na palma das mãos do furtador de doces, que os admirava com gulodice de amor e as mãos, pequeninas, e brancas, deviam ser como plumas quando acariciassem.

Porque estaria ella vestida de homem, entre dois rapazes, um indifferente, como se fosse familiar daquella casa, outro taciturno, visivelmente envergonhado, fumando cigarros sobre cigarros, enchendo a sala de fumo como se a quizesse abrumar para que o não vissem?

Albergaria procurava penetrar o mysterio daquella trindade, quando o commissario appareceu esbaforido, a tossir, asthmatico.

Era um typo caricatural, que parecia um desenho de

Raul ou de Calixto que se houvesse encarnado em autoridade.

Calvo, com umas falripas esvoaçantes, os perigalhos do pescoço badalhocando, uma beiçorra molle, rubra como polpa de figo, olhos empapuçados, ventrudo como se escondesse uma abobora debaixo do collete e tudo isto finquaes as calças, fazendo gelhas, ás vezes collavam-se, enrolando-se como bandeiras em mastros.

Passou furioso e, sentando-se, remexeu nos papeis, atirou um murro á mesa, levantou de golpe a cabeça e bradou um nome. Um soldado adiantou-se respeitoso e disse:

— Prompto!

— Foi você que trouxe estes pelintras, não?

— Saberá v. exa. que não. Quem trouxe foi o 402.

— E onde está elle?

— O 402?

— Sim! e esmurrou a pasta furiosamente. Onde está o 402?

— O 402 foi tomar café. Disse que vinha já. Mas para v. s. não perder tempo têm aqui este malandro que eu apanhei furtando doces do taboleiro de uma tia.

O commissario encarou o indigitado, que era Albergaria e, com um berro, logo atravessado por um accesso de asthma, chamou-o á sua presença:

— Então você, você! seu grandissimo não sei que diga, furta doces a uma pobre negra, que vive do seu trabalho, hein...!?

E rangia uns cacos de dentes, babando colera, com um ronquido de asthma que atroava. Albergaria explicou-se:

— Eu não sou ladrão, sr. commissario.

— Ah! não é ladrão. Então que diabo é você?

— Sou um desgraçado. Foi a fome que me levou a commetter o crime de que me accusam. Ha quatro dias que não como, senhor commissario, e se eu dissesse a v.

exa. os soffrimentos que tenho curtido: vertigens, uma fraqueza que jà me não consentia andar... Tomavam-me por ebrio, riam-se de mim, e eu caminhava, caminhava...

— Nada de romances! berrou o commissario. Isto aqui não é cinema, entende? Isto é a policia, é a Casa da Lei, o Templo da Ordem, a Columna da Moral... Lá falar por falar tambem eu sei... Deu um sacalão ás calças que lhe escorriam pela barriga tremida, e disse, dirigindo-se aos rapazes, como a intimos:

— E' isto. Não ha vagabundo que não tenha um romance, uma historia complicada para contar. Pois sim! Commigo é nove! Tenho trinta e seis annos de Policia aqui no duro. Conheço a canalha. Furtou...

— Para comer, senhor commissario. Foi a fome. V. s. deve conhecer João Valgean, o que roubou pão.

— Se conheço! Mas eu aqui não quero saber de historias: sou a Lei, entende? E, diante da Lei, tanto vale um pão como um collar de perolas, uma cocada pucha como uma carteira. Tudo é furto. Se, em vez de um taboleiro de doces, você tivesse encontrado uma caixa de joias, iam-se as joias...

— Não, senhor commissario.

— Cale-se. E bradou: 402!

— O 402 foi tomar café, senhor commissario.

— Pois então você mesmo. Qual é o seu numero?

— Eu sou o 501, ás ordens de v. s.

— Pois *seu* 501, metta este typo no xadrez. Não foi você que o prendeu?

— Fui eu, sim, senhor commissario.

— E o furto?

— O furto elle comeu.

— Bom. Pois metta-o no xadrez até que chegue o dr. delegado.

Albergaria quiz protestar, chegou a fazer um gesto, logo atalhado pelo commissario.

Nesse instante uma mulher irrompeu na sala, desgrenhada, d'olhos esbogalhados e atirando-se, como louca, para a mesa do commissario, bradou:

— Senhor doutor, mataram-me o patrão. Mataram-me o patrão!

Voltando-se, porém, para o grupo dos rapazes, como se quizesse communicar a todos o horroroso crime, agitando desesperadamente os braços, disse:

— Mataram...

Dando, porém, com os olhos no mancebo louro, que tanto se queixava de haver sido conduzido em *viuva-alegre,* escancellou desmedidamente a boca e, com o olhar fito, parado em estagno de pavor, soltou um grito, e rolou no chão, como fulminada.

COELHO NETTO.

III

A EVASÃO

Albergaria e a praça 501, que o levava ao xadrez, estacaram na porta, um momento, ante a scena imprevista, e logo depois acudiram, com os outros assistentes, á pobre mulher, que redondamente cahira no chão. O proprio commissario, tão acostumado ás peripecias mais extraordinarias, nesta sua longa vida de esbirro, perdeu a compostura de justiceiro, incredulo ás apparencias impressionantes, tocado deveras á subitaneidade desta, digna do theatro mais inverosimil.

— E' assim, quando o Contreiras está de plantão, isto anda ás moscas... A mim, são encrencas sobre encrencas! Não me faltava mais nada... este estafermo a dar chiliques na delegacia... Ora dá-se!...

Albergaria abaixára-se a tomar o pulso da mulher, estendida, depois de lhe compôr as saias que se arrepanharam á quéda; disse, alto, com uma convicção de entendido:

— E' um ataque.

— Morreu o Neves. Ora esta!

— Que Neves?

— Morreu o Neves... o ataque! Quero saber é do pulso...

— Não bate mais... Isto póde ser sério... Seria bom chamar a Assistencia...

— Qual Assistencia, nem meia Assistencia, replicou o commissario, tentando tornar á calma, que perdera, — uns borrifos d'agua no rosto e hão de vel-a de novo a berrar, como aqui entrou...

Foi à moringa d'agua, derramou uma pouca no copo, e volveu a aspergir o assoalho e a paciente, sem maior proveito. Mais expedicto, Albergaria appellou para o soldado e os rapazes presos: sopesaram o corpo, que era forte e carnudo, e o depuseram sobre a mesa de audiencias da delegacia.

— Tire isto d'aqui! — indicava ao commissario os livros e autos de inquerito, que atulhavam a mesa, — é preciso que fique a fio comprido, de cabeça baixa...

Por uma inversão de papeis, assumira o prisioneiro a iniciativa das operações e dava ordens, mesmo ao commissario:

— Beba agua, senão a você tambem dá-lhe na fraqueza, e a rascada é maior...

De facto, as pernas bambas do velho tremiam, da testa lhe escorriam bagas de suor, que elle limpava triste, com um lenço encardido:

— Não nasci para estas scenas... Descomposturas, castigos, enrolar um freguez, bem enrolado, com inquerito supimpa, é commigo... Não dou para estes assados, de ataques e faniquitos...

— Beba a agua, e aquiete-se, que ella tornará a si; vai vêr.

E resolutamente poz-se o Albergaria a fazer uma série de praticas para despertar a rapariga. Mexia-lhe com os braços em todas as direcções; desapertou-lhe o cós da saia; desabotoou-lhe a gola da blusa, tentando facilitar-lhe a respiração.

A' vista da pelle branca do colo, bem provido, o olhar do commissario se ateiou, numa chamma de animação. Approximou-se, olhou então para o rosto da rapariga, e só então viu que era uma mocetona, bem parecida, morena clara, com ligeiro buço no labio crespo, apparencia decidida de portugueza do campo, moça arrumadeira, como ha tantas por ahi. Confirmação desta suspeita eram umas arrecadas de ouro, bem amarello, pendentes das orelhas e no trancelim, preso ao pescoço, um coração de filigrana, a joia popular e tradicional do Minho. O commissario que ficara com os olhos regalados na alvura repleta do colo, entremostrado através da blusa desabotoada, animou-se, compadecido, como interrogando aos rapazes?

— Que se ha de fazer num caso destes? Olhem que se isto dura, pode mesmo morrer... E é pena!

Albergaria, cansado de todas as praticas que tentara de respiração artificial, improvisadas no momento, embora as tivesse lido alguma vez, sem attenção, nem esperança de as poder um dia empregar, exclamou, como a uma feliz lembrança:

— Não haverá por ahi ammonea?... Numa delegacia não deve faltar...

— Aqui não se usam estes tratamentos... Os que delles precisam vão curtir no xadrez...

Teve receio que o homem se estomagasse, o commissario, e com brandura, replicou:

— Podia ser... Para um "estrupicio" destes, era infallivel... Então, só existe o recurso da Assistencia!

O commissario, aborrecido com o caso, tornou á urgencia de uma resolução:

— Quinhentos e um!

— A's *ordes!*

— Toque para a Assistencia!

O soldado deu meia volta, entrando pelo corredor, em busca da ligação telephonica, para o pedido de soccorro.

— Se houvesse por ahi um pouco de ether ou ammonea... murmurava Albergaria, fixado na sua confiança.

De o repetir — abrandou-se a rispidez do commissario, que se poz a abrir as gavetas e os armarios, e a procurar, atabalhoadamente, o que ahi não guardara. Como que impellido por uma lembrança, levantou-se e se encaminhou para a sala vizinha do delegado, a procurar ainda os famosos remedios.

Só então Albergaria notou que o rapaz louro, cujas fùrmas roliças denunciavam disfarce feminino, e cuja vista tinha determinado o espanto, ou o susto, e o chilique da moça portugueza, abaixára a cabeça, a chorar convulsivamente. Um dos rapazes ameigava-lhe a cabeça, num gesto de consolo:

— Não te amofines assim... tudo se explica!... Fica por minha conta, vou combinar com o Julio... Descança, não chores mais!

E deixando-a, endireitou-se para o outro rapaz, o Julio, que se apoiara de encontro a um armario, pondo-se a falar-lhe em voz baixa.

O soldado injuriava a telephonista, que lhe não dava a ligação, *ha mais de meia hora*: Central 2-5-5! Remexia o commissario as gavetas do delegado. Albergaria, approximou-se da rapariga que chorava, e disse-lhe, á meia-voz:

— Se lhe causa tanta vergonha estar aqui, assim, porque não se aproveita da occasião, e não foge?... Agora, ninguem a deterá.

Olhou como tonta, depois, confiada, ao interlocutor, e se pôz de pé, já enxutos os olhos, onde a esperança ardeu num clarão breve, logo aquecendo impulsão decidida. Fez um gesto aos rapazes e, dando um olhar agradecido a Albergaria, esgueirou-se da sala com os companheiros, que a

seguiram, sem nenhum impecilho, para a fuga e para a liberdade.

Tornara Albergaria ás manobras de respiração artificial. Da sala proxima, exultante, volvia o commissario:

— Aqui tem o ether... achei-o, finalmente!

AFRANIO PEIXOTO.

IV

O CHILIQUE

Albergaria corre-lhe afoitamente ao encontro, toma-lhe o vidro, destapa-o e leva-o ao nariz da rapariga desmaiada. Mas recúa surprehendido ao cheiro maravilhoso de violetas que se espalha pela sala. E, fitando o commissario, com um vago tom de censura na voz:

— Mas isto não é ether, é perfumé!

O outro coçou nervosamente a cabeça:

— Meu Deus! e eu a bulir nas perfumarias do delegado.

E, voltando-se para o corredor, berrou desesperado:

— 501, chamas ou não chamas a Assistencia?!

O soldado veiu immediatamente. Só naquelle instante havia conseguido a ligação. A Assistencia vinha ahi!

Albergaria continuava com a mão no pulso da rapariga.

A sala ia-se enchendo: um soldado entrou com tres bebedos, um outro trouxe uma mulher desbragada que encontrou a dizer inconveniencias a uma vizinha, um terceiro veiu com dois "chauffeurs" que se estavam a esbofetear.

Na escada houve um leve rumor de passos lentos.

— O delegado!... avisou o 501.

— Felizmente! exclamou o commissario. Elle que tome conta da "encrenca".

E, chegando ao corredor, chamou:

— Doutor Lobato, faça favor.

A' porta assomou uma figura casquilha e moça num lindo terno côr de alecrim fanado. Olhou aquella desordem com uma expressão de displicencia preguiçosa, um tom de cansaço de quem não dorme e, vendo sobre a mesa a moça inerte, perguntou com um accento de enfado:

— Que foi isso?

O commissario explicou. Dizer bem o que fôra aquillo não sabia. Aquella mulher entrara alli, inesperadamente, gritando (o que ella gritava não se recordava bem) e, de repente, arregalou os olhos, tremeu e bumba! no chão. — Uma massada! Dera, porém todas as providencias. A Assistencia devia estar riscando na porta.

— Não sei se ella é doida, mas parece. Não parece, 501?

O soldado contou a mesma historia, a entrada inesperada da moça, o tombo no chão.

Lobato ouvia, como se achasse tudo aquillo uma cacetada.

— Ah! já me lembro, disse o commissario com um lampejo. Ella invadiu a sala berrando: — mataram o meu irmão! Não foi, 501?

A praça moveu negativamente a cabeça. Não. O que elle ouvira fôra outra coisa:

— Mataram-me o patrão, foi o que ella disse.

— Patrão ou irmão, não sei bem, atalhou o commissario. — O que eu ouvi foi ella falar em morte.

O delegado approximou-se da rapariga, tomando-lhe o pulso. Toda gente se chegou para perto. Elle palpou o braço da moça, sondou-lhe a testa fria, pousou-lhe a mão no peito e fitando o commissario que o inqueria anciosamente com o olhar, disse:

— E' portugueza!

E como Albergaria, alli ao lado, tivesse um ligeiro sorriso, perguntou:

— O senhor é medico?

— Não senhor.

O commissario apressou-se em explicar. Era preso. Estava alli, na sala, quando a moça cahiu desmaiada. Parecia ser entendido naquelles assados. Pelo menos tinha prestado excellentes serviços para conseguir que a mulher recuperasse os sentidos.

Lobato poz-se em frente de Albergaria.

— Por que está preso?

O rapaz baixou a cabeça, como que envergonhado, sem responder.

— O' Xavier! que fez este sujeito? indagou ao commissario.

O velho Xavier veiu contar. Entre elle e Pedro Albergaria havia já naquelle momento uma ponta de benevolencia e de sympathia. Procurava as palavras com a preoccupação de dar uma explicação favoravel ao moço.

— Pandegas, doutor, pandegas. O rondante prendeu-o numa *farra* em que elle comia, sem querer pagar, os doces de uma preta velha. Esses rapazes quando se mettem em troças...

O assassino do banqueiro levantou a cabeça.

— Perdão, senhor commissario, eu era incapaz, de uma troça dessas. Furtei os doces porque estava com fome. Ha quatro dias que não como.

O delegado empertigou-se:

— Ah! então é um gatuno, não é verdade?! Tão novo, não tem vergonha de furtar para comer?

Albergaria baixou novamente a cabeça. O Xavier foi até á janella, incommodado. Que idiota, aquelle moço! Elle a dar à coisa uma feição de ninharia, a falar em troças,

em *farras* de rapaz, e o tolo a dizer na cara da autoridade que furtara para matar a fome.

— Responda! gritou Lobato, irritantemente, para o matador de Sanches Lobo.

Elle ergueu os olhos, mas não disse palavra.

— 501, ponha esse sujeito no xadrez. Xavier, lavre o flagrante.

O commissario accendeu um cigarro. Tudo aquillo lhe punha os nervos em vibração. Olhou Albergaria, que caminhava para o xadrez, seguido pelo soldado e uma ruga vincou-lhe a testa. D'aquellas massadas só aconteciam no seu plantão.

— E esta Assistencia não vem?! disse, como para desabafar-se, como para ser desagradavel a alguem.

Nesse momento o 402 surgia á porta. Lançou o olhar espantado pela sala e caminhou para o commissario:

— Onde estão os moços que eu trouxe?

O velho Xavier olhou e reolhou os cantos. Lembrava-se que, ao entrar alli, tinha visto no banco junto da janella um grupo de rapazes. E, agora, o grupo já alli não estava. Aquillo só a elle acontecia! E estourou, num berro para o soldado:

— O senhor porque abandonou os presos e foi tomar cafe?!

Lobato, que, só naquelle momento observava a carnadura retumbante da mocetona desmaiada, virou-se:

— Que foi?

— Uns presos do 402, que fugiram.

Na physionomia do delegado desenhou-se um traço de reprehensão. Ia falar, ia explodir, mas lá em baixo num *tan-tan-tan* apressado e barulhento resoavam os timpanos do auto-ambulancia da Assistencia.

Correram todos ao parapeito da escada. O medico subia acompanhado do ajudante. Era um moço alto, moreno, oculos, bigode e andó. Havia nelle dois signaes inconfun-

diveis: uma trunfa de cabellos brancos a berrar extranhamente na sua cabelleira de um negro profundo e uma mancha vermelha, larga, espraiada do lado esquerdo do rosto.

— Como vaes Lobato?

— Bôa noite, Cardoso!

— Aqui doutor, aqui, disse o Xavier, trazendo-o para a sala.

Ao dar com a moça sobre a mesa, Cardoso palpou-lhe immediatamente o pulso.

— Que foi isto?

— Um chilique, um desmaio, respondeu o velho commissario. E' grave, doutor, é grave?

— Não tem importancia. Uma vertigem. Já ella vae respirar francamente. Com uma injecção e um pouco de ether está tudo liquidado.

E para o ajudante:

— Prepare a agulha.

E, como para ganhar tempo, poz-se a tentar a respiração artificial.

Lobato, que seguia para a sala da frente, parou deante da escada. Subia-a ruidosamente, um bando de homens. A' frente, um velho de sapatão, vestido de preto, olhos aterrados. Dois soldados fechavam o prestito.

— Subam mais devagar! gritou elle irritado, para o grupo. Não sabem subir uma escada em termos?

O velho estacou deante delle, offegante, sem poder falar.

— Que é lá? Diga!

Com a sua simplicidade de homem do povo, o outro desabou num pranto, a exclamar, suffocado pelos soluços.

— O patrão!... o patrão!... mataram-me o patrão!...

Lobato ficou sem saber o que aquillo significava.

Os dois soldados tinham já subido os ultimos degraus da escada.

— Contem lá isso, disse o delegado para um delles.

— Um assassinio. Enforcaram o patrão deste homem.

O velho conseguiu dominar os soluços e foi contando atabalhoadamente.

— Enforcaram-no doutor, enforcaram-no. Está aqui toda esta gente que viu. Chamei a vizinha para vêr. Eu tinha chegado a casa, de volta de Mangaratiba. Ao entrar no quarto, lá estava o patrão morto, morto, doutor, enforcado.

E irrompeu novamente no choro desabalado.

— Cale-se, homem! ralhou Lobato. Deixe-se de chôro. Quem era o seu patrão?

— Vossa senhoria não conhece? O Sanches Lobo, o ricaço?

— O banqueiro?

— O banqueiro, sim senhor, o banqueiro!

Lobato empallideceu. Sanches Lobo era uma das figuras de maior relevo do Rio. A fama de sua philantropia, o seu immenso dinheiro, a historia ruidosa de sua fortuna enchiam a cidade do rebôo do seu nome.

— Ora, esta, ora esta! poz-se a repetir.

Que enorme complicação não viria d'alli! Inqueritos, pesquizas, inquirições de testemunhas, o diabo. E a reportagem dos jornaes! e a praga abelhuda dos reporters!

E elle que queria escapulir cedo aquella noite!

— Ora esta!...

E caminhou para a sala da audiencia, seguido do bando, chamando:

— O' Xavier vem cá, ouve isto.

O commissario chegou-se pressurosamente.

— Sabes de uma novidade? Mataram o Sanches Lobo.

O Xavier arregalou, surprehendido, os olhos.

— O millionario?

— O millionario.

O commissario levou a mão á cabeça, coçando-a naquelle

gesto muito seu, e depois, com um rizinho de desespero, a remoer as palavras:

— E' o que eu digo: não tenho sorte. No plantão do Contreiras não acontece nada, nada. No meu é isto. Até o Sanches Lobo se lembram de assassinar.

E como se naquelle instante a bossa policial acordasse:

— E como foi?

— Enforcado, *seu* doutor, enforcado! repetiu o velho criado, voltando ao pranto.

O medico, de costas para a gente que se movia na sala, applicava a injecção no braço da rapariga. Attento ao trabalho, não tinha ouvido uma palavra de tudo aquillo.

Escuta Cardoso, já sabes a novidade? disse-lhe o delegado, batendo-lhe nos hombros. Mataram o teu tio, o Sanches Lobo.

Elle virou-se num chofre, aterrado.

— Que?!

Nesse momento, um grito estrugiu na sala. Era o criado do Sanches Lobo, diante do medico, a escoral-o, com os dois olhos esbugalhados num terror.

Todo o mundo estremeceu. O velho deu um passo à frente, fitou novamente o medico e, recuando num tremor de braços e pernas, poz-se a gritar como um louco, diante de toda a gente, num appello desesperado ao delegado:

— Prenda-o, prenda-o! Devia ter sido esse homem! foi elle com certeza quem matou o patrão!

VIRIATO CORRÊA.

V

DOIDO VARRIDO

Todos os presentes, impressionados, não tanto com o berreiro do velho famulo, como, principalmente, com o terror que se lhe estampava no rosto, quedaram estatelados e foi o proprio medico quem os tirou da estupefacção, dizendo tranquillamente ao velhote, que tremia nas pernas, d'olhos escancellados e beiços lividos:

— Que me prendam, a mim... Queres! Pois não ha duvida. Dou-me á prisão, entrego-me. Juro-te, porém, Bonifacio, que hoje terás que avir-te com Carlos Magno e com os doze pares de França.

O velho deu um passo á frente, abrindo enormemente a boca, estendeu os braços, e com as mãos grifanhas, rugindo, pretendeu agarrar o medico e tê-lo-ia empolgado se duas praças não o tivessem contido a custo, porque uma força inesperada, em corpo tão abatido pelos annos, tornou-o verdadeiramente perigoso.

Debatia-se aos urros, espumando, a rosnar phrases nas quaes passavam nomes de reis e de santos, e, por vezes, obscenidades.

O delegado adiantou-se com severo entono e engrossando a voz bradou, imperativo:

— Aquiete-se! Tenha modos! senão mando mettê-lo em camisola de força.

— A mim... Em camisola! Em camisola!... A mim, um homem sério, de sessenta e dois annos de idade! O senhor!? Sabe com quem está falando?! E arrancou impetuosamente, arremettendo para o delegado. Sabe? Fala com o tenente Bonifacio Paiva Gomide. Sou da Guarda Nacional, cá em baixo, e, lá em cima tenho honras de principe porque, e voltando-se para o medico, disse com ar sarcastico, rilhando os dentes: Diga-lhe quem sou, seu assassino! Diga! O senhor bem sabe quem eu sou... Camisola de força... A mim! Vá, seu assassino, fale!

E o medico, mal podendo conter o riso, disse para o delegado:

— Apresento a v. s. Alexandre Magno, rei da Macedonia.

O commissario, que levara uma pitada de meio grosso á venta direita, que era um abysmo tão negro e encarvoado como uma mina de Cardiff, com a surpresa daquellas palavras, fungou tal sorvo que o rapé, entrando d'escantilhão pela furna nasal, foi-lhe aos gorgomillos, com o que o assaltou uma tosse suffocante que esteve, vai não vai, a asphyxia-lo.

Foi necessario intervirem energicamente, esmurrando-lhe as costas, para que elle explodisse, em espirros e arremessos vulcanicos, toda a carga que se lhe atafulhava nas galerias do esophago ou por alli perto, engasgando-o.

Os olhos despejavam lagrimas copiosas e uma côr apoplectica tingiu-lhe o carão. Sentaram-no e o medico poz-se a anima-lo com palavras de amizade e conselho:

— Que diabo! Deixa esse vicio de rapé. Se fosses um velho, mas um homem como tu... E não é a primeira vez que te entopes com essa immundicie. Já no Municipal, naquella noite do "Moysés", estiveste por um fio com o rapé.

O representante da autoridade revirou uns olhos langui-

dos e marejados e disse, com um fio de voz, quasi imperceptivel:

— Tens razão. Mas eu não posso viver sem um viciosinho. Levaram-me a cerveja, nem passo pela Brahma, como sabes, porque a bebida arrasava-me as entranhas. Prohibiram o cigarro, porque andei ahi, como viste, a morrer de tabagismo. Atirei-me á cocaina, e quasi dou em doido. O rapé foi o meu ultimo recurso e é isto. Tens razão. Mas o culpado foste tu, ou antes — foi esse velho amaldiçoado.

E levantando-se, enfurecido, com o nariz a escorrer, bradou para as praças que continham o famulo energúmeno:

— Mettam essa besta no xadrez e, se resistir, cheguem-lhe, e acenou a bordoada.

O velho empinou-se e, em novo accesso de furia, ia atirar-se ao delegado, mas um dos policiaes sacou do revólver e apontou-lh'o á cara, dizendo, com firmeza, capaz de juntar á ameaça o gesto decisivo:

— Se dá mais um passo, *seu* zinho, eu queimo. Você me ferrou o dente na mão e eu não sou carne p'ra cachorro. Ou você fica manso ou chupa uma bala agora mesmo.

O soldado, typo de caboclo atarracado, cara chata, ventas abertas e olhos pequeninos, afuzilados, era tido por féra. Já uma vez, num conflicto, na Lapa, queimara um syrio e deixara um chim, vendedor de pés de moleque em petição de miseria, com mais gallos na cabeça do que uma capoeira. Mas o velho não se continha e foi necessario que o medico, para evitar um crime alli, nas barbas da autoridade, se decidisse a affrontar a colera do desvairado. E fê-lo com sobranceira coragem, pondo-se-lhe na frente e intimando-o em severo tom:

— Alexandre, rei da Macedonia, é assim que queres impôr o teu prestigio aos povos? Olha em volta de ti. Que vês? Todo o teu reino conflagrado, os teus cortezãos re-

voltados, a rainha alli dentro, morta, e os inimigos lá fóra, bradando por ti, reclamando a tua cabeça, que foi posta a premio e vai andar á roda, amanhã ou depois, como um bilhete de loteria. Isso é sério, Alexandre?

O velho abrandou, e, cabisbaixo, como se lhe houvessem dado uma bordoada valente no toutiço, murmurou:

— Tens razão... Tens razão... Eu não devo exceder-me. Meu reino corre perigo. E poz-se a esmurrar a cabeça, bradando: Calma, Alexandre! Calma... Olha o da Russia! Olha o outro que lá está em Haya, numa casa de commodos, com gente á porta a exigir que saia, se é homem... Calma, Alexandre. Calma... Então, a rainha?... E encarou o medico com uma interrogação no olhar. A rainha?...

— Está alli dentro, morta...

— Foram os bolchevistas, com certeza.

— Não...

— Quem foi, então?

— Mysterio.

O delegado, que ora olhava o velho, ora todo se voltava para o medico, sem perceber patavina daquella scena, chamou o commissario e perguntou-lhe, em segredo:

— Diga-me cá: isto não é pandega?

— Pandega, senhor dr.? Pandega na delegacia! Isto o que é, se quer que lhe diga, não sei. A mim está-me a parecer que estamos todos doidos aqui dentro — o medico, v. s., eu, o velho, aquella moça, as praças, tudo, porque eu não percebo isto, e mostrou a unha do indicador, mais suja do que um balde de lixo. Anda o diabo aqui dentro. E' o que eu digo a v. s., e quem o trouxe foi aquella menina que appareceu aqui, vestida de homem e que sahiu ninguem sabe como, nem por onde. O senhor dr. não imagina o que tem sido isto hoje. E' o ladrão de doces, é a menina, é o banqueiro morto, é a criada do banqueiro que lá está ainda sem sentidos e, por fim, esse velho a berrar, a ameaçar...

Sei lá! Eu, senão fosse o prestigio do cargo, punha-me ao fresco, é o que digo a v. s. Veja o dr. a abraçar o velho, veja! O velho que o chamou de assassino, que berrou que o prendessem, que fez os horrores que testemunhámos. Lá está, veja! Lá está o dr. a abraça-lo. Então que é isto? E' ou não coisa do diabo?

Effectivamente, o dr. levava o velho para uma das janellas e, passando-lhe um dos braços pelos hombros, falava-lhe em tom amigo. E o velho manso, dócil, de cabeça baixa, ouvia-o, suspirando de vez em vez, com arrependimento do que fizera. Então, decidido a decifrar o mysterio, o delegado caminhou resoluto e falou, não mais como amigo, mas como autoridade:

— Senhor dr. Cardoso, desculpe-me, mas isto não póde continuar. Este velho entrou aqui denunciando um crime e accusou-o de ser o assassino e o senhor tra-lo para a janella e põe-se a conversar com elle, a induzi-lo, talvez, a desdizer-se, a...

— Lobato! bradou o medico, batendo com o pé no soalho sagrado do recinto da Justiça. Pois tu me julgas capaz de attentar contra a vida de um homem, apesar de ser medico, sendo esse homem, de mais a mais, meu tio?!

— Não sei. Aqui ha mysterio e eu não admitto mysterios perante a Lei.

O velho deu um passo á frente, levantou a cabeça e, espalmando a mão no peito, affirmou, solemne:

— Sim, ha um mysterio, ha! Mas eu vou pôr em campo as minhas forças para desvenda-lo. Eu commando phalanges, entende o senhor? Phalanges!

— Mas, quem é você, afinal?

— Quem sou?

Olhou o delegado, como apiedado da sua ignorancia, e, atirando o braço num gesto com que indicou o medico, disse, superiormente:

— Pergunte ao meu ministro...

— Homem! Com mil diabos! diga d'uma vez quem é essa besta bradou o delegado, fóra de si.

E o medico, inclinando-se, pronunciou estas palavras graves:

— Essa besta, senhor dr. delegado, é nada mais, nada menos, que Alexandre Magno, rei da Macedonia.

COELHO NETTO.

VI

A PONTA DO FIO...

Lobato lembrou-se de consultar o relogio, e na physionomia se lhe estampou a contrariedade, pelo adiantado da hora: Diabos! faziam-lhe perder a sahida do Palace-Theatre...

A esse pensamento, entretanto, resoluções decididas seguiram-se:

— Xavier!

— Doutor delegado...

— Mande duas praças á casa do banqueiro Sanches Lobo, que tomem a porta, e não deixem ninguem entrar antes da Justiça... Nós nada podemos fazer sem o medico-legista, para o que os autores chamam a *levée du cadavre*: é o que o nosso regulamento chamou, sem propriedade, inspecção juridica. Que é que os taes medicos sabem de jurisprudencia? Presumpção!... Ordens terminantes, ninguem entra, nem se toca no morto, antes da Justiça.

— E este maluco, e toda esta gente? perguntou o commissario, num gesto circular...

Era de facto uma complicação tudo aquillo, mas o Lobato queria ganhar tempo: não alcançaria mais aberto o Palace Theatre, porém, tinha o seu plano.

— Faça recolher o maluco ao xadrez; examina-se amanhã. Os outros, se não tiverem importancia os delictos, resolva...

— E a mulher, que está em cima de minha mesa?

— E' exacto... e esta?!... Que havemos de fazer deste estafermo? Que é do Cardoso?

— Está lá ás voltas com ella...

Neste momento Cardoso levantava o reposteiro, exclamando:

— O diabo tem fanicos prolongados... Tive de puxar-lhe a lingua, sem parar, e dei-lhe duas injecções de ether... A' segunda, berrou... Está acordada!

No olhar do delegado passou um clarão de alegria:

— Não lhe digo sempre, senhor Xavier, que calma, calma, e mais calma... Tudo se arranja e se resolve. Ainda hoje hei de ir á minha diligencia...

E para despachar o Cardoso, foi-lhe batendo no hombro amigavelmente, como a despedil-o:

— Pois é isto, meu velho, muito obrigado pelos teus bons serviços, esta Assistencia não falha... faniquito é alli, em dois tempos. Muito obrigado! Póde você ir descansar, para outra.

— E o caso do meu tio? E' mesmo verdade que o mataram?

— Parece... e até és accusado de assassino... Pelo menos has de ser ouvido.

— Direi que era bôa bisca... emfim, cala-te boca, póde ser que tenha emendado a mão, e deixado alguma coisa ao sobrinho, que não queria nem vêr... Se não, é o diabo, enterro, lucto, missa, pezames!... Ora que me succede cada uma!...

O delegado, porém, tinha pressa e foi conduzindo o amigo até a escada, brandamente obrigando-o a ir se embora:

— Obrigado, Cardoso!

Xavier tinha dado as ordens, não sem a gritaria e os

improperios, que lhe eram habituaes, quando o delegado sorridente, tornara ao seu gabinete.

— Senhor doutor, não quer interrogar a mulher?...

— Ha tempo, Xavier, amanhã!

— Olhe que póde haver alguma providencia a dar... Amanhã os jornaes nos caem no pello...

— Tens razão... Lá se me vae a diligencia... Chama a rapariga.

O commissario executou a ordem e, com delicadeza que não lhe era habitual, veiu apoiando a moça portugueza, ainda fraca e cambaleante, para o que lhe segurava com uma mão num braço, a outra na cintura, a ampara-la. Parece que lhe dizia, meigamente:

— Escapaste de bôa...

Tambem Lobato teve bôa impressão, vendo-a. Mandou-a approximar-se, commodamente sentada numa cadeira de braços. Paternalmente, perguntou-lhe:

— Então, como te achas?

— Louvado o Bom Jesus, sinto-me bem, meu senhor...

— Tens alguma declaração a fazer, sobre o crime?...

Como se recordando agora das peripecias que esquecera, a rapariga pôz-se de novo a chorar, com ruido e exclamações:

— Verdade, meu senhor, mataram-n'o, mataram-me o patrão... Ai que o vi, o meu rico patrão, enforcado!

Vendo-lhe o desespero, receiou o Xavier nova commoção e ao dr. Lobato achou bom prevenir:

— Senhor doutor... é das taes, não lhe bulas, que é peior...

O delegado não attendeu, dirigindo-se á rapariga.

— Já sabemos... Tudo contaràs no teu depoimento, amanhã. O que desejo saber é se viste alguem, suspeitas de alguma pessôa, para que se procedam ás diligencias urgentes.

— Não vi nada, meu senhor... Sahi com o primo, a

dar uma volta pela batalha de confetti, distrahi-me vendo a folia e, ao tornar á casa, assustou-me a luz do patrão, accesa áquella hora. Fui a perguntar-lhe se precisava de alguma coisa, e dou com aquillo, meu senhor... Ai meu rico patrão, que me mataram!...

Ia recomeçar. Xavier teve a idéa de perguntar-lhe, com licença do doutor delegado, por que tivera espanto e chilique, ao vêr a moça disfarçada em rapaz, na delegacia.

— Responda... A' justiça é melhor não negar nada, pois se compromette... Diga, senão é peior!

— Como não havia, meu senhor, disse a custo, de ter um choque, ao vêr aquillo... a dona Lucinda, naquelles trajes, no meio de homens, numa delegacia... Como não havia de espantar-me, eu que já vinha azoinada com a morte do patrão... Não é para se perder a cabeça?

— Mas quem é a dona Lucinda?

— A moça loura, vestida de homem, que ahi estava...

— Conhece-a? Foi sua ama ou sua criada?

— Como estas palminhas, meu senhor. Nem ama, nem criada, mas todos os mezes ia levar-lhe á casa, á rua Paulino Fernandes, a mesada á tia... e ficava a conversar... a conversar... Tão bôa, tão alegre, tão bem criada... e assim, como mulher á tôa, no meio de homens, numa delegacia... exactamente quando... quando...

— Quando?... quando o que?

— Quando venho annunciar a morte do pae... Não é para virar o juizo a uma criatura?...

O delegado levantou-se, numa impulsão. Chamou o Xavier, e segredou-lhe. Depois, concluiu, alto:

Dê-lhe uma cama, ahi na guarda, para descançar. Vou á minha diligencia, e não tardarei. Parece, *seu* Xavier, que temos o fio da meada, a ponta, *seu* Xavier.

Cofiou o bigode, poz-lhe extracto de violeta, endireitou a roupa, e ia sahir, acompanhado pelo commissario até á escada, quando se abriu em confidencia:

— O Sanches Lobo tinha uma filha, a quem dava mesadas, que, portanto, sabia a sua origem, e não a criava em casa, como tal. A ambição céga. Com os dois rapazes, num dia de carnaval, disfarçada, vae-lhe á casa, ameaças, lucta, e o velho indefeso é enforcado... Roubo talvez... Não lhe parece perfeito? Clarissimo!

Xavier quiz assentir, mas já não pôde, que Lobato descambava escada abaixo, a tomar o automovel, para o High-Life, á procura da *deligencia*... uma loura *deligencia*, que o esperava em vão no Palace-Theatre.

AFRANIO PEIXOTO.

VII

O BILHETE MYSTERIOSO

Lobato havia já chegado á rua e esperava o "chauffeur" que, no botequim adiante tomava café, quando o commissario lhe veio apressadamente ao encontro:

— Doutor, doutor, da Central! Estão falando da Policia Central. Já lá sabem do assassinio. O primeiro delegado auxiliar pergunta se já foram feitas as diligencias.

O delegado ficou no ar. Como, a Central já sabia?

— E' que os creados do Sanches Lobo deram o alarme, chamaram a visinhança. Essas noticias correm depressa.

Lobato deu um suspiro de contrariedade. Estava perdida a sua *deligencia* no Palace-Theatre. Consultou o relogio. Tambem não era mais possivel encontra-la. Passava de uma hora da manhã. O remedio era ir á casa do banqueiro assassinado.

— Prepare-se Xavier, vamos á historia.

—Da Central mandam avisar, contou o commissario, que o major Mello Bandeira vem dar começo ás investigações comnosco.

Os dois sorriram. O nome do major Mello Bandeira estava naquella época num ruido estrondoso de fama e de reclames. Era o Scherlock da cidade, o olho de lynce de

todos os crimes. Os jornaes vinham cheios do seu nome, da sua maravilhosa habilidade de policial, da sua volupia de investigador de delictos mysteriosos. Na inspectoria de investigações da policia, o major era como um deus. O crime que lhe viesse ás mãos, por mais complicado, por mais torvo e nebuloso, tinha que ser desvendado, custasse o que custasse.

Xavier atirou o cigarro fóra.

— Vem e traz a lanterna.

A historia daquella lanterna do major Mello Bandeira era o caso da policia, no momento. Dizia-se que o Scherlock nacional, tendo ouvido falar que os Scherlocks estrangeiros usavam de lanternas furta-fogo nas investigações dos crimes e encommendára uma de Buenos Aires. E com ella andava a espevitar todos os delictos, com uma reclame barulhenta nas folhas. A lanterna havia cahido em ridiculo nas rodas policiaes. Bastava enuncia-la, para que toda a gente gargalhasse.

Nesse momento um automovel parou bem junto delles.

— Bôa noite!

— Bôa noite!

Era o major, com o ajudante. Veiu apertar a mão do delegado. Era um typo magro, rosto anguloso e chupado, bigode, olhos intelligentes que reluziam irrequietamente através do *pince-nez*. Carregava uma *valise*.

Quiz saber que medidas tinham sido tomadas. Lobato e Xavier, um interrompendo o outro, contaram o que se passára alli na delegacia naquelle pedaço de noite. O major ouvia-os palpitando, ora querendo que repetissem este ponto e aquelle.

— E os creados de Sanches Lobo onde estão?

— Deixei-os aqui na delegacia para interrogal-os amanhã, explicou o delegado.

— Sim, mas convém que elles nos acompanhem ao local do crime. E o Dr. Cardoso?

— Deixei-o ir para a Assistencia, respondeu Lobato. O tal creado não passa de um louco.

O major concertou o *pince-nez*:

— Sim... sim... mas quem sabe? a tendencia moderna das investigações é aproveitar todos os elementos elucidativos dos crimes. Quem sabe? quem sabe? Em todo o caso o dr. Cardoso não vae fugir.

Eram duas horas da manhã quando a policia chegou ao palacete de Sanches Lobo.

Com aquelle ruido de automoveis, de soldados e reporters, a vizinhança despertou. O major havia tomado a direcção completa das investigações. Mandou que os creados abrissem a porta e subiu com elles. Todos o acompanharam. Ao chegar ao primeiro andar o velho Bonifacio apontou o gabinete sinistro.

— Alli, doutor, alli!

O major estacou e fez signal para que todos atrás estacassem.

— Ninguem venha aqui, ninguem!

Abriu a *valise* e tirou de dentro uma lanterna electrica, a tal lanterna furta-fogo de que os jornaes tanto falavam e que na policia tanto se arrastava ao ridiculo. E avançou, de lanterna em punho, para a porta do gabinete. Mas antes de a transpôr chamou o Bonifacio:

Lobato, que tinha avançado uns passos, perguntou:

— No escuro, Mello?

— Ah! se não fôr no escuro a lanterna não terà a sua acção desvendadora.

Bonifacio tinha calcado o botão electrico. O corredor e o gabinete ficaram de subito na escuridão. Mas immediatamente um jacto de luz lambeu o assoalho, alongando um caminho de claridade intensa. Era a lanterna do major, accesa. E elle entrou no quarto. A luz boiou aqui, boiou alli, ora desvendando fulgurantemente um pedaço, ora desvendando outro, até que cahiu em cheio sobre o corpo de San-

ches Lobo. O major demorou-se a examinar o cadaver. Elevava o jacto de luz, descia-o, approximava-o do morto, tudo isso friamente, silenciosamente, minuciosamente, como se estivesse a examinar traço a traço, ruga a ruga a physionomia do banqueiro assassinado. Depois sondou o chão em redor. Nada. Avançou. O clarão da lanterna projectou-se sobre a larga mesa do gabinete, caminhando, recuando, como alguem que estivesse a palmilhar um caminho duvidoso. Em seguida, rondou todo o quarto com uma rutillação estonteante. Mas concentrou-se e concentrou-se de tal maneira que se alguem alli estivesse era capaz de dizer que a lanterna do major tinha intelligencia. Tinha visto o cofre do banqueiro. E numa golfada luminosa, descobriu o cofre por completo. O exame foi minucioso como da vez do cadaver. Depois a claridade foi subindo pela parede, galgou o tecto, desceu e andou aqui, alli, acolá, pelos cantos, por traz dos moveis como a esgaravata-los.

O Lobato chegou á porta:

— Mello, e então?

Mello veiu até elle, calcou o botão electrico, fez-se a luz no quarto e no corredor, e disse com gravidade:

— Não houve derramamento de sangue.

Entraram todos no gabinete. A presença do cadaver deixou naquella gente uma impressão extranha. Durante aguns segundos ninguem disse palavra. Um reporter, momentos depois, quiz adiantar-se até o corpo de Sanches Lobo.

— Não faça isso, não faça isso! gritou-lhe o major. Ninguem se approxime, emquanto o medico legista não vier fazer a *levée du cadavre*.

Nesse momento lançou os olhos para o chão. O relogio que Pedro Albergaria quebrára após ao crime lá estava no mesmo logar.

O policial tomou-o nas mãos.

Houve alguma violencia, disse. Este relogio estava

certamente em cima desta mesa. Na luta cahiu e quebrou-se. E, tendo reparado os ponteiros, voltou-se para os que o cercavam, com ar impressionante:

— Ha aqui um ponto que talvez venha servir para a completa elucidação do crime. O delicto foi praticado ás 11 horas e tres minutos. Vejam o relogio.

Maria, a criada do banqueiro, a que desmaiára na delegacia, atravessou-se á frente, a repetir com a sua pronuncia a portugueza:

— Ai, que foi isso! ai, que foi isso! A' meia-noite e meia hora entrei eu aqui e já o patrão estava morto.

O major ia perguntar-lhe alguma coisa, mas os seus olhos vivos, que andavam saltitando por todo o quarto, pararam de subito, pregados num papel que se via adiante, no assoalho, junto do cofre.

Elle caminhou até lá ligeiramente e apanhou o papel, desdobrando-o, e em seguida chamando Lobato, disse-lhe com um sorriso:

— Aqui está o fio da meada. Leia.

Era um bilhetinho escripto em letra nervosa e tremula. Lobato leu:

"Meu amor. Não é possivel, pois o velho é o que tu sabes. Olha. Pedro, se tu me queres bem, acaba de uma vez com isso. Não posso mais esperar tanto tempo. Tua que te quer até á morte. — *Rosa.*"

O delegado tornou a lêr. O commissario approximou-se:

— Vê lá isto, Xavier, falou Lobato passando-lhe o bilhete.

O outro poz os oculos.

O major devorava-os com os olhos.

— Vocês não comprehendem? perguntou. Clarissimo. Duas creaturas, um homem chamado Pedro e uma mulher chamada Rosa, têm um velho que lhes impede a felicidade. A mulher já não póde esperar mais tempo e pede ao homem que acabe de uma vez com a situação desagra-

davel. Esse bilhete é encontrado no quarto de um velho assassinado, junto do cofre. Que se conclue d'ahi?

Lobato accendeu os olhos. Xavier coçou a cabeça.

— A ponta da meada está aqui, continuou o major, agora precisamos desenrolar o novelo com cautela.

Xavier fez menção de falar, mas se arrependeu.

— Fale, disse o major.

— Eu queria apenas perguntar uma coisa aqui ao doutor delegado: como é o nome todo do dr. Cardoso, o sobrinho de Sanches Lobo?

— Pedro Alves Lobo Cardoso. Porque?

— Está ahi! gritou o commissario. Veja o bilhete, fala em Pedro.

O major teve um clarão no olhar.

— Hein!

E risonho, numa alegria resplandescente:

— Que eu lhe dizia, doutor, lá na delegacia? A tendencia moderna das investigações é aproveitar todos os elementos elucidativos dos delictos.

E para Maria:

— Você conhece alguem que se chame Rosa?

— Ai, se conheço! A minha irmã pequenina que ficou lá na terra não se chama outra coisa.

— Pergunto, aqui.

Ella ficou um instante a pensar. Depois, alegremente, bateu na cabeça.

— A noiva do sobrinho do patrão, aquelle que é medico, aquelle que vivia a brigar com elle, eu ouvi dizer que é Rosa.

O major encarou Xavier e encarou Lobato:

— Que tal?

Mas, nesse momento um soldado appareceu á porta, trazendo á frente um sujeito alto, barba por fazer, com um lenço amarrado ao pescoço.

— *Seu* commissario, disse para Xavier, está aqui este

homem que eu prendi lá em baixo, escondido atraz de um viveiro de passaros. Está com o bolso cheio de dinheiro. Parece que foi elle o ladrão e o assassino.

Todos se voltaram com curiosidade. O homem, atarantado, não dizia palavra, com os olhos abertos num terror. Metteu a mão no bolso do casaco para tirar o lenço e enxugar o suor. Cahiu no chão um gôrro de velludo, bordado á seda.

Maria teve uma exclamação de espanto:

— O gôrro do patrão!

VIRIATO CORRÊA.

VIII

EFFEITOS DA LANTERNA

Vendo o major que o delegado se adiantava para apanhar o gorro, deteve-o com um brado afflicto:

— Não, dr. Não bula! Isto é uma prova substancial. E' um documento de alto valor. Se v. s. põe-lhe a mão em cima vai tudo por agua abaixo. Lembre-se do que aconteceu com aquella mulher assassinada na rua Joaquim Silva: tanto v. s. virou, tanto mexeu que, no exame do cadaver, só appareceram os dedos de v. s. Nada de encrencas. Deixe o gôrro onde está. Vou focar a lanterna para a projecção. Apaguem tudo! Eu, quando assumo a responsabilidade de um serviço não admitto intervenção de terceiros, desculpe-me v. s. Falo no interesse da propria justiça. Apaguem tudo!

Um agente sahiu a cumprir a ordem do major e a escuridão foi instantanea. Ouviu-se um estalo secco, como de arma aperrada.

Subito, num flammejo, um tiro estrondou pondo em alvoroço a gente que se achava no recinto. A lanterna, cahindo da mão do major, deixou-o desarmado e, no terror, impensadamente, todos aquelles homens que se debatiam no escuro, valendo-se das armas que levavam, entraram a

atirar a esmo e foi um tiroteio tremendo, um formidavel combate nas trévas, á americana.

E era tal a gritaria que parecia haver na casa em que se desenrolava tão estranha scena uma multidão em supplicio. A voz do major, rouca, soturna como mugido, bradava:

— Accendam a luz! Accendam a luz!

Ninguem, porém, se movia. Todos se haviam agachado — uns debaixo dos moveis, outros estendidos no chão defendendo-se das balas que silvavam rebentando vidros, tinindo em metaes, destruindo e aterrando.

A' balburdia succedeu um silencio abafado, como de tumulo. Dir-se-ia que se não perdera bala, que de toda aquella gente aforçurada que, momentos antes, se agitava na sala, diante do cadaver do banqueiro, não escapara um só para referir a tragedia.

Mas uma voz fina, tremula, voz que parecia vir do além, sussurrou:

— Ahi por cima da secretaria, no meio da sala. Procurem... Ha uma pera... a pera do patrão. Apertem-na.

Era a voz de Bonifacio.

Começou, então, um rastejar de sombras e gritos assustados. Os altos resfolegos pareciam escachôos d'aguas, era um ansiar sofrego. E vozes:

— E' você?

— Onde será?

— Parece que achei.

De repente um grito alarmou os que engatinhavam medrosamente:

— Estou ferido! Estou me esvahindo! Depressa! Luzes! Luves! Fui attingido no coração...

Era o delegado que bradava e o major respondeu-lhe:

— Tenha paciencia, doutor. Não se precipite. Eu estou procurando a lanterna.

— Mas eu me estou esvahindo.

— Tenha coragem... Eu, achando a lanterna, dou conta de tudo. Foi o diabo!

De repente abriu-se a claridade e viu-se a desordem na sala — todas as cadeiras viradas, vasos em cacos, bustos de marmore, de bronze, pelo chão, e era tal a fumarada que parecia que alli haviam sido tiradas photographias com magnesio.

E começaram a surgir d'aqui, d'alli, figuras lividas: Xavier, que se mettera num canto, estava coberto de teias de aranha. Maria, desgrenhada e pallida, d'olhos enormes e espavoridos, tremia junto ao contador, de mãos postas, rezando; um agente, que conseguira metter-se debaixo do tapete, sahiu de gatinhas e junto ao sofá de couro o delegado gemia, com as mãos nas coxas, pedindo que o examinassem:

— Estou ferido, nada menos de seis balas.

O major, indifferente a todos e a tudo, procurava a lanterna e justamente a avistara junto de um armario, quebrada, quando Bonifacio exclamou:

— E o homem! E o gôrro!

Estacaram todos, à voz do velho famulo, procurando o sujeito que havia sido encontrado no jardim e de cujo bolso, cheio de dinheiro, havia cahido o gôrro de velludo. Nem homem nem gôrro. Ambos haviam desapparecido. O major estrillou:

— Foi o canalha! Foi o canalha que disparou o primeiro tiro. Foi elle! Aproveitou-se da escuridão para fazer aquelle estrupicio e os senhores (quando eu digo!) em vez de procederem com calma, foram disparando as armas á tôa, que eu não sei mesmo como ainda ha gente viva nesta casa. Se me houvessem attendido... Bem que eu gritava: Calma! Não atirem... Mas qual! E agora?!

O delegado continuava a gemer, sem forças para levantar-se do chão, queixando-se de seis balas que lhe haviam metido no corpo.

Xavier foi attende-lo e, levantando-o pelos braços, fe-lo sentar-se no sofá, indagando, solicito:

— Onde, senhor doutor? Onde estão os ferimentos?

— Eu sei lá, Xavier! Estão por ahi. Não imaginas. Eram balas em cima de mim que eu nem sei como ainda estou aqui.

— Mas o doutor não está ferido.

E o Xavier apalpava o delegado, examinava-o dos pés á cabeça sem encontrar vestigio de ferimento, nem gotta de sangue.

— Então, Xavier? suspirou o delegado.

— Nada, senhor doutor. Não encontro nada.

— Mas, que diabo! Onde se terão mettido então esses ferimentos? Que eu senti as balas, não ha duvida.

— Ponha-se de pé, experimente.

O delegado levantou-se, bateu com os pés fortemente no soalho, estendeu os braços e confessou que, effectivamente, não sentia nada, estava perfeito. Então, reentrando em si, chamou o major que procurava pelo chão uma das peças da lanterna:

— Major, o homem do gôrro precisa ser encontrado, não só porque é elle o assassino do banqueiro, como tambem porque attentou contra a Lei, de modo violento. E' preciso encontra-lo, custe o que custar. Você, major, devia ter trazido um dos cães policiaes, aquelle que apanhou o turco na Favella. Mas, com essa mania da lanterna, é isto.

— Ora, senhor doutor, eu de cachorros estou até aqui. Qual cão, nem carapuça! A gente fia-se em cachorro e no melhor da festa é aquillo que o senhor viu, em casa da assassinada: em vez do criminoso um pedaço de linguiça. Quer saber de uma coisa? Eu vou...

Não concluiu, porque o Xavier, que andava a revolver os cantos, descobriu, enrolado em um dos reposteiros, o tal homem do gôrro, que tremia como varas verdes.

COELHO NETTO.

IX

A VOZ DA SCIENCIA

Tambem nelle, no homem do gôrro, enrolado no reposteiro, nenhuma das balas disparadas se empregara. Xavier pôde concluir, não sem propriedade:

— Foi como nas fitas americanas, um tiroteio dos diabos e ninguem morto nem ferido.

Palavras não eram ditas quando, interrompendo a alegria communicativa da pelle inteira da assistencia, assomam na porta dois vultos que faziam falta á scena: eram, foram reconhecidos num relance, o dr. Enéas Cabral, o conspicuo delegado auxiliar, cognominado o Javert nacional, e o joven medico-legista dr. Theopompo Vasconcellos, cujo recente concurso occupara uma semana os jornaes, havido por uns como capacidade, por outros como uma cavalgadura.

Acercaram-se logo os presentes da autoridade superior, informada em breve das peripecias do complicadissimo caso. Ouvia sem pressa, grave no aspecto, entretanto sem preoccupação, apenas de quando em quando endireitando o fio das narrativas com uma questão apropriada. Ao lado do Mello Bandeira, nas questões technicas, elle era o outro sustentaculo da Policia, no que tocava á penetração, juizo

e decisão: costumava-se dizer que o Mello e sua lanterna eram as novidades da tactica policial, a philosophia do Cabral era a estrategia da segurança publica. Ao medico legista indicou logo o exercicio de suas delicadas funcções, e, aos collegas, explicou a sua intervenção:

— Fujo da Central, ás importunações telephonicas dos reporters, que desejam o *furo* sensacional de amanhã. Como não lhes podia adiantar nada e ameaçaram-me de estourar por aqui para complicar tudo, vim antes delles, para nos orientar-mos. A policia, diante da imprensa e do publico, deve ter uma só opinião. Andei bem, porque parece que iriamos ter diversas, e isto seria a fallencia da instituição. Emquanto, rapidamente, interrogo o sujeito do gôrro, e o medico-legista conclue o seu veredicto, esperem-me um instante, para trocarmos opiniões. Não deixem, antes disso penetrar aqui nenhum reporter, nem pessoa extranha.

Ordens dadas, começou num canto da sala a inquirição preliminar do homem achado atraz do viveiro dos passaros, e que tinha os bolsos cheios de dinheiro.

O medico legista procedia aos ritos de seu ministerio. Se a pericia é o olhar da justiça, o dr. Vasconcellos, que usava oculos, mirava com dobradas vantagens, e longe, e depois de perto encarou, sem tocar no corpo a physionomia de Sanches Lobo; examinou depois o ponto de fixação da corda num gancho de rêde pregado no humbral de uma porta, finalmente a outra extremidade que dava o laço, em torno do pescoço. Notou a perfeita ordem das vestes e nenhum signal de lucta na victima, que denunciasse intervenção extranha no acto ou reacção do paciente, e essa acção do paciente, e essa acção violenta. Não lhe escapou a linha ou sulco do pescoço, interrompido á direita no ponto de nó do laço.

A suspensão fôra incompleta, porque os pés arrastavam

pelas pontas, no chão. Fez muitas outras observações e sorria emquanto tomava notas num pedaço de papel.

— Um caso engraçado, dizia entre dentes vae ser um laudo de arromba! Vingar-me-hei dos meus detractores. Escacho-os, com esta pericia. Este sujeito me vai desaffrontar.

O delegado auxiliar concluia ao mesmo tempo o interrogatorio prévio do homem do gôrro. Reuniu-se aos collegas na sala ao lado com o designio conhecido de assentarem numa orientação. Deu a palavra ao delegado Lobato:

— Para mim, a acção principal desenvolveu-se em torno da moça disfarçada, reconhecida pela criada como dona Lucinda filha do banqueiro, com quem, entretanto não vivia, mas que a sustentava; na companhia de dois rapazes, na noite do crime, naquelles trajos, está saltando aos olhos...

— Contesto, interrompeu o major Mello Bandeira, são presumpções: a lanterna é um facto e este bilhete é sua confirmação. Foi um parente sim, mas que aqui tinha entrado, sem arrombamentos nem efracções, operando com esperteza... foi o sobrinho, o Cardoso, a quem a noiva escreveu este bilhete, cahido do bolso, como depoimento confirmador. Lanterna e bilhete, concluiu o major *detective*.

— Fale agora a medicina legal, depois da jurisprudencia e da policia scientifica: é a sua vez.

Todos se volveram para o dr. Vasconcellos.

— Meus sènhores, nem moça-disfarçada em companhia de rapazes, nem sobrinho de noiva que escreve bilhetes; — fez pausa mysteriosa, prendendo todas as attenções ao seu veredicto e, lentamente pronunciou: — o banqueiro Sanches Lobo suicidou-se...

Foi uma consternação. O major como o delegado, cahiram de assento sobre as suas poltronas. Apenas Cabral, após o primeiro instante, recobrando a calma, indagou:

— As provas, doutor?

O perito as enumerou: o enforcamento é da casuistica do suicidio; só as crianças e os velhos, por inferioridade de forças, se deixam enforcar; só alguns criminosos, e usando de ardis conseguem enforcar um homem válido e disso ficam signaes de lucta: ora, o banqueiro era forte e nada apresenta, que denote resistencia. E cumulou provas sobre provas, de seu asserto. Não lhe restava a menor duvida: era apenas um suicidio...

Enéas Cabral passou o lenço sobre a testa, humida de suor. Dominou a emoção, e falou:

— De todas as especies de verdade, a religiosa, a scientifica, a social, a esthetica é a verdade policial, a nossa, a mais relativa. Guarde, meu joven camarada, suas convicções, mas não seja indiscreto — imponho-lhe desde já o segredo de justiça — e deixe brecha para o homicidio, possivel, a justificar as nossas diligencias. A segurança publica exige processos trabalhosos e não conclusões summarias. Suicidio, prompto, liquidado! Isso é que não! Devemos, pelo menos, esgotar as pistas encontradas — a moça disfarçada, do dr. Lobato; o bilhete da noiva do sobrinho, do major Bandeira; principalmente aquelle sujeito do gôrro que tomo á minha conta.

Fez uma pausa, e, oracularmente continuou:

— Tanto mais mysterioso é um crime, quanto mais pressa tem a policia de lhe achar o culpado. Se não o acha, nomeia alguem responsavel. O sujeito, dahi por diante, que trate de se defender. A tranquillidade publica não póde estar á mercê de criminosos soltos. A policia não cumpriria sua missão, se não apanhasse immediatamente um bode expiatorio. Bode é modo de dizer. Aliás, o jury o absolverá, na regra, e justiça, e policia, e segurança publica, tudo fica bem. Ora, meus senhores, no caso, este sujeito está achado: é o homem do gôrro. Para complicar o caso, dar-lhe o aspecto sensacional e mysterioso, ha o crime,

ou cumplicidade passional, ha o Cardoso, o sobrinho, ha a dona Lucinda, a filha, que não podemos perder de vista. Emquanto nestas pistas, vamos com as nossas diversas competencias nos emmaranhar, convém não esquecer a direcção que á imprensa, curiosa de todas essas miserias policiaes, devemos dar... entregar-lhe a vida intima do Sanches Lobo... Morreu? Vamos saber como e quem o matou, se de facto não se suicidou; a pretexto de informação ao publico, diffamem-no os noticiarios. A agua de lavagem dessa roupa suja é que nos lava o sangue dos crimes...

O Bandeira e o Lobato queriam applaudir esta emphase oracular, quando os reporters bateram á porta. Mandou o delegado auxiliar abrir-lhes:

— Meus senhores, assassinaram o banqueiro Sanches Lobo, para roubal-o; o assassino, graças á perspicacia da policia está preso. Ha factos sensacionaes, de permeio: uma filha do morto, disfarçada em homem, um sobrinho que perdeu bilhete compromettedor... No inquerito a imprensa vae ter a collaboração costumada. Entrego-lhes uma devassa, em regra, da vida privada da victima...

AFRANIO PEIXOTO.

X

AS PRIMEIRAS PROVAS

Um dos reporters interrogou:

— O assassino resistiu á prisão, não é verdade?

— Não, respondeu immediatamente Cabral, o assassino prendemo-lo pacificamente lá em baixo, escondido atraz de um viveiro de passaros.

— Mas, houve uns tiros aqui em cima, retorquiu o jornalista. Havia quinze minutos que eu estava lá em baixo, rondando a casa e ouvi perfeitamente.

— Tiros? Não sei disso, disse o delegado auxiliar, inquerindo os companheiros com os olhos.

Mello Bandeira enfiou ligeiramente:

— Não foram propriamente tiros, foram estouros. A minha lanterna policial tem um mechanismo um tanto complicado, ao qual ainda não me acostumei sufficientemente. A lanterna estourou, arrebentou e provocou o barulho que houve aqui.

Sorriram.

— Vocês riem, vocês riem! falou o major, perde-se um excellente auxiliar para a descoberta dos delictos.

No dia seguinte, ás 10 horas da manhã, havia na sala da delegacia um movimento sensacional.

Tinham começado as inquirições. Xavier, apesar dos seus destemperos nos momentos de irritação, era um espirito de ordem. Comprehendeu que, com o xadrez cheio dos presos da noite anterior, o serviço só podia ser atrapalhado. E combinou com Lobato dar liberdade aos detidos.

— Umas coisas insignificantes, doutor. Umas cabeças quebradas, umas taponas, umas xingações.

— Mas o typo do furto de doces da preta velha... observou o delegado. Aquelle sujeito parece-me atrevido.

— Tambem não vale nada, insistiu o commissario. Pandega de rapaz. Pois então, nós que temos um caso tremendo, como a morte do Sanches Lobo, vamos perder tempo em miudezas?! Isso serve para os dias mortos.

Lobato convenceu-se. Os presos foram soltos. Pedro Albergaria teve a liberdade.

O homem do gôrro era, como havia dito Enéas Cabral, o bode expiatorio de que a policia se serviria, se outro bode não apparecesse. Mas, apesar das provas que, contra elle existiam, das circumstancias da sua prisão, do proprio gôrro, não havia naquelles Scherlocks a convicção de que elle tivesse sido o criminoso.

Mello Bandeira dominava o espirito da gente da policia. Voluntarioso, teimoso, muito difficilmente deixava de seguir o caminho que as primeiras impressões num crime lhe haviam aberto diante dos olhos. Tinha elle encontrado o bilhete mysterioso junto ao cofre do banqueiro. O bilhete convencera-o da culpabilidade do sobrinho de Sanches Lobo e não queria largar o bilhete.

O primeiro a ser convidado para depôr, foi Cardoso. Eram 10 e meia da manhã, quando o medico entrou. Trazia uma ligeira impressão. Um chamado á policia desconcerta sempre. O seu sorriso não tinha a expontaneidade e o brilho do costume.

O major Mello Bandeira confabulou com Lobato e Cabral:

— Deixe-me interrogar o marreco. Sinto que o tenho nas mãos. Reparem: aquella physionomia não é de quem está innocente.

As primeiras palavras de Cardoso foram de protesto. Admirava-se que a policia, diante do assassinio de seu tio, fosse escolher a elle, sobrinho, para inquirir em primeiro logar, como si se tratasse de um vagabundo qualquer. Isso era uma nota muito desagradavel para a sua reputação de medico.

O major, com um sorriso de argucia disfarçada, desculpou-se. As circumstancias assim tinham exigido.

Ninguem melhor do que elle, parente, podia dar esclarecimentos á policia. Além disso havia uma accusação feita na propria delegacia pelo criado do banqueiro e essa accusação a policia não tinha o direito de desprezar.

— Accusação de um louco, disse o medico, revoltado.

— Mesmo assim, repetiu o major. Nestes primeiros momentos, tudo é luz para as trevas em que a justiça se encontra.

E, quiz saber como Cardoso empregara a noite anterior.

O medico alterou a voz um pouco.

— Como empreguei a minha noite?! Vendo doentes.

— A que hora entrou de plantão na Assistencia?

— A's 9 horas da noite.

— E não sahiu mais?

— Já não disse que sahi para vêr doentes?

— Sem ser para vêr doentes, não se retirou da Assistencia?

Cardoso respondeu, com segurança:

— Não.

Mello Bandeira teve um lampejo infernal nos olhos, conteve o sorriso de contentamento que lhe raiou nos labios e disse com um tom da mais doce naturalidade:

— Isso está em desaccôrdo com as informações colhidas pela Policia. O que a Policia colheu na propria Assisten-

cia é que o doutor entrou de plantão ás 9 da noite e ás 10 retirou-se, a pretexto de um chamado de sua familia e só voltou depois de meia noite.

Cardoso empallideceu subitamente. E gago e tremulo, comprehendendo que, por aquelle esquecimento, tinha cahido numa contradição que lhe podia ser fatal, exclamou:

— E' verdade! é verdade! não me lembrava disso. Fui chamado pela minha noiva, que se achava incommodada, e retirei-me do serviço.

E mais calmo, querendo ter segurança na voz:

— Não ha contradição no que eu disse. Mesmo indo vêr a minha noiva, fui vêr uma doente, pois ella estava incommodada da cabeça.

— E o nome de sua noiva, doutor? indagou o major.

Cardoso era de um temperamento inflammado.

— O'! mas é demais! gritou. Que a Policia tem com isso?

— Mas não lhe custa nada dizer, insistiu Mello Bandeira, com delicadeza.

— Rosa Guerreiro, disse contrariado.

O major limpou o *pince-nez* na ponta do lenço.

— E ella quando lhe escreve assigna todo o nome?

— E' uma pergunta irritante. Creio que a Policia nada tem com a minha correspondencia com a minha noiva.

Mello Bandeira era cada vez mais gentil e envolvente.

— Mas que custa responder a esta minha pergunta idiota? Basta um não, basta um sim — e está tudo liquidado.

— Assigna-se apenas Rosa.

— Muito bem. E tem o doutor cuidado com os seus papeis? E' uma pergunta sem nenhuma offensa. Um momento de attenção. Pergunto se o doutor não é descuidado, se uma vez ou outra perde os seus papeis?

Cardoso ficou atarantado. Aquillo era uma pergunta

— Mas este bilhete não é meu. Isto não é de minha noiva.

Mello Bandeira não se alterou. Com a voz calma e segura observou apenas:

— Ella dirá se é ou não.

O medico quiz erguer-se da cadeira:

— Mas os senhores foram incommodar minha noiva, por essa tolice?

— Evidentemente. Mandámos convidal-a para vir depôr.

O rosto do moço encheu-se de uma onda de sangue, todo elle vibrou num desespero.

— Mas, vem aqui, na delegacia?

— Sim.

Cardoso ergueu-se desvairadamente.

— Mas isto é demais. Não se faz tal coisa com uma moça, com uma moça de familia!

E as palavras vieram-lhe aos borbotões. Aos gestos, aos berros, protestou com uma energia allucinada.

Nesse momento as pessoas que estavam na porta que levava ao corredor afastaram-se, para dar passagem a alguem que chegava.

Uma moça vestida de seda, chapeu de pluma, entrou pallida, tremula, olhos espantados, seguida por um velho. Ao dar com os olhos em Cardoso que falava e gesticulava freneticamente, toda ella tremeu, e atirou-se para elle num chôro convulso, repetindo:

— Meu Deus! meu Deus! Para que fizeste?! Eu pensei que era brincadeira tua! Nunca imaginei que fosses capaz!

E abraçou-se ao medico, soluçando nervosamente.

Era d. Rosa Guerreiro.

VIRIATO CORRÊA.

simples, mas, feita d'aquella maneira, com aquelle arrodeio, deixava-o sem saber o que responder. Finalmente disse:

— Não sei onde quer o senhor chegar...

— Apenas saber se o doutor não perdeu algum papel, alguma carta ou bilhete de sua noiva, a d. Rosa.

Aquillo estonteou o rapaz. Instinctivamente, levou as mãos aos bolsos revolvendo os papeis.

Havia um silencio profundo na sala. Policiaes e reporters não faziam um rumor, ouvindo tudo sem perder uma palavra. Cardoso olhou em roda. Comprehendeu quanto era esquerda a sua situação, comprehendeu que o seu movimento de revolver os papeis era de alguma maneira compromettedor, mas um raio de intelligencia lhe clareou a razão e respondeu com firmeza:

— Não!

— Veja bem, insistiu o major. O doutor não tem certeza. Se tivesse, não ia examinar.

— Não! repetiu o medico raivosamente.

— E se lhe fôr mostrado um papel que o senhor perdeu?

Um gesto de espanto espalhou-se na physionomia de Cardoso.

— Não é meu, disse num impeto.

Mello Bandeira tirou calmamente o *pince-nez* e, como se estivesse a medir as palavras, falou:

— Não lhe fica bem essa affirmação, doutor. Pois se ainda não viu o papel, como é que diz que não é seu?! Não se atrapalhe, não fique nervoso.

O rapaz silenciou. Tinha percebido o mau effeito daquella negativa explodida antes do tempo.

— Mostre-me o papel! pediu depois.

— Eil-o, disse o major passando-lhe o bilhete, encontrado no quarto do banqueiro.

Cardoso pegou o bilhete. Uma exclamação sahiu-lhe sincera e forte:

XI

CAMINHO FALSO

Mello Bandeira desfraldava-se victoriosamente e tinha motivos de sobra para impár de orgulho, porque a sua perspicacia illuminava mais flagrantemente as trevas que envolviam aquelle caso do que o teria feito a sua propria lanterna. Aquella exclamação afflicta, com que a moça se lançára nos braços do Cardoso, ter-lhe-ia arrancado da boca a exclamação *Eureka,* se elle soubesse outra significação do nome historico, além da que lhe era tão conhecida pelos grandes serviços que sempre lhes prestava o preparado, tão expedicto em liquidações de firmas e outros passes de magia negra.

Não exclamou, muito pelo contrario, encolheu-se em silencio, deixando que a scena entre os noivos se prolongasse, esperando tirar tudo da commoção da moça e do atarantamento do medico, que já começava a perder as estribeiras, quasi convencido, (tal é o poder da suggestão), de que fôra elle mesmo quem assassinara o banqueiro.

E, d. Rosa, sacudida pelos soluços, repetia com a cabeça no peito sobresaltado do medico:

— Nunca pensei que fosses capaz.

Por fim, Mello Bandeira, adiantando-se solenne, disse em voz cheia e imperativa:

— Senhor dr. Cardoso!

O medico voltou o rosto e encarou o homem terrivel, olho da providencia policial, primeiro faro da Justiça Publica. E Mello Bandeira falou:

— Perdôe-me v. s.... Sinto muito interromper uma scena, em verdade commovedora e digna de noivos que se querem, mas a Lei impõe-me o triste dever de continuar. Estamos aqui para vingar a sociedade, manchada com o sangue de um dos seus membros mais dignos e v. s....

E pretendeu, ainda que com delicadeza, separar o casal. Mas o dr. Cardoso, que tanto se abatera com o habil interrogatorio a que fôra submettido, transfigurou-se ao vêr que o major ousava tocar no punho delicado d'aquella que seria a sua estrella na vida.

— Que faz, major?! Prohibo-lhe que toque nesta menina! Tenho supportado todas as suas impertinencias, mas repellirei a affronta se a ousar, entende?

— Perdão, doutor. Eu não quero, de modo algum, offende-lo e muito menos á senhorita. Sou cavalheiro, mas, em se tratando do cumprimento do dever, salto por cima de tudo. Tenha paciencia.

— Por cima della o senhor não salta!

— Salto, doutor. Eu aqui sou a Justiça e a Justiça é cega, e, sendo cega, não vê nada. Salto por cima de tudo. O doutor bem vê que estou calmo, não me exalto. Escandalos não adiantam. Se o doutor está innocente, porque se irrita? A verdade vem sempre á tona. Estamos perdendo tempo. Quanto mais depressa andarmos tanto melhor será para todos nós. V. exa. não acha?

Perguntou, em voz melliflua, á desolada moça, que levantára o lindo rosto lavado em lagrimas e olhava com espanto aquelle homem que falava ao seu noivo, um medico da Assistencia, como se se dirigisse a um criminoso vulgar. E elle insistiu:

— V. exa. não acha? Nós temos de dar fim a isto e se havemos de estar aqui perdendo palavras, é melhor decidirmos de uma vez. O homem era mau, e avaro, oppunha-se ao casamento... Olhe, senhorita, quer que lhe diga? sou incapaz de matar uma mosca, sou, mas se fosse seu noivo e alguem se oppuzesse ao nosso casamento...

— Miseravel! bradou Cardoso arremettendo, de punhos fechados, para o major, que recuou prudentemente, fazendo signal a duas praças para que contivessem o medico, que rilhava os dentes.

D. Rosa Guerreiro olhava espavorida para todos, como se procurasse naquelles homens impassiveis e severos um, de melhor alma, que se compadecesse da sua situação. Por fim, num impeto, fortalecida pelo amor, avançou violenta e, nessa investida, como o chapéu lhe houvesse cahido na rebentina, os cabellos desprenderam-se-lhe longos e envolveram-na em uma onda de ouro fulgurante. E, com a côr accesa nas faces, com a boca em sangue, com os olhos fuzilando toda ella parecia arder, como a wälkyria na montanha, cercada de chammas. E aquelles homens como que se sentiram vencer pela belleza dominadora.

— Vês? disse ella a Cardoso, falando-lhe em rosto. Vês? Eu pensei que era brincadeira tua! Nunca imaginei que fosses capaz. Nunca! Nunca! Nunca!

E atirou-se no sofá chorando soluçantemente.

Cardoso olhava airado, sem entender aquellas palavras, que tanto o compromettiam, e, quando o major animando-se a enfrenta-lo, perguntou-lhe com um sorriso ironico, fitando-o bem nos olhos:

— Então! elle encolheu os hombros, limitando-se a responder:

— Não sei. E depois, disse: — Interrogue-a. Não sei o que ella quer dizer com taes palavras. Não sei.

— Sei eu, meu caro doutor. E, voltando-se, então, para Lobato, que se mantivera como de pedra, sem tugir, olhan-

do principalmente os cabellos lindos de d. Rosa, que se espalhavam em jorro, pelo chão, exclamou triumphante:

— Está convencido, senhor doutor? Lá diz o adagio: "Quem é bom já nasce feito" e eu nasci feito para estas coisas. Uns têm cabeça para isto, outros para aquillo. Eu tenho cabeça para o crime. Uma vez na pista não o perco. E' alli! e trincou os beiços, fechando a mão, em murro.

Adquirindo calma, o medico dirigiu-se á noiva e disse-lhe alto, para que todos ouvissem:

— Rosa!

Impressionada com o tom da voz, a infeliz levantou a cabeça formosa.

— Que queres dizer com essas palavras, que tanto se prestam a firmar a suspeita, que sobre mim peza de haver eu sido o assassino de meu tio?

A moça poz-se vivamente de pé, e, com os olhos muito abertos, a boca em hiato, hirta, exclamou:

— Tio Sanches! Assassinado?

— Sim. Pois não sabes?!

— Não! Quando?

— A noite passada.

Rosa baixou a cabeça, ficou, um momento, immovel. Subito, aprumando-se, disse d'olhos altos, como se falasse a uma imagem mysteriosa della apenas vista:

— Quem sabe se não foi elle!... Deu para jogar... Não voltou á casa. Quem sabe?!

Nesse instante uma praça appareceu á porta, fez a continencia a Lobato e, como o delegado a interrogasse com um aceno de cabeça, adiantou-se e segredou-lhe algumas palavras:

— Pois sim. Manda entrar.

A praça retirou-se e Mello Bandeira preparava-se para proseguir no interrogatorio, quando Rosa, que se voltara para a porta, estatelou-se contendo um grito, encarada pas-

madamente no homem do gôrro, que entrava conduzido pela praça que falára a Lobato:

— Zé Bocó!

O homem do gorro attendeu ao nome e, reconhecendo a moça, atirou-se-lhe aos pés, de joelhos, chorando:

— Ah! senhora d. Rosa! Salve-me! Elles dizem que eu matei o velho. Eu, eu! que não mato nem o bicho, não é verdade, d. Rosa?... Eu!... Já me deram uma surra de vara de marmello que estou aqui que nem me posso sentar. A senhora fez muito bem em vir, d. Rosa. Eu não podia mais. Estava quasi dizendo que tinha matado mesmo, só para não apanhar mais. Assim como assim, a gente no Jury arranja-se, mas aqui, com esse mundo de praças em cima da gente: tome vara! tome vara! Ah! senhora d. Rosa, tenha pena de mim.

E, de bruços, beijava os lindos pés da noiva de Cardoso. Houve um silencio de surpresa e foi ella que o interrompeu perguntando ao misero:

— Por que não voltaste para casa?

— Porque? Pois vosmecê ainda pergunta? Porque elles me prenderam.

— A ti? Porque?

— Porque me acharam no jardim. Eu fiquei conversando um bocado na cosinha com a cosinheira, a gente bebeu uma cerveja, esqueceu o tempo. Quando foi para eu ir-me embora começou a encrenca de gente, uma barafunda, um desproposito de soldados. Eu queria sahir, mas me deu uma coisa, medo... Agachei-me no matto e fui ficando, ficando, até que elles me acharam.

— Com o gôrro do assassinado e com os bolsos cheios de dinheiro, disse Lobato, do alto da sua autoridade.

— Pois é, affirmou o homem. O gôrro, foi *seu* Sanches mesmo que me deu, porque d. Rosa mandou buscar para fazer, pelo velho, que estava muito sujo, um outro

novo. Não é verdade, senhora d. Rosa? Não foi vosmecê mesmo que mandou buscar?

— Fui, affirmou d. Rosa Guerreiro.

— E o dinheiro?!... O dinheiro que tinhas no bolso? insistiu com arrogancia o delegado.

O homem coçou a cabeça, atrapalhado, lançando um olhar d'esguelha ao velho que acompanhara d. Rosa, e com um sorriso, entre idiota e vexado, murmurou:

— Se vosmecê promette não me prender, nem tomar o dinheiro, eu digo a verdade.

— Pois diga!

— Vosmecê promette?

— Prometto.

— Pois o dinheiro é do perú.

— Que perú?

— Do perú alli do seu Gregorio.

E mostrou o velho aio de d. Rosa.

— Elle mandou jogar e eu joguei, o dinheiro é delle. Se vosmecê não acredita eu posso dizer o nome do bicheiro, que é um da Policia, que vosmecê deve conhecer. E por causa desse diabo de gôrro e desse perú damnado, que deu hontem, por mal dos meus peccados, estou aqui, que não posso commigo.

Mello Bandeira coçou o queixo e disse serenamente:

— Então foi a senhora que mandou buscar o gôrro?...

— Sim, fui.

— E porque mandou buscar o gôrro, disse com um sorriso sarcastico, recordando a phrase mysteriosa com que ella se precipitara nos braços de Cardoso, a chorar: "Pensou que era brincadeira delle... Nunca imaginou que elle fosse capaz, não?" Capaz de que, minha senhora? Diga! berrou ameaçadoramente.

COELHO NETTO.

XII

THEORIAS CRIMINAES

Enéas Cabral que, de pé, assistira, na entrada, ao fim desta scena, apresentou-se então. Dona Rosa teve alegre surpresa, ao vê-lo.

— Dr. Cabral, por quem é, o senhor que me conhece, salve-me, elles querem fazer-me passar por criminosa!

— Minha senhora, tenha calma e, sem rodeios, informe á justiça de tudo o que ella deseja saber. E' a melhor maneira de destramar a meada, em que se vai embaraçando...

— Eu conto, doutor, eu conto tudo o que sei.

E então, recompondo-se, em voz firme, contou como tentara reconciliar o Cardoso, o noivo, com o velho Sanches Lobo, o tio, que não o queria nem vêr. Tão bem dispostos estavam os dois, que a entrevista definitiva se havia de realizar hontem mesmo. Gracejando, Cardoso dizia-lhe que se o velho não o recebesse bem, havia de o esganar.

— Pois sim, replicava ao gracejo, vá, que nada acontecerá.

Hontem, ás dez horas da noite, quando elle lhe apparecera em casa, como houvesse pessoas estranhas em visita, e não pudessem conversar a sós, não se esqueceu, comtudo, de indagar:

— Fez o que me prometteu?

— Fiz... liquidei o velho...

Não lhe falou mais nisso, até que na hora do chá, perguntando-lhe qual tinha sido o acolhimento, Cardoso rectificara que não tivera tempo de procurar o tio, adiada para outro dia a entrevista. Quasi á meia noite, com as outras visitas, se retirára. Não podia imaginar como, nas commoções da prisão, para depôr, pudéra ter duvida sobre o caracter pilherico das affirmações do noivo. Podia affirmar, entretanto, que entre 10 horas e 11 e 55 da noite não podia ter assassinado ninguem, pois que estivera em sua companhia, com as pessôas taes e taes que citava.

O tom da narrativa era tão seguro e tão firme, que a convicção foi quasi geral, da sinceridade da moça. Mello Bandeira, porém, não se rendia:

— Está muito bem arranjada a historia, não ha duvida, mas a senhora esquece que ha este bilhete, a contrariar isto tudo...

E exhibiu, aberto, e á vista, o bilhete fatidico, o formidavel achado de sua lanterna.

D. Rosa olhou a principio com surpresa, depois com tranquillidade, e finalmente, com desdem:

— Apenas este bilhete não foi escripto por mim, nem dirigido a este Pedro. Pedro e Rosa não ha apenas dois, nós dois, neste mundo.

— Esta é de topete! Então resiste a esta evidencia?

— Major, se além da sua lanterna, tem o senhor senso commum, póde tirar a limpo se esta letra é, ou não, minha...

De facto, o argumento era decisivo. Bandeira procurava agora como havia de provar a identidade da letra, quando Cardoso, já reposto na calma, lembrou-se que tinha no bolso, dentro da carteira, algumas linhas escriptas pela noiva. Diante da autoridade, dona Rosa escrevera algumas phrases: confrontadas com a do papel, que fornecera o

medico, a semelhança era absoluta: ao envés, o bilhete achado pelo major Bandeira nenhuma parecença tinha com estas outras letras. Diante da evidencia, Mello Bandeira cahiu inanimado sobre a sua poltrona. Pensaram até num chilique.

D. Rosa, enrolando os formosos cabellos, que só então percebia desnastrados, olhou para elle, com piedade, e accrescentou:

— Major, um conselho... Não basta, para detective, ou scherlock, apenas uma lanterna, é preciso, primeiro, bom senso. Como este é difficil de adquirir, aprenda um pouco de graphologia, de chiromancia, aprenda a botar as cartas, que talvez lhe sejam uteis, para as suas descobertas policiaes.

Na commoção de sua vindicta, a moça foi cruel. Recompoz-se no espelho do delegado e, com as excusas do dr. Cabral, retirou-se, na companhia do Cardoso e do Gregorio, o seu velho aio, que daquillo levava a bôa impressão de ter ganho no jogo do bicho, coisa que ainda não sabia. O Zé Bocó, o homem do gôrro, tambem lavado de suspeita, foi mandado com elles.

Quando partiram, o delegado auxiliar deu olhar de commiseração ao pobre Bandeira, escorraçado, ainda sobre a sua poltrona, e, para elle e o Lobato, sentenciou:

— Está o que fizeram vocês... Não me quizeram ouvir... Tinhamos nomeado um criminoso, um responsavel, que arrastariamos ao jury, e com duas investigações inhabeis, e pela teimosia de fazer passar por culpado o sobrinho, lá se nos vae o Zé Bocó, o Cardoso, a dona Rosa... Temos de recomeçar; temos de achar um criminoso *ad hoc*, porque não é possivel que a Policia esteja sem um, á mão... Está o que vocês fizeram...

O dr. Lobato teve então o seu momento de triumpho, exultante:

— Perdão, dr. Cabral, temos a verdadeira pista, que é

a minha, a primeira, a moça disfarçada e os rapazes seus companheiros. Já a fiz buscar, á rua Paulino Fagundes...

— Talvez, para uma decepção, a sua, como foi agora a do major Bandeira, replicou o delegado auxiliar...

Depois de um momento de reflexão, o Javert nacional, reatou o fio de seu discurso:

— Meus caros amigos. Antes de estudar a jurisprudencia, fui dado a charadista. Vocês sabem o que é: o interesse do jogo consiste em procurar a decifração, que nos escapa; nisto nos entretem, nos quebra a cabeça, até que, por fim, eureka, a encontramos! Aqui o problema é diverso. Deram-nos por ponto de partida uma decifração, e nos disseram: procurem compôr a charada interessante, como que premissa desta conclusão. E nós nos puzemos na faina, nos esgotando ou nos divertindo no jogo, suppondo, talvez, divertir aos que nos cercam ou nos contemplam. Em vez de collaboração, uns aos outros, nos estamos empatando ,e desmanchando; dará coisa sem nexo, indigna de nossa capacidade policial. Imprudentemente, o dr. Lobato privou-me do homem do gôrro, deixando evidente a innocencia delle; acabo de fazer o mesmo ao major Mello Bandeira, liquidando o Cardoso e mais a dona Rosa. Só falta que o nosso companheiro exima de culpa a dona Lucinda, dando o trôco ao doutor delegado. Desse geito não conseguimos nada. Falta-nos methodo. O mal veiu do começo. Com a decifração prévia, não ha charada interessante ou engraçada. O recurso consistirá em procurá-lo, fóra, esse elemento de curiosidade, para chegar, d'aqui a dois outros mezes, ao exito completo.

Tomou folego e atacou outro genero de considerações.

— Tomam vocês ao pé da letra as nossas funcções, se suppõem que a Policia se fez para punir crimes. Não ha mais isto hoje em dia. Castigos e carceres materiaes passaram de moda. O que ha agora, é publicidade. Que importa a absolvição no Jury? Já o desgraçado se viu arras-

tado pela rua da Amargura, diffamado e publicado. A sociedade não se inquieta por mais ou menos um crime punido; quer informações, minucias picantes, calumnias bem arranjadas, depoimentos, accusações, insubsistentes, falsos, mas sensacionaes. Quando não é possivel fazer isto aos criminosos, paguem as victimas. O que de melhor temos a fazer, na presente conjunctura, a charada interessante, para a decifração que nos deram, consiste em revelar ao publico a vida privada do Sanches Lobo. Ao que estou informado, é o mais extraordinario romance de aventuras que é possivel imaginar. Uma mina, meus amigos!

Neste momento, um official de justiça inclinou-se diante do delegado Lobato, e exclamou:

— Está ahi a moça da rua Paulino Fernandes, presa hontem com os rapazes, pela praça 402!

AFRANIO PEIXOTO.

XIII

UM CRIMINOSO TRANQUILLO

Pedro Albergaria, ao sahir da Policia, estava contentissimo. Tudo lhe corria ás mil maravilhas.

O seu alibi, era, deveras, um achado precioso. Convinha, porém, não estraga-lo.

Seguiu dalli para a casa de um dos seus antigos patrões, afim de pedir-lhe por emprestimo alguns mil réis. Varias vezes fôra attendido em pedidos identicos e sempre os pagára. O seu credito estava, portanto, não só inteiro como consolidado.

Esse pedido insignificante seria uma nova prova de sua miseria. Um ladrão de centenas de contos não faria isso.

Estudando os grandes crimes, elle verificara que muitos criminosos se deitavam a perder porque tinham pressa de aproveitar-se do fructo do seu crime. Era um erro em que estava disposto a não incidir. Assim, quando chegou á casa e olhou para o logar do quintal em que a sua fortuna estava bem enterrada, notou com prazer que ninguem seria capaz de reconhecer onde a terra fôra revolvida. Já a agua que elle lançara fizera um pouco o trabalho de occultação. Uma pequena chuva, que sobreviera depois e tudo alagara, completou o serviço.

Pedro Albergaria tinha o firme proposito de não tocar no seu thesouro senão depois que a justiça ou tivesse feito archivar o processo do assassinio do velho Sanches ou tivesse condemnado algum innocente.

Com o seu caracter firme e perseverante — o caracter de um homem que se preparara na sombra, pacientemente, durante tantos annos, para fazer aquelle crime — podia-se ter como certo que elle cumpriria o seu programma.

Roia-o, porém, uma anciedade: saber o que se estava passando na policia.

E' dos livros que em geral o criminoso tem o irresistivel desejo de ir rondar em torno do logar do crime ou de revêr a victima. Elle, por isso mesmo, estava disposto a não cahir nesses erros. Continuaria a fazer o seu trajecto habitual para o trabalho. Procuraria não conversar com ninguem sobre o crime, mas, si lhe falassem, diria a respeito cousas banaes. Queria apenas saber o que estava nos jornaes.

Quando a filha de Sanches Lobo chegou á Policia, houve uma suspensão de trabalhos por tres horas. Foi o tempo bastante para que a ordenança do delegado, habilmente interrogada pelo reporter de um vespertino, lhe referisse tudo quanto até então occorrera. E duas horas depois, a narração estava na rua, com todos os seus pormenores — o que aliás fez o desespero do delegado auxiliar.

Albergaria teve occasião de lêr o jornal, com verdadeiro pasmo. O bilhete, os tiros, o enforcamento de Sanches Lobo — tudo isso era para elle uma série de espantos.

De facto, elle não enforcara o banqueiro: suffocara-o, asphyxiando-o. Puzera uma das mãos no pescoço e outra, espalmada, fechando-lhe a boca e o nariz. A asphyxia sobreviera rapidamente.

De onde, portanto, surgira a corda?

Albergaria se lembrou que achára no cofre um grande maço de papeis, amarrado. Tivera de desatar o embrulho e a corda que o prendia ficára cahida no chão. Si o medico a encontrára em torno do pescoço do banqueiro, isso devia significar que, depois que elle, Albergaria, sahira, outra pessoa entrára no gabinete do banqueiro e julgando-o vivo, pensára em enforca-lo. Essa idéa lhe fora certamente suggerida por ter visto a corda cahida perto do banqueiro.

No cofre, Albergaria deixára ainda dinheiro. Teria o outro ladrão — si outro houve — roubado o resto? Era uma nova complicação que elle não tinha previsto, mas que vinha em seu auxilio. Assim, talvez se pudesse achar um criminoso e condemna-lo com toda a justiça, sem que elle sentisse nenhum remorso. E' verdade que esse outro teria matado... um morto. Mas, de facto, tratava-se de um bandido porque elle suppuzera matar um vivo. A intenção vale a acção.

E o bilhete?

Achou curioso que fosse dirigido a um Pedro. Não era, porém, a elle. Nem elle possuia nenhuma amante chamada Rosa, nem commettera o crime por amor de ninguem. Jámais falara de Sanches Lobo a pessoa alguma. Jámais! Nem palavras de odio, nem palavras de hypocrita sympathia, nem referencias insignificantes de especie alguma.

Talvez dos papeis que estavam no proprio cofre, algum houvesse cahido — e fosse esse bilhete. Talvez esse bilhete pertencesse ao criminoso que fôra depois delle e reassassinára o já assassinado banqueiro.

Havia a scena dos tiros. Mello Bandeira a explicava dizendo que tinham sido estouros da sua lanterna. Nesses termos, a coisa não podia ser verdadeira, porque, segundo contava o jornal, havia uma espessa fumaça na sala e muitos objectos quebrados.

O mais que se podia admittir era que a lanterna tivesse

tido um primeiro estouro e os circumstantes, vendo-se no escuro e pensando que fôra um tiro, começassem a disparar a torto e a direito. Mas tambem não era impossivel que o segundo criminoso ainda estivesse occulto na casa e, aproveitando a escuridão, houvesse dado um tiro na lanterna para quebral-a e acabado por fugir.

Fosse como fosse, Albergaria não sentia motivo nenhum de susto. Tudo para elle ia muito bem.

O jornal dizia que a policia fizera intimar a filha adoptiva do banqueiro, D. Rosa, que a criada de Sanches Lobo reconhecera como uma moça vestida de homem presa pela policia, na noite do assassinato.

Era absurdo.

Albergaria lembrou-se perfeitamente da entrada da criada na delegacia, do seu grito revelando a morte do patrão e do seu desmaio.

A moça, que estava na delegacia, não teve com isso a menor commoção. Depois, quando a criada desmaiou, ella assistiu ás manobras de respiração artificial com a maior tranquillidade. No momento em que Albergaria lhe aconselhou que fugisse, ella lhe agradeceu com um amavel sorriso e sahiu muito alegre com a liberdade que assim conquistava.

Manifestamente, a criada se enganára, tomando a prisioneira da delegacia pela filha de Sanches Lobo.

Era preciso que essa rapariga fosse um monstro de cynismo e de dissimulação para não estremecer vendo chegar uma pessoa que a conhecia tão bem e assistindo ao que se fazia para reanimal-a. Ella não podia deixar de estar apavorada, pensando que, ao despertar, a criada de Sanches Lobo a iria reconhecer e denunciar. Ora, ao contrario, ella sempre se conservara indifferente a esse caso.

No emtanto, era incontestavel que se tratava de uma moça nervosa, porque estava incommodadissima com o facto de ter sido conduzida em uma *viuva alegre*. Quem

vibrára tão sinceramente por cousa tão minima não podia conservar-se com uma calma olympica diante de um facto infinitamente mais grave. E Albergaria se lembrava perfeitamente de que, nem no momento do desmaio da criada nem depois, ella ligara alguma importancia ao caso.

A criada estava emocionada, estava mesmo um pouco fóra de si: não era uma testemunha em boas condições. Fôra illudida por uma semelhança que até talvez não chegasse na vida real a ser muito grande, porque a moça da delegacia estava disfarçada. Era, portanto, assim disfarçada, que ella se parecia com a filha de Sanches Lobo.

Mas, fosse como fosse, Albergaria verificou que nada havia que o devesse assustar. E resolveu voltar á sua vida de todos os dias, sem a menor alteração, esperando, entretando, saber que depoimento a filha de Sanches Lobo faria.

& (MEDEIROS E ALBUQUERQUE).

XIV

A BOLA DE PEDRO

Depois deste longo devaneio, no qual ás representações reaes se juntavam as imagens de sua fantasia, por um phenomeno muito commum de falsificação e para o qual feiçoamos os acontecimentos —, Pedro Albergaria deu profundo suspiro, bateu a mão na testa, e exclamou:

— Não vá que acabe *gira* com esta *mentirada* dos jornaes, com o que succedeu de facto, com o que agora se recompõe, na minha cabeça.

Como para tirar a limpo a sua duvida, recapitulou alguns episodios, procurando focalizar a attenção, evocar as impressões veridicas, para não se trahir com os elementos parasitarios da emoção, ou do interesse, capazes de mudarem a realidade em puro romance. Mas, ainda por esforço, na mente conturbada, não appareceram, com a nitidez desejavel, as impressões reclamadas.

— E' curioso como até detalhes absolutamente materiaes, e dos que me não deveriam esquecer, se me *embrulham* agora na lembrança... Por exemplo: quando me preparei para o crime, querendo evitar que as marcas digitaes pudessem ficar nos objectos tocados, escolhi e enfiei nas mãos umas luvas velhissimas de fio de Escossia...

Entretanto, na Praia de Botafogo, lembra-me bem, lancei ao mar luvas de borracha... Como explicar isto? As duas impressões são absolutamente presentes, e nitidas, e, entretanto, discordes... Os sapatos de verniz que lancei nagua, estou, se é possivel, estou-os vendo... entretanto, em casa, calçara botinas de tennis, com sola de borracha, das quaes me recordo, com toda a segurança. Estarei louco?

Passou a mão pela testa humida, apalpou-se todo, como para experimentar a sua sensibilidade, *ferrou* em si mesmo uns beliscões, deu uns passos, falou alto, olhou para a rua e pareceu certificar-se que estava bem são, e, acreditava, no seu juizo perfeito.

Entretanto, continuava a ruminação das discordancias de sua memoria.

— Enforquei-o ou o suffoquei? Evidentemente, enforquei, não enforcamento com as mãos, o que não póde ser, mas com um laço, de corda; entretanto, lembra-me tambem que lhe tapei o nariz e a boca. Mas isto apenas completou, inutilmente, aliás, a asphyxia, porque a victima não reagiu, o que aconteceria á simples suffocação pelas mãos oppostas á boca e ao nariz. Ora, diz o jornal que o medico-legista não achou signaes de lucta no corpo, de onde se infere que a acção das minhas mãos diante das extremidades respiratorias não teve mesmo efficacia. Enforcamento, de certo, não ha duvida, e olhem que o tal dr. Theopompo Vasconcellos não é a cavalgadura que por ahi andam dizendo.

E o bilhete? Ahi é que a mente de Albergaria ganhava o auge da perplexidade. Mudara de roupa, não levara nada comsigo, entretanto, era indiscutivel, — para que nega-lo a si mesmo? — era o que a Rosinha lhe havia escripto na vespera, quando sentira que elle vacillava no seu plano de vingança. Não havia duvida que era, a sua namorada, era Rosa, bem Rosa, e elle era Pedro, Pedrissimo, Pedro Albergaria. Era, porém, o diabo aquelle bilhete; por

mais que quizesse nega-lo a si mesmo, não o podia engeitar, nem mudar, como alterara as qualidades das luvas e do calçado. Olhem que o major Bandeira, com a sua lanterna, lavrou um tento! Este maldito bilhete é a pista unica por onde me podem seguir... Ora, *seu* Pedro, concluiu entre si, tanto plano, tanto cuidado, e descobrir-se assim, como idiota, á lanterna do Major!

Ficou um momento apprehensivo, mas, depois, como confiado, na dissimulação habil que premeditara, terminou a reflexão:

— Tambem não exaggeremos... com uma Rosa, e um Pedro, não irão longe, se apenas tiverem isto. Não somos os unicos possuidores dos nomes. Pedro ha ás duzias...

Lembrou-se então da Rosa, associada na memoria a este incidente, e pensou:

— Apesar de minha mãe, de meu longo e entretido odio, talvez, sem ella, este raio da Rosa... não tivesse coragem de realizar o crime...

Quasi que agora a fazia culpada de tudo. Riu-se dessa reviravolta dos seus sentimentos, e com o habito de analyse que o não abandonava, dentro de si, pôz-se a indagar das razões dessa mudança.

Será possivel que a gente mude tão depressa, ou se deixe tão facilmente impressionar? Desde hontem, que não me larga e me obseda aquella figurinha deliciosa de mulher, envolta no disfarce de um trajo masculino, que a não encobria, antes melhor a revelava. Que lindo rosto! Como os cabellos loiros lhe iam bem á pelle morena! Chegara, no primeiro movimento de sympathia, a soffrer com ella, que a tivessem trazido numa *viuva alegre* e não num carro de praça, um *taxi* decente, como bem merecia. Quando, ao accidente da criada do Sanches, se puzera a chorar, a chorar convulsivamente... Espera, Pedro estava calma, indifferente, como imaginei ha pouco, ou chorava, desabaladamente? Não sei. Sim, chorava, e tanto que me cortou

o coração, e logo minha preoccupação foi salva-la e dar-lhe escapula, na primeira opportunidade, o que alcancei... Bem quizera que aquelles melros dos dois companheiros, o Julio e o outro, o que lhe alisava os cabellos, pudessem ficar trancafiados!

Parou um instante, deu largas passadas e reatou o fio do pensamento.

— Vamos, *seu Pedro*, confesse, é mais nobre, confesse que a menina do disfarce lhe deixou fortissima impressão. Será isto o que os autores, creio que o Stendhal, chamam o *coup de foudre*, o que o academico Salgado trocou por *fou de coudre*, no seu ultimo romance?

Riu-se de sua mesma alegria, e concluiu, alto o seu monologo.

Você está rindo, é metade; se vier a chorar, é o resto. Você está amando, está chumbado, meu amigo. Era o Sainte-Beuve quem dizia a George Sand, que o consultava sobre signaes de amor: *Vous pleurez? alors, vous aimez!* A verdade é que se começa rindo. Você já está contente, *seu* Pedro... Ou, então, você está doido!

Parou de novo e tornou a indagar pelo mesmo antigo e rudimentar processo, se tinha o juizo no seu logar. A' confirmação, voltou á calma, e proseguiu na sua analyse psychologica.

— E a Rosa? Quasi me é indifferente, se não lhe attribuo a culpa do crime. Pedro menos foi quem deu o ultimo impulso para elle. Quero-lhe talvez mal por isso. O caso é que ha pedaço troquei o nome da moça disfarçada, que ainda não sei qual é, pelo da outra, como se fosse luva ou sapato... *Seu* Pedro, *seu* Pedro, isto não vai bem... Quando a gente se mette numa historia, deve prestar bem attenção a tudo, para não *bolar as trocas*...

Apesar da graciosa conclusão desse juizo, ao pensar na moça disfarçada, Pedro Albergaria, depois da sua anomala hilaridade, se tornara sombrio e triste.

— Que será feito della? Como a verei de novo?

Tinha quasi vontade que viesse a apparecer no processo mesmo fortuitamente, pois os jornaes falariam, e elle poderia então saber quem era, saber tudo, tudo o mais que agora constituia o essencial para elle. Sem atar a esses pensamentos outros que explicassem a sua decisão, tomou do chapéu, abriu a porta, e sahiu á rua, numa impulsão decidida.

— Não era possivel ficar assim sem saber nada. Nos jornaes eram escassas as informações, as que agora lhe importavam. Ia talvez consegui-las.

E, sem attender ao que fazia, resoluto, com um fito imprescriptivel, como se jogasse a vida e a morte, endireitou para a Praia de Botafogo, no fim, em procura do numero 522.

Olhou vagamente a casa diante da qual parara e, decisivamente, entrou, subindo as escadas. Esgueirou-se pelos corredores, que imprecisamente reconhecia, confundido na multidão que entrava e sahia, e chegou assim até á porta que dava para uma sala, onde se passava alguma coisa insolita.

Soldados e escreventes vedavam a entrada, de pescoço estendido, vista e ouvido attentos. Pedro conseguiu alçar-se no bico dos pés, e olhou...

— Meu Deus... é ella! ella de novo aqui!

Ia-lhe o grito de espanto sahir da garganta, mas se conteve, ou os outros não lhe deram attenção.

Como estava linda no seu severo vestido preto, agora vestida de mulher, e mulher elegante que era, embora numa perfeita simplicidade, por isso mesmo mais encantadora! Defronte della Lobato, que a interrogava e dois mais, que seriam o Bandeira e o Cabral, de que falavam os jornaes. A desgraçada mal podia estar sentada, sacudida de soluços convulsivos, a chorar perdidamente. As lagrimas

vieram então aos olhos de Pedro, numa irreprimivel emoção.

Não se pôde conter, afastou os obstaculos em torno, deu passo á frente, gritou, numa voz de possesso:

— E' injustiça, é injustiça! Não vêem que ella está innocente?!

AFRANIO PEIXOTO.

XV

OS INDICIOS

A sala ficou de subito surprehendida e toda a gente se calou ao inesperado daquelle grito. D. Lucinda ergueu-se da cadeira com os grandes olhos espantados. O *pince-nez* do major Bandeira ia cahindo.

— Quem é este homem? interrogaram todos com o olhar.

Lobato levantou-se para fitar Albergaria mais de perto, e, depois de encara-lo, voltou-se para traz:

— Xavier, vem cá.

E um instante depois:

— Este moço não é aquelle tal dos doces da preta velha?

— E', respondeu o commissario.

Albergaria cahiu em si. Tinha feito uma imprudencia inqualificavel, que lhe poderia ser fatal. De que lhe tinham servido o longo estudo do crime, a premeditação de tantos annos, a preoccupação de não deixar o mais pequenino vestigio, se agora, por um impulso de amor, estava a metter os pés pelas mãos, a fazer gestos desvairados e compromettedores?! Um relampago clareou-lhe a cabeça. O remedio, alli era revestir-se de sangue frio e agir com dissimulação e cynismo,

— Que vem o senhor fazer aqui? perguntou Lobato, arrogantemente.

— Venho em defesa desta pobre moça que a policia pretende envolver num crime de que ella não tem culpa.

Aquellas palavras, naquelle tom affirmativo de convicção, desagradaram ás autoridades. Mello Bandeira, vendo em tudo a ponta de um fio de meada, atirou-lhe uma interrogação intencional:

— E como sabe que ella não tem culpa?

Albergaria já estava na plenitude da razão: não se perturbou.

— Porque não precisa enxergar através da parede para a gente se convencer de que uma senhora desta ordem seria incapaz de praticar, de architectar, ou mesmo de pensar, um crime tão monstruoso.

Os policiaes ficaram um instante calados. O tom de convicção de Albergaria era fundamente impressionante.

— E o senhor conhece esta moça? interrogou Cabral para ter alguma coisa que dizer.

Entre d. Lucinda e Albergaria havia agora elos muito fortes. Logo que elle entrou com aquelle grito surprehendente, ella se espantou por ter nelle visto o rapaz que, na delegacia, lhe abriu a porta para a fuga. Aquelle gesto tinha-lhe deixado um grande sulco no coração. Seu desejo era encontrar o moço para lhe dizer a gratidão que lhe ia n'alma. E eis que agora elle lhe apparecia com um movimento maior de generosidade, affrontando a lei, affrontando o frenesi do *scherlokismo* policial, para affirmar escandalosamente que ella era innocente. Sentia por elle naquelle momento todo um impulso de amizade e ternura.

— Responda, conhece esta senhora? — insistiu Cabral.

D. Lucinda volveu para o 1.º delegado auxiliar os seus bellos olhos molhados:

— Somos amigos.

Albergaria como que havia encontrado a deixa naquelle instante:

— Mas os senhores que estão tão acostumados a desvendar mysterios não perceberam immediatamente que só laços de amizade aqui me haviam de trazer?! Somos amigos, está claro. Se assim não fosse eu tinha o direito de aqui pisar?

Tudo aquillo desnorteava a cabeça das autoridades. A policia debatia-se com o assassinio de Sanches Lobo num verdadeiro labyrintho. D. Lucinda era a ultima sahida que ella tinha encontrado. Se aquella falhasse estava tudo perdido. Numa outra occasião, o apparecimento de Albergaria, gritando a innocencia da filha do banqueiro, nada teria de anormal e estonteador, mas n'aquella em que todos já esperneavam em completa barafunda, era absolutamente perturbador.

Mello Bandeira conservava alguma calma. A longa pratica de investigações dizia-lhe que não desprezasse o mais vago indicio, e que, indicios não havendo, procurasse inventa-los.

E perguntou:

— O senhor sabe alguma coisa sobre o assassinio de Sanches Lobo?

— Sei tudo, respondeu Albergaria.

Uma exclamação sahiu de todas as physionomias. Xavier levou immediatamente a mão á cabeça, coçando-a no seu gesto natural; Cabral arregalou os olhos anciosos; Lobato empinou-se nos saltos dos seus sapatos elegantes e o olhar de Mello Bandeira coruscou afoitamente através dos vidros do *pince-nez*.

— Sabe? disse o chefe dos *Scherloks*, numa alegria commovida.

— Sei tudo que contam os jornaes — concluiu Albergaria.

Uma decepção! Albergaria, porém, não lhes deu tempo tempo de falar:

— E pelo que se deduz do que contam os jornaes, a policia está errada.

— Errada! exclamou Mello Bandeira chocado.

— Erradissima. Até agora que têm feito os sonhores? Têm perdido o tempo em inventar um assassino. Seria melhor empregar o tempo em descobri-lo. E, para descobri-lo, o que é necessario? Procurar os indicios, dirigir-se á pista delles. Num assassinio como o do banqueiro Sanches Lobo, onde devem estar os indicios? Lá mesmo no local do crime. E a policia já lá foi estudar o local? Pelo que li nos jornaes os senhores apenas estudaram a posição do cadaver, o quarto. Mesmo esse estudo foi incompleto. Estudaram as impressões digitaes deixadas nos moveis? Não. Num crime daquella ordem o criminoso deixa sempre a sua passagem. Agóra porém é tarde. A Policia examinou os rastros deixados no jardim, na escada, no proprio quarto? Tambem não. Quando soube do crime foi entrando casa a dentro, apressadamente. Quem nos diria que, se fossem estudadas as pisadas, deixadas na areia, não se viesse facilmente descobrir o criminoso pelo tamanho do sapato? Ha crimes que têm sido desvendados só por essa minucia. Aqui mesmo já se deu um caso desse: Rocca foi apontado como assassino dos irmãos Fuoco, unicamente porque deixou na cama da victima os signaes dos seus sapatos. Agora porém é tarde.

A intenção de Pedro Albergaria era desnortear a Policia. Elle bem sabia que, pelas impressões digitaes, o crime não poderia ser desvendado, pois que elle o praticara calçado com luvas de fio de Escossia. Sabia tambem que, pelo rastro deixado na areia pelo assassino, não podia haver nenhum esclarecimento, visto que elle tivera o cuidado de calçar botinas de tennis.

E voltando-se para as autoridades:

— Os senhores certamente perdoarão estas minhas observações. Não valem nada. Mas, quem está de fóra, a maioria das vezes vê melhor do que quem está de dentro.

Mello Bandeira era verdadeira mania policial. Não podia ouvir ninguem falar com algum senso de coisas criminaes que não tivesse por esse alguem um impulso de sympathia. Naquelle momento Pedro Albergaria não era mais para elle um homem como os outros e sim um collega, um technico, uma criatura capaz de esclarecel-o em duvidas futuras.

E, chegando a cadeira para perto de Cabral, segredou aos ouvidos do delegado auxiliar:

— No fundo é elle quem tem razão.

Albergaria continuava a falar.

— Quanto a querer enleiar esta moça no crime, disse apontando d. Lucinda, acho que os senhores com isso mostram apenas um desnorteamento palpavel. Eu ouvi a explicação que ella meu deu. Estava vestida de homem porque ia a um baile á fantasia na casa de uma amiga. Explicação absolutamente razoavel, já que estamos em proximidades do Carnaval. O facto que os senhores muito estranharam della ter sido encontrada na rua, naquelles trajes, em companhia de varios rapazes, ella tambem explicou perfeitamente. Os rapazes eram da casa em que ia realizar-se o baile, e tinham vindo busca-la para a festa. Não é porque eu tenha por esta senhora uma sympathia muito forte, mas pela propria reputação da Policia. Insistir em compromette-la é pouco intelligente e tempo perd'do. Os senhores estranham que ella tivesse fugido da Policia depois de presa. Isso é até um symptoma da sua innocencia ou melhor, da sua pureza. Qual é a moça que quer estar detida numa delegacia? Qual é a moça que, estando presa naquella situação e, encontrando a porta aberta não fuja?

Nesse momento calou-se. Uma pallidez subita cobriu-lhe o rosto. Quiz dizer mais alguma coisa, mas a lingua

como que lhe pesava na boca, presa por uma força estranha. Toda a gente lhe voltou os olhos, estranhando aquella perturbação inesperada.

O olhar de Pedro Albergaria estava fixo em cima de um consolo da sala. Sobre o consolo dois objectos se destacavam: o par de luvas de fio de Escossia e as botinas de tennis de que elle se servira para o assassinio de Sanches Lobo.

Como, como aquelles objectos alli se encontravam?

E tentou ainda falar e não pôde. A tal força estranha prendia-lhe a garganta.

VIRIATO CORRÊA.

XVI

OS CÃES POLICIAES

As palavras de Albergaria, mettendo-se, d'escantilhão, pelos ouvidos de Mello Bandeira, invadiram-lhe o craneo e aquillo ficou, mal comparando, como a rotunda do Palacio Monroe em dia de enscenação patriotica.

O pobre homem azoinado, aturdido, rolava afflictamente os bogalhos dos olhos, respirando sofrego, aos haustos, como na ameaça de apoplexia. E lá dentro, na caqueira ossea, como se fossem berradas num porta-voz monstruoso alto-falante, atroavam as sentenciosas palavras do assassino astuto: "Num assassinio como o do banqueiro Sanches Lobo, onde devem estar os indicios? Lá mesmo no local do crime. E a Policia já lá foi a estudar o local?"

Mello Bandeira saltou como se houvesse sido picado por uma vespa e, embarafustando pelo corredor, foi direito ao telephone, pedindo ligação com: Central 4820. E bramiu:

— E' o Quartel da Brigada? Quem fala aqui é o Mello Bandeira. Sim. Chame o Taborda ao apparelho.

Instantes depois esbaforidamente, como um cyclone, o grande investigador, apanhando um chapeu, o primeiro que encontrou á mão, trambolhou pelas escadas da delegacia,

ouvindo sempre, em acusma, as atroadoras palavras: "... Onde devem estar os indicios? Lá mesmo no local do crime".

Passava um taxi. Tomou-o, mandando tocar para o palacete de Sanches Lobo.

No desvario em que ia, todos os rumores soavam-lhe como as sensatas palavras que ouvira. Se o *chauffeur* buzinava, ao approximar-se de uma esquina ou para avisar um transeunte distrahido, no som da buzina Mello Bandeira ouvia: "Num assassinio como o do banqueiro Sanches Lobo..." Um pequeno que apregoava um jornal, disse-lhe claramente: "Lá no mesmo local do crime..." E uma mulher enxundiosa, que derramava a peitarraça ao peitoril de uma janella, berrou para uma mulata de gaforinha pimpona, que batia as chinellas de bico em regamboleios na calçada fronteira: "...Onde devem estar os indicios?"

— Anda com isso, que diabo! bradou Mello Bandeira ao *chauffeur*.

E o taxi voou, ameaçando vidas, através duma rumorada fantastica de vozes, só ouvidas do obsidiado agente, que diziam: "Num assassinio como o do banqueiro Sanches Lobo..." "onde devem estar os indicios?..." "Lá mesmo no local do crime..."

O palacete Sanches Lobo transbordava de gente. Mello Bandeira precipitou-se para o jardim, sem attender ao *chauffeur*, que reclamava o pagamento da corrida e, a quatro e quatro, galgou os degraus da escada de marmore, onde encontrou Bonifacio, de preto, muito grave, recebendo as pessoas que iam prestar ao seu querido patrão as ultimas homenagens.

Ao vêr Mello Bandeira avançar d'arrancada pela varanda, como se se dirigisse á sala de jantar, foi-lhe no encalço, chamando-o:

— Com perdão...

Mello Bandeira voltou-se de má sombra e o velho famulo, inclinando-se respeitosamente, disse-lhe:

— V. S., com certeza, quer vêr o defunto, o meu infeliz patrão. E' alli, na sala de visitas. Venha V. S. commigo. O enterro é ás quatro.

O velho criado, que era garrulo, teria continuado a esmiuçar pormenores, se Mello Bandeira não o houvesse interrompido com autoridade:

— Pouco me importa a mim o enterro. E pondo-lhe a mão ao hombro: Diga-me cá você: mexeram no cadaver? Fizeram alguma coisa?

— Sim, meu senhor, fizeram-lhe a barba. Como o patrão nunca sahia de casa sem fazer a barba, eu tive a idéa de mandar chamar um barbeiro aqui na vizinhança.

Mello Bandeira não conteve a colera e, agarrando o velho pela lapella do casaco, sacudiu-o violentamente, dizendo-lhe em rosto, de dentes cerrados:

— Idiota! Idiota! E os vestigios, grandissima zebra! Pois o homem é assassinado, estrangulado, *seu* asno! estrangulado! e tu mandas chamar um barbeiro para que me raspe os vestigios do crime?! E se eu te responsabilisasse, heim...? Fala! Se eu te responsabilisasse?! Se eu te responsabilisasse?!

— Perdão! V. S. trata-me... Eu, ainda que mal pergunte: A quem tenho a honra de falar?

— A' Policia. E' quanto basta.

Desfechou dois murros no ar exclamando com odio:

— Barbeado! Cavalgadura!

Mas, em subita inspiração, perguntou:

— Ha gente lá com o defuncto?

— Se ha gente? Está assim, meu senhor. E Bonifacio apinhou os dedos de ambas as mãos. Eu até estou com receio de que no meio daquelle mundo, porque eu não os conheço a todos, haja algum gatuno que, a pretexto de fazer quarto ao finado, bata por ahi alguma coisa. Depois

do que houve nesta casa, V. S. comprehende, toda a cautela é pouca. Eu, por meu gosto, não entrava aqui ninguem. Morreu, está acabado. Mas que se ha de fazer?

— Pois sim...

Mello Bandeira examinava a varanda attentamente, ia duma a outra porta, apanhava ninharias no chão. De repente um retinir de campainhas fe-lo levantar a cabeça.

— São elles! exclamou, dirigindo-se apressadamente para a escada.

— Elles, que, meu senhor? Querem vêr que V. S. descobriu ladrões aqui dentro? Bem me estava parecendo a mim. Ha lá certas caras... Olhe, está lá um magricela que, ou eu muito me engano ou o vi hontem, com estes olhos, na delegacia... Olhe, eu vou fechar a porta e assim V. S. prende-os a todos e é até possivel que, no meio delles, esteja o assassino do meu infeliz patrão.

— Mas que diabo está você ahi a dizer?...

— Falo dos ladrões.

— Que ladrões? Eu falei em ladrões?

— V. S. não disse: São elles?!

— Elles? Ah! sim. São elles, os cães...

— Os cães?!

— Sim, os cães que mandei vir da Policia. Faço-os farejar o corpo... E a proposito: Vocês não lavaram o corpo?

— Um quasi nada, meu senhor. Elle estava limpo. Tinha tomado banho no domingo, que era o seu dia d'agua. Mas dizia V. S. que... faz os cães farejarem o cadaver?...

— E solto-os depois por ahi. Elles vão pelo faro e descobrem o assassino.

Uma *viuva alegre* parou ao portão do palacete e Mello Bandeira atirou-se pelas escadas perguntando aos berros:

— Veiu o Bruzundanga? Hein, Taborda? Trouxeste o Bruzundanga?

Latidos ferozes responderam da *viuva alegre* á inter-

rogação do chefe do serviço de investigações e dois homens, contendo difficilmente duas trellas, nas quaes se debatiam, aos arremessos, seis formidaveis cães policiaes, desceram á calçada e um delles, bexigoso, com um bocio que se lhe emplastava no collarinho sujo, suando em bicas, disse, de mau humor:

— O Bruzundanga está ahi, *seu* major, está ahi. Mas V. S. tome cuidado com esse bicho. Isto é um cachorro damnado! Se vosmecê solta essa féra nessa casa com esse defuncto e toda essa gente que está ahi, não sei. Eu acho isto um perigo. Emfim, V. S. sabe melhor do que eu o que tem a fazer. O Bruzundanga está ahi. Está o Bruzundanga, estão os dois belgas, o hollandez, e as duas francezas. Se é só para correr a casa, emfim... Vamos vêr.

— Não! E' preciso que o Bruzundanga cheire o defuncto. Naturalmente o assassino poz-lhe a mão na garganta.

E lembrando-lhe a barba feita teve novo accesso de colera:

— Estupido!

— Estupido porque, *seu* major? Se eu falo, é porque conheço os cachorros. V. S. vae vêr.

— Não falo comtigo, Taborda. Vamos, solta a cachorrada na chacara e vamos lá á sala com o Bruzundanga, para que elle fareje o defuncto.

O do bócio, que era o Taborda, agachou-se murmurando e disse ao companheiro:

— Solta os bichos.

— P'ra quê?

— Para fazerem o serviço. Eu vou soltar as francesas e vou levar o Bruzundanga lá em cima. Isto vae ser uma encrenca damnada. Você vae vêr.

— Prompto, *seu* major!

— Isca! ordenou Mello Bandeira!

E os dois homens abriram o portão e cinco cães poli-

ciaes atiraram-se pelo jardim em desapoderada corrida, subiram a escada e, instantes depois, era gente a fugir aos gritos, gente a atirar-se pelas janellas, uma inferneira dos diabos.

E o Bruzundanga, excitado com o rumor que se levantava na casa funerea, com um arranque violento safou-se das mãos do Taborda, investindo desabridamente á varanda.

Bonifacio mal teve tempo de marinhar por uma das columnas, encolhendo as pernas e na camara ardente, com a entrada do terrivel animal, só ficou o banqueiro. Um dos cirios, cahindo, communicara o fogo aos pannos da eça. E Bruzundanga atirou-se ao defuncto.

COELHO NETTO.

XVII

O FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

Albergaria não desfitava as luvas e os sapatos depostos sobre o consolo da sala da delegacia, na estupefacção que lhe atava a fala na garganta e engrossava a lingua secca na boca. Lobato interrompeu este silencio tragico:

— Porque assim lhe impressionam aquelles objectos?

Pedro, ao som dessa voz, que lhe recordava o immenso perigo a que se expunha com a sua desgovernada emoção, fez sobrehumano esforço para apparentar calma e, dando pausa ás palavras, entono á voz, arrogancia á attitude, apontou para o movel, agora alvo de todas as curiosidades, e perguntou:

— Quem sabe se alli não estão os indicios, que os senhores procuram e de que devem cuidar, em vez de perder o tempo, martyrizando victimas innocentes?

Mello Bandeira dava pulos na cadeira, esfregando as mãos, a exclamar, como tomado de uma idéa subita, que se ia transformando em impulsão reflectida:

— Este rapaz dá para *detective!* Deu-me duas idéas, luminosas!... Aquelles indicios e o exame dos locaes...

Foi então que se levantara, como que fisgado pela tarantula, numa vibração quasi de delirio, para pedir pelo telephone a ligação com a Brigada, Central 4-8-2-0.

Emquanto isto, Lobato indagava de Xavier:

— Que objectos são aquelles?

— Eu estava para informar, mas não me deram tempo... De hontem para cá parece que anda o demonio solto nestas bandas... se não é pó de mico que está chovendo sobre nós... Ninguem se entende, não ha tempo para conversar das coisas mais simples, ou mais urgentes...

— Basta de rodeios, Xavier, guarde suas considerações para quando estiver só! Quem trouxe aquelles objectos?

— Saiba *seu* doutor delegado, murmurou o commissario, abaixando o tom de voz, murchando o aspecto doutrinario, quasi humilde, — saiba *seu* doutor, que um pescador ahi da praia, lançando a tarrafa na bahia de Botafogo, junto do cáes, pescou aquelles sapatos e aquellas luvas. Pensou que seriam de algum suicida e deixou tudo aqui, para o que désse e viesse.

Dada a explicação, houve como uma calma relativa, que permittiu a Pedro Albergaria retomar fingida tranquillidade, desviando assim a attenção dos outros, imprudentemente alarmada.

Lobato proseguiu, então, o interrogatorio da moça. Quiz saber si era mesmo filha de Sanches Lobo e porque, neste caso, não residia sob o tecto paterno. Distrahida de sua vergonha por estes acontecimentos, dona Lucinda pôde responder que não conhecia mãe nem pae, ao dizer da tia que a criava, mortos na sua mais tenra meninice. Sanches dava á tia uma mesada, pontualmente remettida pela criada, que encontrara hontem na delegacia, e fazia-o a titulo de amigo de sua familia, restituição de beneficios outr'ora recebidos, senão generosidade de homem rico. Não o conhecia e não indagára de mais, talvez segredo de sua familia, que não lhe cumpria desvendar. A tia lá o sabia.

Pedro Albergaria alheiara-se de si, de tudo o que o cercava, bebendo os ares della, entornando pelo olhar a

ternura da sympathia, ora concordando com a cabeça, ora assentindo com os pés, que batiam sobre o assoalho. Um observador pouco perspicaz perceberia naquelle estonteamento prova da grande seducção que pela menina se lhe estava inclinando o juizo. Se este sentimento era capaz de taes demonstrações, certa habilidade de dissimulação concorria tambem para isso.

Xavier, que o observava, resmungou:

— Aquelle é dos taes, quando vê mulher vira foguete busca-pé, põe-se a rabear... Ora dá-se!

Pedro interrompia o interrogatorio, a meia-voz:

— Está-se vendo a innocencia... salta aos olhos!

Levantou-se Enéas Cabral, vendo mal paradas as diligencias. Tambem aquella pista, como previra, não daria nada. De repente, lembrou-se:

— Que é do major Bandeira?

— O major sahiu.

— Sahiu como?

— Lá isso não sei, não senhor, respondeu o soldado de guarda.

Lobato olhou então para o consólo e, com espanto, já não viu sobre elle nem as luvas nem os sapatos.

— E esta! Quem tirou dalli o achado do pescador... os remanescentes do suicida?

Olharam-se todos, espantados. O soldado, fleugmaticamente respondeu:

— *Seu* major depois de gritar umas coisas no apparelho, *soccou* tudo nos bolsos do jaquetão, e *muscou-se*.

Cabral e Lobato entreolharam-se, como roubados. O *scherlock* policial, presentindo os famosos indicios, suggeridos por Albergaria, abalara com elles, para o local do crime, a colher os outros, que por ventura ainda encontrasse.

Entendeu então o delegado auxiliar pôr termo áquelle interrogatorio, que nada rendia; consolou com algumas

palavras mansas á pobre moça, ainda confusa e lastimosa; disse-lhe que a requisitaria ainda, se necessitasse de nova informação, e despediu-a, com certa precipitação.

Virando para Albergaria, exclamou num tom rispido:

— Você precisava de admoestação severa, para não interromper mais a justiça, nos seus sagrados misteres. Perdôo-lhe, por agora, pois que deu talvez a felicidade ao major Bandeira.

Mas não era da sua indole philosophica a aspereza. Considerando na causa, talvez amorosa, que promovera a intempestiva intervenção do rapaz, balbuciou, com indulgencia superior:

— Podem ir... Que ella lhe recompense o risco que correu, por não ve-la chorar.

"O risco que correra, para não ve-la chorar..." nem mesmo Cabral sabia quanto de amarga e dolorosa verdade dizia: arriscára por ella a liberdade, talvez a vida. D. Lucinda abaixára a fronte, corando ás palavras indiscretas do delegado auxiliar. Pedro teve neste rubor a recompensa de sua aventura.

E os dois, um formoso par, sahiram juntos, daquelle mau lugar, pela praia afóra, além da rua da Passagem, por Voluntarios, em busca da rua Paulino Fernandes, muito proximos, já amigos, amizade baptizada pelas lagrimas, de vergonha, de susto, de dedicação... Sainte Beuve voltou-lhe á memoria: *Vous pleurez? Alors, vous aimez!* Pedro, agora, ria de novo. E' proprio do amor rir e chorar, sem saber de quê.

Na delegacia, Cabral, olhando para Lobato, disse-lhe, precipitadamente:

— Agora, ao encalço do Bandeira... Que divida comnosco as suas glorias e os seus indicios!

Dito e feito; um *taxi* rolou no asphalto com as duas autoridades, até o Palacete de Sanches Lobo. Foram varando portões, escadas e corredores, entre convidados ves-

tidos de preto, postos do lado de fóra, e curiosos que as scenas violentas destas ultimas horas punham pasmados.

Ouvia-se desde a entrada como que um "halali" de caçada. Os cães em tropelias loucas, ganindo e ladrando devassavam todos os recantos da habitação. Taborda gritava dominando os ladridos da caiçada, para os moderar, sem duvida:

— Bruzundanga! Contubernio! Pompette! Hidalcão! Ninon! Seródio!

Ninguem se entendia, naquelle pandemonio. Cabral e Lobato atravessaram os corredores, subiram escadas e, chegando á sala mortuaria, tomados do mais indizivel espanto depararam esta scena, estupenda: os cães, depois de farejarem o morto, e por toda a casa procurarem a pista dos seus sensibilissimos olfatos, marcharam todos feitos sobre o major Mello Bandeira, atracados ás abas do seu jaquetão...

Cabral comprehendeu tudo... Virara o feitiço contra o feiticeiro... Os cães policiaes do major acharam o criminoso. Emquanto Taborda libertava o *scherlock* da dentuça da canzuada, principalmente de Bruzundanga, que largara o jaquetão pelo gasganête do *detetive,* deu passo em frente e, com voz firme, exclamou:

— Em nome da lei, sr. major Bandeira, e diante destes indicios, "esteje" preso!

AFRANIO PEIXOTO.

XVIII

O DIARIO DO BANQUEIRO

Livre dos cães, o major Mello Bandeira, tremulo, suado, olhos ainda cheios de terror voltou-se com um movimento de desespero para Cabral:

— Eu nesta situação e o doutor com brincadeiras!

Brincadeira parecia ter sido a dos cachorros. A não ser uns dois ou tres rasgões no jaquetão, o esperto *detective* nada soffrera.

— Com troças é que não conseguimos descobrir nada, disse o major ainda zangado.

Enéas Cabral, suffocado de riso, atalhou:

— Os cães policiaes, segundo está estabelecido, só avançam para os criminosos. Logo que avançaram para as suas pernas a minha obrigação era prende-lo. Para que foi o senhor metter nos bolsos as luvas e os sapatos? A Policia...

— Cuidemos da nossa vida que, se não formos espertos, a imprensa nos cahirá no lombo por nada descobrirmos, observou o major. Os indicios devem estar aqui no local do crime. Deixemos sahir o enterro e procuremos os indicios em silencio, sem mais espalhafato.

O enterro sahiu meia hora depois. Mello Bandeira e Ca-

bral metteram-se no gabinete do banqueiro a revolver papeis. Em cima da mesa havia tres ou quatro livros de encadernação vulgar. No primeiro momento nenhum delles prestou attenção aos livros. Mas Mello Bandeira depois de remexer umas gavetas veiu sentar-se na cadeira em que Sanches Lobo estava sentando quando Albergaria entrou para o assassinar.

Sem nenhuma intenção abriu o livro que estava mais proximo.

— Dr. Cabral, temos coisa aqui. Isto é um manuscripto.

E virou as folhas até a primeira pagina do livro.

— Veja, é o "Diario' da vida da victima. Quem sabe se aqui não encontramos a trilha do crime que procuramos?

Cabral approximou-se. O major folheou aqui, folheou alli, folheou acolá, sem se demorar em nenhuma pagina.

— Vamos vêr o que elle fez no dia da tragedia.

E correu os olhos á ultima folha escripta, ageitando o *pince-nez*. E leu beixinho:

"Acordei ligeiramente indisposto. Um sonho mau durante a noite, um verdadeiro pesadelo. Tive criaturas a apertar-me a garganta. Vi punhaes, armas de fogo, abysmos, o diabo. Caprichos dos sonhos. Tenho hoje o dia completamente tomado. O meu sobrinho Pedro Cardoso virá reconciliar-se commigo. Quanto tempo durará essa cacetada? O patife quer casar-se, — conta naturalmente commigo para uns certos favores".

Mello Bandeira ergueu os olhos para Cabral, que estava atraz a lêr tambem a pagina em voz baixa:

— Está vendo, doutor? Sempre o sobrinho do banqueiro, sempre elle!

— Adiante, Mello, adiante! Não percas tempo, observou o primeiro delegado auxiliar.

O major continuou a leitura:

— "Tenho que liquidar o negocio da hypotheca da fazenda Palmeiras, o da partida de ferros velhos que devem ser enviados para a Inglaterra, o da compra dos couros e do fretamento dos navios para os Estados Unidos. Terei tempo de ir á casa da Armenia? Terei tempo de concluir o negocio da venda das terras em Matto Grosso? O negocio das terras de Matto Grosso deve, de qualquer maneira, ser concluido hoje. O procurador de Saches & Lapin que, de Santos veiu unicamente para assignar a escriptura, tem necessidade de embarcar no nocturno de hoje para S. Paulo."

Percebia-se que Sanches Lobo havia escripto aquellas linhas pela manhã. O "Diario" continuava. Havia uma ligeira mudança de tinta. O resto tinha sido escripto mais tarde, depois de mudar a tinta do tinteiro. O resto fôra escripto á noite, como se percebia das proprias palavras do livro:

"O meu sobrinho não veiu para a reconciliação. Porque? Conveniencia lá delle. O patife é esperto, mas eu me gabo de ser mais. Tive tempo para todos os negocios e ainda pude dar um dedo de prosa á Armenia. Estava hoje linda como nunca. Quer dar um passeio a Buenos Aires e pede-me para isso a bagatella de cincoenta contos. Está louca! Amuou-se porque eu não lhe dei attenção ao pedido. As mulheres são de uma exigencia clamorosa e a Armenia parece que jurou aos seus deuses depennar-me. Parece-me que terei de dar-lhe o dinheiro. A Armenia conhece coisas de minha vida que muito me prejudicariam se viessem a publico."

Mello Bandeira tornou a encarar Enéas Cabral.

— Está vendo doutor? Ha uma Armenia no meio. Precisamos descobrir a Armenia.

— Continúa, Mello, continúa!

Elle contiunou:

— "Conclui o negocio da venda das terras em Matto

pecto estranho. Volto para o gabinete. Uma vontade louca de vêr a Armenia accende-se dentro de mim. Devo ir a sua casa. Mas não tenho um criado em casa. Irei amanhã. Que vida estupida esta minha! Sinto um rumor lá em baixo, na sala de jantar. Parece que alguem tocou sem querer em algum movel. Vou até a escada. Nada. Que medo infantil este meu! E' certamente influencia do sonho de hontem á noite. Torno a ou..."

E ahi termina o "Diario". Sentia-se que elle ia concluir a palavra quando teve que suspender a penna, imprevistamente. Um pingo de tinta denunciador de um susto, lá estava.

— Que me diz a isto, doutor?

— E' clarissimo.

— Absolutamente claro. O criminoso é o tal procurador da firma de Santos. O homem entregou os duzentos contos ao banqueiro e depois veiu rouba-los. Aquella vinda aqui, ás 8 horas da noite, para despedir-se, foi apenas para estudar o local. Voltou ás 11 e consumou o roubo e o assassinio.

— E o que vamos fazer?

— Em primeiro lugar, correr ao Hotel dos Extrangeiros. Se lá o homem já não estiver, telegraphar para Santos. Não percamos tempo.

Desceram as escadas, apressadamente.

E já no portão, ao entrarem no automovel:

— E a Armenia, e a Armenia! gritou o major. Precisamos não perder a tal Armenia de vista. E' preciso descobri-la.

VIRIATO CORRÊA.

Grosso. Por um triz que não tinha tempo de concluil-o. A escriptura só pôde ser assignada á ultima hora, quando o tabellião já ia fechar as portas. Que criatura exquisita o procurador de Saches & Lapin! Um typo mal encarado, com um olhar que penetra como um punhal afiado. Não sei porque, sentia-me mal quando elle me punha os olhos em cima. Não sei onde vi aquelle sujeito, mas tenho a certeza de que não me é estranho. Tem cara de ladrão de cinema. Quando me passou os duzentos contos da compra que fez com procuração dos seus patrões, teve um sorriso que me esfriou. Sorriso horrivel o daquelle homem! Ao despedir-se de mim e ao offerecer-me os seus prestimos, em Santos, a sua mão estava tão fria que me arrepiei. Que impressão má me causou o tal sujeito! Prometti-lhe ir á *gare* da Central despedir-me ou ao Hotel dos Estrangeiros apertar-lhe a mão. Não irei. Quando elle me entregou os duzentos contos era quasi noite, já o Banco estava fechado e eu trouxe o dinheiro para casa. Tenho receio de sahir deixando duzentos contos num cofre sem grandes seguranças como o deste gabinete."

Mello Bandeira e Cabral encararam-se:

— Que tal?!

Depois do momento de commoção, o major deu um murro na mesa.

— Aqui está o fio da meada — o roubo. Havia duzentos contos naquelle cofre, e o movel do crime está claro. Estamos na trilha, doutor Cabral.

— Continúa, repetiu o delegado nervosamente.

Mello Bandeira proseguiu na leitura:

"São 8 horas da noite. Ameaça chuva. Devo ir á *gare* da Central? Não irei. Eis que sinto a campainha tinir. Os meus criados estão todos fóra. Desço e é o procurador de Saches & Lapin, que vem de automovel despedir-se e perguntar-me se me sorri vender as terras carboniferas do Rio Grande do Sul. Não se demora. Sempre o mesmo as-

— Como?

— E' o que lhe digo. Vá. Não perca tempo. Deixe-me com a mulher.

Foi-se Enéas Cabral, e o major, estirando-se commodamente e derreando a cabeça, fechou os olhos para vêr nas reminiscencias. E viu.

Era no *High-Life* uma noite de baile. Os salões regorgitavam transbordando para os jardins uma alegre multidão. Dansava-se; era continuo o espoucar do champagne e as vozes atroavam confusas no esplendor feerico das luzes.

Mulheres, as mais formosas filhas de Cythera, os grandes nomes do mundo alegre, todas as terriveis devoradoras de ouro, cruzavam-se, umas ajoujadas a velhotes ridiculos, que mal se podiam ter nas pernas sexagenarias e faziam das tripas corações para manter attitudes ao lado das suas sangue-sugas louras ou morenas, outras com rapazelhos de olhos languidos, tresandando a ether como drogarias. E eram risotas, dichotes, gritinhos. A orchestra a tocar d'enfiada pondo em reboliço aquella gente que os excitantes e os estupefacientes faziam delirar.

E elle reconhecia na turba multa certos typos que, por vezes, lhe haviam passado pela lanterna e que o evitavam prudentemente e sorria de papalvos que alli estavam sendo devorados pelas sereias e pelos tubarões que lhes nadavam nas aguas.

Mas não se demorava a vêr o que tanto conhecia porque estava empenhado em descobrir um sujeitinho que, ora se dizia argentino, ora se fazia passar por chileno, quando não por francez e que, em verdade, era espanhol e o mais esperto gatuno e o caften mais ousado que então havia na cidade.

Andava elle de mesa em mesa pelos salões, pelos jardins rastreando o mysterioso typo, quando viu a uma mesa, com um sujeito obeso, de papeira gorda e transbordante,

quelle sorriso que lhe vês nos labios. E foi-se. Para onde, não sei.

Tive de ir á Argentina, passei lá dois annos, fui depois ao Chile, como sabes, anno e meio de salitre e de outras coisas, e quando voltei, indo, uma noite, ao *Palace-Club*, lá encontrei a minha vendedora de phosphoros, accesa em brilhantes, pelo braço de um americano que lhe montou casa na Avenida de Ligação, deu-lhe automovel, lançou-a, emfim.

Procurei approximar-me della e consegui falar-lhe no Municipal. Convidei-a para o Assyrio, lembrei-lhe a noite triste do nosso primeiro encontro e queres saber que me disse ella e rindo ás gargalhadas? Que tudo aquillo fôra uma historia inventada para commover-me. Que depois de me haver apanhado os dois mil réis, conseguira mais oito, até que um velhote, mais ousado, recolheu-a a um sotão, na rua do Cattete, onde dormiu. Mas então? O lindo monstro sorriu dizendo:

— Ajuntando vintem a vintem, com um trabalho que só Deus sabe! depois, quando reuni o bastante para mandar fazer um vestido decente, comprar um chapeu, pôr-me, emfim, digna de apparecer na Avenida, vesti-me e sahi. Nesse dia encontrei a fortuna, trouxe-a commigo, tinha quasi setenta annos e possuia mais de mil contos.

— O homem partiu no rapido, disse Cabral, entrando no automovel.

Mello Bandeira *estremeceu,* arrancado violentamente da visão daquella noite e, ainda atordoado, tartamudeou:

— No rapido?! Partiu no rapido? Foi o diabo. Agora só telegraphando...

De repente, porém, de todo esquecido do procurador, voltou-se para Cabral, que se sentava, e, segurando-lhe a lapella do casaco, disse-lhe:

— Achei a Armenia, não póde ser outra. Conheço-a e o dr. tambem a conhece. E' uma que foi vendedora de phos-

XIX

A ARMENIA

— Sim, sim, disse Enéas Cabral, mas vamos primeiro vêr o tal procurador. Palpita-me que esse sujeito... Emfim... E ordenou ao *chauffeur*:

— Hotel dos Estrangeiros, depressa.

O major sentia-se a gosto naquella diligencia. Não era homem de meias medidas, só se mettia em casos complicados, e quanto mais difficeis melhor. Gostava de desembaraçar o que pittorescamente chamava: as meadas vermelhas.

Recostando-se na almofada macia do automovel, enclavinhou os dedos e poz-se a rolar os pollegares, gesto que nelle denunciava preoccupação. Na Central, quando o viam naquella manobra, diziam: "Lá está o major a dar á manivella. Aquillo é encrenca.". E era.

Quando chegaram ao hotel, a *terrasse* estava cheia de gente que refrescava, repoltreada em cadeiras de vime ou indo e vindo, aos grupos, pelo passeio.

Cabral disse ao major:

— Eu vou só. Espere-me aqui. Nada de despertar suspeitas. O senhor é muito conhecido.

— Sim, sim... vá. Eu fico, até porque, ou muito me engano ou já estou com a tal Armenia nas unhas.

uma linda morena, os olhos mais formosos que jámais se lhe haviam deparado, até então, e uns dentes que eram verdadeiras perolas.

O encanto de tal criatura deteve-o. Para admira-la mais á vontade tirou um charuto e, emquanto o accendia, contemplava o rosto côr de ambar, que um sorriso maravilhoso illuminava.

Estava assim enlevado, quando sentiu tocarem-lhe no hombro. Voltou-se. Era o Placido, o commendador Placido, o indicador dos vicios, o pae Baedecker do Prazer, o guia nocturno da cidade, o Mercurio galante, que conhece, como os dedos das mãos, todas as flores lethaes que envenenam a nossa Babylonia.

— Estás no chôco, hein?

— Linda mulher! Quem é?

— Linda e... e o Placido arregalou significativamente os olhos, abotoando os beiços em bico. Não ha outra igual. Conheci-a assimzinha, e mediu a altura espalmando a mão no ar. Andava por ahi esfarrapada, descalça, vendendo phosphoros. Teria doze para treze annos e era um esplendor. Uma noite encontrei-a no largo da Lapa, chorando. Tive pena, chamei-a a mim, interroguei-a e a pobrezinha contou-me a sua desgraça. Foi a desgraça de todas as crianças formosas que andam soltas nas ruas. Fôra attrahida por um miseravel... O eterno romance...

Quiz leva-la á Policia, recusou-se: "Que não, que a deixasse. Estava perdida, melhor. Não tornaria á casa, porque o pai, se a visse naquelle estado, era capaz de mata-la. O que ella chorava não era a sua pureza profanada, não era a macula que lhe ficava para o sempre no corpo adolescente, mas os phosphoros e o dinheiro que perdera ou que o bandido, que lhe arrancara a honra, achara geito de surripiar. Estava com fome, porque, até aquella hora, só havia comido um pão e duas bananas.

Dei-lhe dois mil réis e tive o troco de um sorriso, da-

sas esguias do corpo, entremostrado através de rendas caras. Com sorriso sem constrangimento disse-lhes, fazendo gesto que se sentassem:

— Para não os fazer esperar duas horas, vim como estava... Que desejam de mim?

Cabral perdera a linha, admirado do gesto lindo e do parecer encantador da criatura. Mello Bandeira deu a réplica.

— Somos empregados do banqueiro Sanches Lobo. Sabemos, pelas notas do diario do defuncto, que era confidente delle...

— Indiscreto!... sublinhou a moça, sem apprehensão.

— ... e por isso, vinham apurar uns tantos informes, para se orientarem nas devassas a que, certamente, procederia a justiça, a respeito do mysterioso *assassinio*.

— Não lhes posso ajudar, senão para dizer do seu patrão, que o conhecia muito mal... Deus lhe reze n'alma, que se não perdeu grande coisa...

Como os dois suppostos empregados de Sanches Lobo tivessem igual surpresa, a bella rapariga insistiu, tranquillamente:

— Se são empregados do Sanches, como dizem, devem ter do seu patrão o juizo que eu faço ou fiz delle, agora que o conhecia melhor...

Como Cabral esboçára sorriso ambiguo, ella acudiu logo com a explicação, que o devia desenganar:

— Não dê pasto á sua malicia. O banqueiro Sanches Lobo vinha a esta casa e entretinha commigo relações apenas de negocio.

Fez pequena pausa á curiosidade que divulgou nos interlocutores, e ajuntou:

— Não creio que tal homem de alma secca, coração duro, voz falsa e mãos de rapina, pudesse ter outras relações com alguem. Algumas aventuras antigas seriam peccados da mocidade. Sanches vivia para o dinheiro e só a

phoros, que morou em um palacete na Avenida de Ligação, a mais bella mulher das que por ahi andam, a mulher da moda. Dizem, até, que vive com um ministro.

— Ah! espera... então é a Judith!? Não se chama Armenia, Armenia é a sua patria. Sim, tem razão, ouvi dizer que, ultimamente, vivia com um ricaço. Deve ser isso.

— E o dr. sabe onde ella mora?

— Sim, sei. Mora na rua Paysandú.

— Pois vamos lá. Estamos perto. E Mello Bandeira mandou tocar para a rua Paysandú.

COELHO NETTO.

XX

UMA DESCALÇADEIRA

No palacete da rua Paysandú fizeram-se os dois *scherlocks* annunciar como empregados do fallecido banqueiro Sanches Lobo, que sobre assumpto importante e inadiavel queriam ouvir D. Judith. Depois de longo esperar, que denunciava irresolução ou consulta, a sala de espera abriu-se e um criado irreprehensivel, de costelletas e escanhoado como um *toreno* andaluz, polidamente pediu-lhes que esperassem, um instante, a senhora.

— As mulheres bonitas, disse Cabral, têm o direito de se fazer desejadas.

Mello Bandeira dardejou-lhe olhar de reprehensão, como indicando que o proposito era frivolo para dois afflictos empregados de um patrão defuncto.

Ouviram passos leves, abafados, no tapete da escada e um movimento lento no trinco da porta que dava para o interior: a porta abriu-se com vagar e os dois homens levantaram-se, a um tempo, esquecidos quasi de sua compostura, e da intriga que imaginaram, diante daquella mulher, envolta num longo penteador, os cabellos mal atados em trança, desalinho que prenunciava começo de *toilette* e augmentava a belleza do rosto moreno e das sinuo-

elle era sensivel. Por elle viveu, e certamente morreu por elle; estou certa que na vida foi a primeira restituição que fez, do que tinha mal adquirido.

Os esbirros estavam surprehendidos. Bandeira arriscou uma observação.

— Entretanto, no seu diario intimo, as observações a v. exa. revelam não só intimidade, como extrema benevolencia...

— Póde ser... este diario, insincero como tudo nelle, seria esperteza, para se documentar opportunamente: Sanches era incapaz de verdades, mesmo com o papel. E' possivel que quizesse dar ares de intimo, de mulher festejada e adulada, que recebe em sua casa os maiores nomes do paiz, quem, á sombra delles, procurava os seus negocios.

Deu á palestra outro rumo, quasi confidencial, como para abreviar o entretenimento, de tudo o que devia dizer:

— Não é estranho a ninguem, de certa roda, nesta cidade, que na minha casa recebo as personagens mais influentes da politica, do jornalismo, da finança, que aqui vêm discretamente jogar o seu *pocker*, e beber a sua *champagne*, sem a indiscreção dos clubs ruidosos e populares. Ministros, senadores, deputados, banqueiros, industriaes, escriptores, aqui se reunem, e daqui saem combinações e projectos, artigos e campanhas, que no outro dia estão na Camara, nos artigos de fundo, nos assaltos de bolsa ou nas intrigas da sociedade. Tudo aqui se fala livremente, se commenta com afoiteza e se resolve sem difficuldade. Sanches Lobo planejou, agradando á dona da casa, dispô-la ao serviço dos seus negocios e, mediante promessas, conseguir, como conseguiu, algumas concessões rendosas. Agora mesmo, a força electrica das cataratas do Iguassú estava sendo captada, para elle. Dava pequenos presentes, algumas joias, algumas flôres, promettia passeios a Buenos Aires, mas não cumpria as promessas, senão no seu diario, talvez. Fui credula, pensando tirar delle algum pro-

veito pelo que obtinha para elle, mas, recentemente reconheci o que era e com as minhas exigencias apenas obtive que multiplicasse as suas visitas. Preparava-lhe exposição em regra de seu passado, que comecei a conhecer, quando um mais apressado liquidou com elle violentamente as suas contas, antes do ajuste das minhas...

Mello Bandeira interveiu.

— Chegou v. exa. a conhecer-lhe o passado?... Talvez algum esclarecimento nos possa ser util...

— Não soube muito, mas soube alguma coisa. Moedeiro falso, contractante de loterias cujos premios não appareciam, fallido varias vezes, fraudulentamente, burgos agricolas, terras mal adquiridas, concessões obtidas por caminhos tortos de advocacia administrativa... Quando prosperou, atirou fóra a mulher que o ajudara nos primeiros tropeços da vida, com uma filhinha ás costas, quasi a mendigar, morta de miseria. A filha qua ahi vive, em casa humilde de Botafogo, amparada por uma tia, só teve subsistencia, porque esta o ameaçou de escandalo... E tantos outros casos de facto escandalosos e maus, que compõem a physionomia desse homem... Olhem, concluiu, é pena que o tivessem levado hoje, morto, ao cemiterio: devia viver, sim, para a cadeia; lá é que estaria bem...

Emquanto falava, assumia o rosto serio aspecto sinistro e vingador. Devia ser grande, a mágua que pela bonita boca de uma mulher assim se exprimia, sobre um defuncto. Parece que o comprehendeu a rapariga, tanto que pôz o fecho gracioso de uma ironia:

— Se foi isto o que a piedade dos empregados veiu aqui buscar, levem bello necrologio... Que bôa bisca era o seu patrão, meus caros senhores!

Ia levantar-se, como para despedir os dois importunos, quando rematou:

— E' o que lhes tenho a dizer, sr. major Mello Ban-

XXI

O VELHO BARTHOLOMEU

— Póde-se falar ao major Mello Bandeira?

— Póde-se, respondeu o soldado. Entre para aquella sala e espere.

O velho Bartholomeu Cordeiro entrou descansando o guarda sol e o chapéo sobre uma cadeira.

Havia oito dias que se tinha dado o assassinio mysterioso de Sanches Lobo. Os jornaes, numa barulhada ensurdecedora, discutiam o caso, enchendo columnas e columnas de hypotheses e titulos espalhafatosos. O major Mello Bandeira, Lobato, Enéas Cabral tinham dado já centenas de entrevistas aos reporteres. E, como até aquelle momento não se fizera um raio de luz sobre o mysterio, começava a imprensa as primeiras sovas no lombo da policia. Inepcia das autoridades! Inhabilidade nas investigações!

E discutia-se tudo. A lanterna do major cahira num ridiculo penalizador. Uma revista que se levava no theatro S. José fazia as delicias do povo com um quadro hilariante, troçando a lanterna. Nas vizinhanças da Central do Brasil vendia-se uma cançoneta de que a lanterna era o thema. Um inferno! Os jornaes mostraram como tinham sido errados todos os passos da policia. Não se tinham

deira, senhor dr. Enéas Cabral... Desejam alguma coisa mais?

Os dois, interdictos, levantaram-se, surpresos e enfiados que assim fossem reconhecidos; e, já sem nenhuma tentativa de dissimulação:

— Então a senhora nos conhece?

— O seu chefe, que é dos meus intimos, fala-me sempre dos senhores, os seus braços, os dois braços direitos que tem na administração... Os seus retratos vêm todos os dias nas folhas... O meu criado foi da policia secreta... Só os senhores se compenetraram, um instante, que eram empregados de Sanches Lobo. Se gostam do *pocker* e do *champagne*, ha aqui partidas discretas, todas as noites. E o *barato* não é caro. Até outra vista!

AFRANIO PEIXOTO.

examinado com cuidado as possiveis impressões digitaes deixadas pelo assassino no "local do crime"! As alamedas do jardim do palacete do banqueiro, sendo de areia, deviam ter os signaes do pé que alli pizara para assassinar o argentario.

Desses signaes de passos a policia nem se lembrou! E ligavam o assassinio do Sanches com o apparecimento na praia de Botafogo do par de sapatos e do par de luvas. Estava a entrar pelos olhos, dizia a *Noite,* que aquelles sapatos e aquellas luvas eram do criminoso. O *Jornal do Brasil* era de opinião que a policia devia procurar o assassino nos clubes esportivos. "Lembrem-se, affirmava sentenciosamente, que os sapatos são de tennis".

O major Mello Bandeira não dormia e não comia. A sua grande fama de *scherlock* desabava naquelle desastre. Andava como uma féra. Varias vezes já lhe tinha passado pela cabeça inventar á força um criminoso, agarrar ahi um pobre diabo qualquer e obrigal-o, á pancada, a confessar que fôra o matador do banqueiro. Apenas o continha o receio dos jornaes.

Foi lá na sua fazenda, em Theresopolis, que Bartholomeu Cordeiro ouviu o ruido do assassinio de Sanches Lobo. Pensou muito, reflectiu muito até resolver-se a vir ao Rio procurar Mello Bandeira.

Bartholomeu Cordeiro, quando lhe morreram os paes, já era maduro. A fortuna que lhe viera ter ás mãos surprehendeu-o. O pae, sem que elle soubesse, emprestava dinheiro a juros e, ao passar desta vida á outra, deixara uma herança de quinhentos contos. Bartholomeu era o unico filho. Rico de um dia para o outro, teve juizo. Comprou immoveis, comprou terras, cuidando unicamente de augmentar a fortuna. A sua mocidade tinha sido sem aventuras e sem amores. O dinheiro dá direito a que se seja amado. Bartholomeu quiz ter, na maturescencia, os gosos que não pudera ter na juventude. Mas, a veia de usurario,

que pulsava no seu pae, de alguma maneira pulsava nelle tambem. Não era o avarento, mas um economico tão apertado que ás vezes com o avarento se confudia. Nunca teve o coração das mulheres.

Ao envelhecer deixou o Rio, indo viver na sua pittoresca fazenda em Therezopolis. Um dia, vindo ao Rio, tratar de negocios, viu no theatro, junto de sua cadeira, uma rapariguinha que era uma perdição. O diabinho trazia comsigo dois olhos que mais pareciam dois tições accesos, uma dentadura que fazia inveja ao alvor das camelias, e uma côr morena, suave e macia, como a da manga-rosa.

Os velhos, para amores, têm mais audacia que os moços. Ao lado da rapariga, poz-se a trocar impressões sobre a peça. No segundo acto conversavam francamente. Ella chamava-se Rosa, era de Pernambuco, costurava e vivia de costuras.

Bartholomeu estava completamente doido. Propoz-lhe tudo, leva-la para a fazenda, custear-lhe a vida, dar-lhe dinheiro e conforto. O ouro seduz muito pouco ás mulheres novas. Rosa não quiz. Bartholomeu pareceu-lhe muito velho.

Mas o fazendeiro teimou. Demorou-se varios dias insistindo, promettendo. Ella que fosse dar ao menos um passeio á sua fazenda.

Tornaram-se amantes. O desejo do velho era levar a pequena para Therezopolis, tranca-la nos seus dominios e nunca mais sahir do seu lado. Um diabinho daquelles, no Rio, era um perigo. Acabavam por lh'o tirar das mãos. Rosa resistiu sempre. Do Rio não sahia. Era muito nova para se ir encafuar na roça. E só uma vez, para fazer a vontade do velho, foi á fazenda, em Therezopolis, voltando oito dias depois. Tudo, aqui no Rio... Bartholomeu Cordeiro teve que sujeitar-se. Vivia mais aqui do que lá na fazenda.

O ciume dos velhos é o maior estimulo para a infide-

lidade das mulheres. O fazendeiro azucrinava a todo o momento os ouvidos da rapariga com as suas desconfianças. Ella trahia-o de facto, mas só quando elle começou as suas primeiras scenas de ciume.

Um dia em que Bartholomeu voltou á casa da amante por ter perdido o trem para Therezopolis encontrou na sala um rapaz a conversar. Era Pedro Albergaria. Rosa apresentou o moço como um seu parente, chegado de Pernambuco. O velho não enguliu a pilula e, quando Albergaria sahiu, a scena de ciume foi estrondosa. Rosa era dessas creaturas de cabello na venta. Pois sim, era seu amante! prompto! acabou-se!

O velho teve de conformar-se. Passou uns dias amuado, mas acabou acceitando a situação. Começou para elle e para a rapariga uma vida desagradavel. Rosa, dia a dia mostrava uma paixão immensa por Albergaria, denunciando isso na sua frieza deante o fazendeiro. Albergaria não apparecia na casa da amante; encontravam-se na rua, nos cinemas, nos theatros e, só quando Bartholomeu voltava á fazenda, ia ella á casinha em que o rapaz morava quando assassinou Sanches Lobo.

O fazendeiro redobrou os offerecimentos e as promessas.

Rosa repelliu tudo. Se elle quizesse era assim.

O grande trabalho de Albergaria era convence-la que não abandonasse o velho. Era pobre, pauperrimo e não podia dar-lhe uma vida feliz. Ella que esperasse por melhores tempos.

Quando, lá na fazenda, Bartholomeu Cordeiro, lendo os jornaes, deitou os olhos sobre as palavras do bilhete encontrado junto do cofre do banqueiro assassinado, uma nuvem passou-lhe pela retina. O bilhete, como diziam as noticias, era de uma Rosa, dirigido a um Pedro. Quem sabia?...

E aquillo ficou a remoer-lhe. Passou o primeiro dia, o

segundo, o terceiro. De tanto pensar, acabou por convencer-se: o bilhete não podia ser senão da sua Rosa ao seu amante Albergaria.

E como fôra encontrado no gabinete do assassinado? Albergaria seria um assassino? Quem sabia lá! O odio que Bartholomeu lhe tinha abria portas a todas as possibilidades funestas.

E não perdeu mais uma minucia dos jornaes. Lia tudo, devorava tudo, na esperança de encontrar o nome do rival apontado como o criminoso. Nada.

A ansiedade foi crescendo. Devia ir á policia levar as suas suspeitas? E pensou cinco noites demoradamente. Podia ser que Albergaria nada tivesse com o bilhete, mas, o menos que se podia dar era uma grande complicação na vida do rapaz, a sua ida á policia, investigações, prisão, o diabo.

Tomou o trem e veio ao Rio. Conhecia o major Mello Bandeira pelo retrato nos jornaes. Correu á policia a procura-lo. Contaria o seu caso, contaria as suas suspeitas e pediria o segredo possivel.

E alli sentado na cadeira, na saleta que o soldado lhe indicara, o velho Bartholomeu poz-se a pensar. Não seria uma aventura desastrada aquella em que se mettera? Não podia haver complicações?

E de cabeça baixa, olhando as taboas da saleta, reflectia. Fizera mal, muito mal. Se fizesse a denuncia, o complicado no caso não seria unicamente o amante de sua amante, mas ella tambem, a sua Rosa que appareceria forçosamente como cumplice no horrivel assassinio. E o que poderia vir dahi? Nem queria lembrar-se.

E elle tambem não ficaria em situação desagradavel? Evidentemente. O seu nome a apparecer nos jornaes, discutido e até embrulhado em hypotheses desairosas.

Para que viera até alli? para que?

Passaram-se dez minutos. Elle apanhou o guarda-sol e o chapeu na cadeira e caminhou para a porta de sahida.

— O senhor não espera o major? perguntou o soldado.

— Não. Elle deve estar occupado e eu estou com pressa. Voltarei depois.

E desceu a escada, ligeiramente, como se tivesse tirado um grande peso das costas.

VIRIATO CORRÊA.

XXII

PEDRO E ROSA

O inquerito da policia, duas pessoas o seguiam avidamente. O interessante é que ambos se chamavam Pedro e ambos se tinham como autores do assassinio do banqueiro.

Um, já o sabemos, era Albergaria. O outro, o procurador de Sachez & Lapin, a que o velho alludia em seu diario.

De facto, Sanches Lobo tinha tido razão em diagnosticar-lhe a perversidade de intenções pelo olhar. O banqueiro, usurario e espertalhão sabia perfeitamente discernir os caracteres á simples vista. Não fosse isso e elle não poderia ter feito a sua extraordinaria carreira, ganhando a fabulosa fortuna que estava gozando.

Pedro Linck, americano do Norte, representante da casa Sachez & Lapin, era um perfeito bandido — ou, para ser justo, uma perfeita alma de bandido. De facto, até então, elle não havia commettido nenhum grande crime. As pequenas espertezas que fizera aqui e alli estavam á margem do Codigo.

Não é, entretanto, que elle se abstivesse por escrupulo moral, cousa de que não tinha noção alguma, ou por medo, o que possuia em muito pequena escala.

Bandeira teve a excellente idéa de apagar toda a luz para fazer funccionar a sua famosa lanterna.

Linck resolveu jogar uma cartada decisiva. Do lugar onde estava, puxou o revólver e deu um tiro na lanterna.

Produziu-se então uma confusão terrivel e elle, no escuro embora, conseguiu fugir sem ser visto. A' tarde, embarcava para Santos.

Quando a policia dahi foi indagar da sua estada, elle mesmo foi que deu as informações, dizendo que já estava na cidade desde a vespera, o que aliás era mentira, pois que elle chegara nessa manhã. E de então em diante começou a seguir avidamente as noticias das pesquizas sobre o crime.

Mal podia elle imaginar que outro Pedro, amante de outra Rosa e sabendo ser, como elle julgava que era, o autor do crime, não acompanhava o caso com menor avidez.

Pedro Albergaria passara por transes horriveis. Elle tinha em certas occasiões perfeita certeza de ter asphyxiado o velho banqueiro, perfeita certeza de que não recebera e, portanto, não levara comsigo nenhum bilhete de sua amante. Mas em outras occasiões, o seu cerebro, fatigado de tantas emoções, lhe fazia crêr que elle fôra o autor do enforcamento e de que talvez o bilhete lhe pertencesse.

Illusões.

A verdade é que, emquanto elle não deixára rasto algum de sua passagem, Pedro Linck multiplicara os da sua. Só a inepcia da policia os deixára escapar.

Alguns, porém, ainda subsistiam. Havia sobretudo no cofre uma caixinha de xarão que foi a salvação de Mello Bandeira, quando elle, no dia seguinte ao da visita á casa da Armenia, lobrigou-a em um dos escaninhos. Não lhe

Elle estava apenas á procura de uma occasião, uma boa occasião para agir. Não lhe convinha praticar nenhum desses pequenos roubos, que são crimes, — quando podia praticar algum dos grandes, que são mérito e honra...

Naquelle dia, sentiu uma tentação mais forte. De facto, a amante, a quem elle tinha a imprudencia de tornar sua confidente, sabendo que elle ia entregar a Sanches Lobo uma quantia avultada, incitara-o a apoderar-se della.

A amante era uma bonita rapariga allemã, chamada Rosa Merck.

Pedro Linck teve realmente, como bem o adivinhou a sagacidade policial de Mello Bandeira, o simples intuito de vir estudar a casa do banqueiro, ao vir despedir-se delle.

Quando o banqueiro veiu trazel-o até a porta, elle notou que a casa parecia estar sem criados. Assim, não fez mais do que afastar-se um pouco para dar tempo a Sanches Lobo de voltar ao seu gabinete. Não lhe convinha ataca-lo no jardim da casa ou mesmo no pavimento interior, porque o velho podia lutar e gritar, e o barulho seria talvez ouvido.

Deu alguns passos e parou a pequena distancia.

Mal acabava de faze-lo, quando succedeu um contratempo. A criada de Sanches Lobo voltou á casa.

Pedro Linck encarou a possibilidade de ter de lutar. Pensou que talvez fosse util atirar-se á rapariga com um lenço ensopado em chloroformio. E elle não tinha nem armas, nem chloroformio.

Partiu a buscal-os no hotel, onde trazia tudo na sua mala.

Si tivesse sido mais paciente, teria visto que a criada sahira de novo immediatamente após. Ella viera apenas buscar um objecto.

Foi logo a seguir a esta segunda sahida que Albergaria entrou.

Entrou, roubou e asphyxiou o velho.

Mal, por sua vez, acabava de partir, quando Pedro

Linck chegou. Armado, com o lenço em que pingara um pouco de chloroformio prompto a servir, avançou cautelosamente. Receiava algum encontro. Nada, porém, succedeu. Quando alcançou o gabinete de Sanches Lobo, viu-o de costas na cadeira, com a cabeça cahida. Pensou que estivesse dormindo. Occasião magnifica para applicar-lhe o chloroformio.

Querendo, porém, verificar si o lenço estava bem molhado, notou que o liquido se evaporára quasi completamente. Não teria effeito.

Foi nesse instante que viu uma corda cahida junto ao cofre. Avançou cautamente, com immenso receio de acordar o banqueiro que suppunha adormecido. Preparou o laço, passou-o rapidamente no pescoço de Sanches Lobo e apertou. Teve a alegria de vêr que o velho nem se movera; mas o momento não comportava muita calma para reflexões. Acceitou o caso como bom e acabado — e atirou-se ao cofre.

Ahi o esperava uma decepção tremenda: não achou os duzentos contos que dera ao banqueiro.

Não perdeu, entretanto, de todo o seu tempo. Encontrou varios pacotes de acções ao portador de diversas empresas e embolsou-as. Foi quando estava fazendo isso que lhe cahiu do bolso o bilhete de Rosa Merck. Porque o bilhete achado era de Rosa Merck e escripto a elle.

O tempo que gastara nessas pesquizas foi o bastante para a volta da criada. Ia sahir, quando sentiu passos. Escondeu-se atraz de um reposteiro e esperou.

A criada, vendo o patrão morto, abriu a janella e esguelou-se a pedir soccorro. Gente entrou. Pedro Linck não teve remedio senão continuar escondido.

E dahi por diante o gabinete do banqueiro nunca mais ficou inteiramente vazio. Pedro Linck já não sabia o que fizesse, quando na manhã seguinte o major Mello

tocou, nem deixou que tocassem. Chamado immediatamente, o pessoal do Gabinete de Identificação não teve difficuldade em assignalar as dedadas de mão possante.

Eram os vestigios da mão de Pedro Linck.

& (MEDEIROS E ALBUQUERQUE).

O presidente, motorneiro da Light, um tal Hernandez, era uma fera para invocações. Deixara de funccionar como medium porque atrapalhava tudo com o seu enorme poder — se invocava um morto, e esse morto fôra enterrado no Cajú, vinha com elle todo o cemiterio e a sala das sessões ficava como a Camara dos Deputados. Ninguem se entendia e era um charivari dos diabos.

Um dia, a pedido de um tenente de cavallaria, Hernandez invocou Napoleão I. Foi um horror! Quando o imperador appareceu todo o tranquillo bairro da Gavea ficou assombrado porque, com o espirito do grande cabo de guerra, baixaram do Além todas as almas dos soldados que o haviam acompanhado nas numerosas campanhas com que elle assolara a Europa e a Africa. Uma verdadeira invasão.

Desde essa noite terrivel, ficou resolvido que Hernandez, não evocaria mais e, para compensa-lo, elegeram-no presidente e primeiro formulador da Sociedade, posto que ninguem ousasse tomar os remedios que elle receitava, porque as dóses eram sempre cavallares.

Bonifacio, que era tido em alta conta entre os membros da "Luz e Graça", expoz aos seus irmãos os motivos da convocação, dizendo-lhes:

— Que muito convinha que aquella sessão désse os resultados que elle esperava, não só porque com elle a sociedade tomaria vingança de um monstro que a desfalcara de um de seus membros mais illustres, como tambem porque, com a repercussão que teria o facto, muito lucraria a religião que todos alli professavam. E pediu a mais intensa concentração e rezas, emquanto esperavam o Arouca que, naturalmente, morando no Meyer, teria encontrado difficuldades, com a enchente daquella noite, para transportar-se á Gavea.

A assembléa, que era numerosa, concentrou-se em ora-

ção e, durante meia hora, toda a sala resoou com o sussurro devoto dos crentes.

Mas soaram dez horas e Hernandez, que tinha de entrar em serviço á meia noite, declarou que não podia esperar mais e offereceu-se para funccionar, substituindo Arouca.

Bonifacio, lembrando-se dos horrores daquella tarde do enterro, com a cachorrada furiosa, a ameaça de incendio, os moveis quebrados, uma senhora, aos berros, num canteiro, Mello Bandeira ferido e elle marinhando pela columna da varanda, receiou que com o poder daquelle homem, que fazia tudo por atacado, houvesse alguma. Mas tambem o caso era tão complicado, estava tão obscuro que só mesmo um *medium* de força poderia conseguir alguma coisa.

Resignou-se e, como toda a sala estivesse attenta, á espera da sua palavra, falou com serenidade:

— Meus irmãos, o nosso *medium* não pôde vencer a tempestade. Ficou por ahi, talvez sem guarda-chuva. O nosso presidente offerece-se para substitui-lo. Nós todos sabemos que, quando elle invoca abala o mundo dos espiritos, mas nós descontaremos cincoenta por cento nas communicações. Concentremo-nos.

E concentraram-se. Pesou na sala um silencio de tumulo. Hernandez baixara a cabeça para receber em cheio os fluidos ethereos.

De repente, pondo-se a prumo, fungando estrondosamente, atirou dois murros á mesa, fazendo saltar o tinteiro, e berrou estentoricamente:

— Bonifacio!

O velho famulo estremeceu e, como impellido por uma mola, poz-se de pé, boquiaberto — é que na voz do motorneiro, como se fosse um phonographo, elle reconhecera a do banqueiro Sanches. Era, pois, a alma do seu patrão

XXIII

OS ESPIRITOS

Emquanto a Policia, cada vez mais desorientada e enfurecida com as troças da imprensa, que se acirrava contra a lanterna de Mello Bandeira, cognominado o *Diogenes da Segurança Publica,* espalhava pela cidade, sem resultado algum, os seus mais atilados agentes, prendendo a torto e a direito, até um chim, Khan-Ga-Pé, que mantinha, na Ladeira da Conceição, uma espelunca para fumadores de opio e de diamba, o velho Bonifacio, que jurara aos seus deuses descobrir o assassino do patrão, resolveu recorrer aos espiritos para a diligencia que ia emprehender.

Secretario da Sociedade "Luz e Graça", da Gavea, onde, então, trabalhava um *medium,* de nome Arouca, funileiro de officio, convocou uma reunião extraordinaria para o fim exclusivo de ouvir o grande interprete dos *eleitos.*

Foi uma quinta-feira. Chovia torrencialmente. Apesar do diluvio que ameaçava submergir a cidade, Bonifacio tomou um taxi e mandou tocar para a Gavea.

Eram oito horas quando lá chegou, encontrando a sala cheia de gente molhada e tiritante.

que alli estava, encarnada no corpo do espanhol. E quem melhor do que ella para dizer a verdade sobre o caso intrincado?

— Bonifacio! repetiu Hernandez, e o famulo, humilde, inclinou-se, respondendo:

— Prompto, patrão.

— Aqui me tens. Que queres? Fala! Sê breve, porque não me posso demorar cá em baixo. Na Eternidade não ha tempo. Desde, porém, que descemos á terra, onde tudo é passageiro, ficamos escravos dos minutos e temos que nos sujeitar aos que trazemos na licença. Eu só tive cinco, assim, pois, avia-te. Dize tudo em cinco minutos, nem mais um segundo. Ou antes — em quatro minutos e meio porque eu já devo lá em cima trinta segundos que tomei da ultima vez que desci, a chamado do Centro "Paz e Amor, da Saúde. Vamos.

— Pois sim, patrão. Vou vêr se consigo fazer o que ordena, ainda que, nervoso como estou, não me seja facil expôr, de prompto, o que quero. Mas o patrão deve saber. O que aqui me traz é justamente o patrão. Essa gente da Policia mexe, remexe, vira e revira e não consegue descobrir o seu assassino.

— O meu assassino!

Deu-se o que Bonifacio esperava e todos temiam. A força do motorneiro demonstrou-se, em toda a sua violencia. Sentiu-se que o homem fôra invadido por uma legião de espiritos, porque desandou a dizer asneiras, falando desacertadamente, rindo ás gargalhadas, assobiando, cantando moxinifadas como o *Côco de respeito, Pé de anjo,* e outras baboseiras carnavalescas.

A sala ficou estarrecida e vozes commentavam na assistencia numerosa.

"E' isto. Esse homem não dá para estas coisas. Tem

força de mais. A gente pede-lhe um espirito, um só, para um negocio, e elle sae logo com o obituario do anno. Não serve. Tem força de mais, mas força inutil, porque em vez de servir ao que se pede, enche toda a sessão com historias, cantorias, descomposturas, ameaças e a gente sae daqui como entrou: a vêr navios. E' muito grande, não ha duvida, para attrahir não ha como elle, mas é isto. Estamos com a sala cheia e do banqueiro nem noticia. Olhe, lá está falando allemão ou inglez, não sei, é lingua estrangeira, e não resolve o caso.

O motorneiro berrava, vociferava, bufava, esmurrava a mesa, falando diversas linguas, como se fosse a torre de Babel, e Bonifacio, diante delle, meneava com a cabeça, compungido.

— Era pena! Um homem de tanto valor, com tamanho prestigio sobre os espiritos, capaz até de arrancar almas do inferno, com *habeas-corpus,* para ouvi-las, era aquillo — uma balburdia, uma confusão, nada. E Bonifacio, desanimado, sentou-se: decididamente só o Arouca poderia fazer alguma coisa. Com o motorneiro era inutil tentar. Que elle ficasse como o maior, o domador dos espiritos, a Força Suprema, o expoente maximo do espiritismo, só isso, no cartaz, para effeito. Na pratica era preferivel o Arouca, mais modesto, mais sereno, mais ponderado, mas, incontestavelmente, muito mais util.

Hernandez acordou, passou a mão pelos olhos, bocejou e, voltando-se para Bonifacio, indagou:

— Então? tudo esclarecido, não?

— Infelizmente, não. Muito brilho, espiritos ás legiões, uma belleza como effeito, mas de revelação... nada. Estou na mesma.

— E' que tu não penetras o arcano das minhas palavras, Bonifacio.

— Deve ser isso. Vou entender-me com o Arouca. Você é o maior de todos, ninguem diz o contrario, é... mas ninguem te entende. Tens força de mais... de mais.

E foi assim que a tentativa do velho famulo deu em droga.

COELHO NETTO.

pedir a Rosa que lhe fosse a casa e elle respondia que era impossivel, pois que elle, Bartholomeu, estava na sua companhia. Aquelle " velho é já o que tu sabes" não queria dizer outra coisa. Certamente Rosa já tinha mandado communicar ao amante preferido que Bartholomeu havia chegado de Therezopolis e o "é o que tu sabes" não era mais que uma affirmação reiterada.

E o resto? "Olha, Pedro, se tu me queres bem acaba de uma vez com isso. Não posso mais esperar tanto tempo. Tua que te quer até á morte. — *Rosa.*" Era clarissimo. Um bilhete de sua Rosa para Pedro Albergaria. Daria tudo para olhar o tal papel e verificar a letra de quem o escreveu. E como? Ir á policia e pedi-lo ao major? Perigoso. Na ancia em que a policia estava de agarrar o criminoso podia vêr, no seu movimento, indicios do crime e agarra-lo tambem. Nada. Mello Bandeira era um homem perigoso...

E, sentado na sala de jantar da casinha da amante, Bartholomeu Cordeiro meditava. Onde tera ido a Rosa? A criada dissera apenas que ella havia sahido. Naturalmente algumas compras.

Entre Rosa e Albergaria surgira naquelles dias uma crise de amor. Desde o assassinato de Sanches Lobo que o rapaz mudou completamente. Albergaria apaixonara-se por d. Lucinda, ao ve-la vestida de homem na policia e tudo nos seus habitos soffreu uma transformação sensivel. Não escreveu mais uma linha á Rosa, marcando-lhe encontros e entrevistas. As mulheres adivinham, percebem estas coisas no ar. Rosa percebeu que alguma saia mais tentadora se atravessara diante do coração do seu querido. E alarmou-se. Foi-lhe á casa varias vezes, sem encontra-lo. Mandou-lhe cartões e cartas insistindo que viesse á sua casa. Nem resposta.

Naquelle dia a rapariga sahira para procurar Albergaria.

XXIV

ASSASSANO! LADRÃO!

Ao sahir da policia Bartholomeu Cordeiro seguiu para a casa de Rosa.

A rapariga não estava.

Havia entre elles dois um arrufo recente. Bartholomeu queria desmanchal-o agora. Não havia nas intenções nada de carinhoso e terno e sim um plano sereno de vingança. O que pretendia era observar a amante e, através della, observar tambem Albergaria. Quando tivesse colhido provas que fundamentassem as suas suspeitas, ahi sim! correria a Mello Bandeira e denunciava.

Como tinha pretendido fazer hora antes, era uma aventura infeliz. Um bilhete dirigido a um Pedro e assignado por uma Rosa. Pedro ha muitos e Rosa muitas existem pela cidade. Elle que meditara longamente sobre aquelle indicio, achava-o agora pueril. Mas a desconfiança de que o bilhete encontrado no gabinete do banqueiro era de sua amante, dirigido a Albergaria não lhe sahia do pensamento. Tudo alli estava para convence-lo. E tirava do bolso o pedaço do jornal em que vinha transcripto o bilhete. "Meu amor: Não é possivel, pois o velho é o que tu sabes". O *velho* alli era elle. Naturalmente Albergaria mandara

— Se o senhor me quizesse emprestar um pouco de sua memoria... disse troçando.

— Talvez assim o senhor fosse mais cauteloso e não se deixasse cahir em esparrela.

Albergaria notou que havia nas palavras do fazendeiro qualquer coisa de intenção. Picou-se.

— Que esparrelas são essas? perguntou com a voz alterada.

Bartholomeu quiz dize-las. Conteve-se a tempo. Seria imprudente e inhabil. Desviou-se falando com uma energia ruidosa:

— Creio que nesta casa só eu tenho o direito de falar nesse tom.

E depois de uma certa pausa:

— O senhor aqui quer ter muitos direitos, até o de gritar. Contente-se com o de ser sustentado.

Uma nuvem passou pelos olhos do moço.

— Como dis?

O outro repetiu:

— Contente-se com o de ser sustentado, emquanto eu não resolvo o contrario. Já me vai aborrecendo essa historia de ter que custear a sua vida.

Albergaria avançou. A mesa de jantar impediu-o de agarrar o velho. Bartholomeu sacou o revólver do bolso da calça.

— Se tiver a coragem de tocar-me, esmigalho-te os miolos.

O moço recuou. O fazendeiro com um riso infernal fitou-o, exclamando:

— Assassino! ladrão! Se dér mais um passo ponho-o tão morto como o banqueiro Sanches Lobo.

Albergaria arregalou brutalmente os olhos.

Nenhuma palavra lhe pôde sahir da boca, nenhum gesto dos braços. Ficou livido, os olhos fixos no fazendeiro, como se de subito se petrificasse.

Bartholomeu guardou o revólver com uma gargalhada diabolica:

— Hein? hein? E' ou não é necessario ter memoria para não cahir em esparrelas?

Albergaria baixou a cabeça, como a meditar. Estava perdido. Como aquelle velho adivinhara e soubera? Um clarão passou-lhe pelo espirito. Era o bilhete, era a coincidencia da Rosa e do Pedro, encontrada no papelinho, no gabinete do banqueiro. Criou alma nova.

— O senhor então julga que eu fui o assassino de Sanches Lobo?

— Affirmo.

— Pois então ponha o chapeu e vamos á policia.

O fazendeiro não esperava por aquillo — desnorteou-se. O assassino percebeu a perturbação.

— Vamos. Não vacille. O senhor enunciará o meu nome.

Bartholomeu ficou um instante a pensar, de cabeça baixa. O jornal que elle havia comprado na rua estava estendido em cima da mesa de jantar. Os seus olhos cahiram sobre os grossos titulos da pagina aberta: "O assassino de Sanches Lobo foi preso. O criminoso cae em contradições".

O fazendeiro estremeceu, com os olhos fixos no jornal. Albergaria lançou tambem os olhos para a pagina. Era a noticia da prisão de Pedro Linck, o representante da casa Sachez & Lapin. A policia tinha comparado as impressões digitaes deixadas na caixinha de xarão do cofre do banqueiro, com as impressões digitaes do preso. Eram as mesmas. A noticia affirmava que os sapatos e as luvas encontrados pelo pescador na praia de Botafogo serviram admiravelmente nos pés e nas mãos do representante da firma paulista. Concluia dizendo saber a Policia que a amante do preso se chamava Rosa.

Faziam poucos minutos que ella deixára a casa, quando Bartholomeu chegou.

Ao descer de Therezopolis o fazendeiro resolvera passar uma semana no Rio, e era sempre em casa da amante que se hospedava. Tirou o casaco, chamou a creada, mandando fazer café. Foi recostar-se a uma cadeira preguiçosa junto da janella do quintal, abriu um jornal da tarde que comprára ao entrar alli, tirou os oculos do bolso e preparou-se para lêr.

Nesse momento entrou Albergaria. Chamado insistentemente pela Rosa, resolvera vir vê-la. Não contava com Bartholomeu alli.

Os dois encararam-se. O rapaz quiz recuar, sahir, mas Bartholomeu tinha-se erguido da cadeira calmamente, olhando-o com uma insistencia extranha.

— Porque o senhor me olha dessa maneira? perguntou.

— Eu é que devo perguntar com que direito entrou o senhor aqui?

— Com o direito que se tem de entrar numa casa, quando nella se tem uma pessôa amiga.

— Essa pessôa, creio que não sou eu, disse Bartholomeu com um tom de ironia.

— Não. E' a Rosa, respondeu o rapaz com ironia maior.

O velho ficou silencioso como se aquillo lhe doesse. Por um segundo não teve o que dizer. Afinal falou:

— Creio que já lhe prohibi de entrar aqui.

Albergaria sorriu:

— Parece-me que sim, mas eu tenho uma memoria muito má, esqueço-me.

— Pois faz muito mal em esquecer-se, retorquiu Bartholomeu com intenção. Quem pratica actos como os seus precisa ter boa memoria.

O rapaz não percebeu a que o adversario queria chegar.

Albergaria leu tudo de relance e, encarando Bartholomeu, repetiu:

— A' Policia! Vamos depressa! Não percamos um minuto!

Bartholomeu cahiu sobre a cadeira, desoladamente.

VIRIATO CORRÊA.

XXV

O TESTAMENTO ROUBADO

Emquanto Enéas Cabral, o delegado auxiliar, seguidor dessa pista, exultava com a prisão de Pedro Linck, identificado pelas marcas digitaes deixadas na caixa de xarão, Mello Bandeira ralava-se de ciume profissional, quasi descrendo da policia scientifica, que de nada lhe valera, quando o empirismo ignorante, ou apenas eloquente, dava sorte ao seu collega. A alma de *scherlock* envolvia-se na bruma opaca e fria da descrença, ante essa ironia do destino: elle é que procedia, segundo as regras inductiva e deductiva da "criminoscopia", era o outro, um bacharelête untado de philosophia, quem pegava o criminoso...

Passeava de um lado para o outro, no seu vasto aposento da Central, onde, a sós comsigo, costumava achar a solução para os mais difficeis problemas, quando o vinco apprehensivo e amargurado da testa se distendeu, e um sorriso, entre sarcastico e vingador, lhe entortou a commissura dos labios: — "E esta? Nem me lembrava!" Disse alto, como a um interlocutor ausente:

— Não me foge, meu caro collega, ás *tres* pontas deste *dilema*: ou Pedro Linck procedeu de luvas de fio de Escossia, e não deixaria dedadas na caixa, ou procedeu de

mãos livres e então não lhe pertencem as luvas encontradas... ou, — e ficou um instante a procurar a terceira ponta, porque achara tres para o seu dilema, — ou, então, foram dois os sujeitos, o das luvas e o das mãos descalças, e neste caso o seu achado, senhor doutor Enéas Cabral, é apenas meio achado, talvez fracção menor de achado, uma nomeação de criminoso, como o senhor diz.

Concentrou-se em sua alma profunda, e um pensamento aflorou-lhe aos labios:

— O detectivismo é sciencia do espirito, transcendente, philosophica, que pelo simples jogo de inducções, que sao generalizações de um pequeno facto-indicio, das deducções, que são as consequencias de um grande conhecimento conseguido, chega necessariamente á verdade. Como Leverrier, no seu gabinete, pôde descobrir Neptuno, no céu, eu aqui nesta sala, posso achar o assassino de Sanches Lobo... embora no inferno! Já agora mesmo sei que Pedro Linck não é o culpado unico, talvez não seja o maior culpado! E esta verdade, transcendente, obtive-a, simplesmente, pela força do raciocinio inductivo-deductivo... e sem sahir deste gabinete... sem arredar pé daqui...

Bastou esta conclusão final, para que Mello Bandeira, que andara todos estes dias, como barata tonta, á procura do assassino do banqueiro, se quedasse agora, constituida a sua nova theoria, encerrado no seu gabinete de trabalho intellectual, cujo assoalho media com as largas passadas. Exclamou então, com emphase de convencido:

— Assim como o achei, o parceiro de Pedro Linck, sem mais sahir daqui, aqui o hei de ver, porque, necessariamente, aqui virá ter...

De facto, esta confiança estava de accordo com duas das mais famosas theorias do *detective,* que elle promettia escrever, em livro documentado, para ensino universal. Elle as proclamava a cada difficuldade, embora, na pratica, nem sempre as seguisse. Uma era a theoria *dos antipodas,*

como lhe chamava, segundo a qual para crime realizado em Botafogo, devem as pesquizas ser feitas em Cascadura, pela razão muito simples que o criminoso não ha de ficar ahi por perto, rondando o logar do crime, na boca do lobo, senão procurar esconder-se, onde não possam suspeitar que esteja... isto é, nos antipodas! Pois bem, assim como o raciocinio deductivo delle ahi o levou, que ahi o vá procurar o raciocinio inductivo do *scherlock*. A cousa é em Nictheroy, pesquizas no Rio; é em Santa Thereza, procure-se no Sacco do Alferes. Agora mesmo, de accordo com a planta cadastral, Mello Bandeira empenhava-se em estabelecer os bairros — antipodas da Capital.

A outra theoria era a *da collaboração social* ou do *amatorismo auxiliar*, isto é, a arte do *detective* é universal e toda a gente é mais ou menos *scherlock*, d'onde innumeros amadores que procuram auxiliar a policia, collaboração que nem sempre será de menosprezar. Mello Bandeira convinha que os mais argutos *detectives* não eram policiaes, senão porque a policia adquiria taes amadores, provados os seus meritos: assim acontecera com elle. De facto, nenhuma grande obra humana fôra feita por profissionaes: Colombo não era navegador antes de descobrir a America: Pedro Alvares Cabral, o profissional, só por acaso, e apenas achara o Brasil. Guttenberg não era editor, nem jornalista, e entretanto inventou a imprensa: Marinoni, que era da profissão, só conseguiu um moinho de desenrolar bobinas: o profissional não dá nada e tende ainda a dar menos. A razão é que o amador de vocação se aproveitado burocratizado no officio, perde as iniciativas, e dá apenas em empregado publico, cuja unica ambição é esta: "não mexam commigo"! Venha, pois, a luz de fóra, collaborem os amadores, abram-se as portas a elles, que cheguem a fecundar a justiça!

Deste extase, que o raptara á realidade, foi Mello Bandeira trazido de novo a ella pelo continuo, que lhe annun-

ciava um velho mal encarado, o qual dizia ter coisas importantes a depôr.

— Eu não disse!? Elles vêm ter aqui! Mande entrar, que é certamente sobre o crime de Botafogo!

Era de facto. E era o velho Bonifacio, o serviçal de Sanches Lobo, cada vez mais avelhantado, após as emoções do crime, da crise de loucura transitoria na delegacia, finalmente do mallogro da sessão espirita na Gavea, quando todo o obituario do anno privara, á alma do patrão, da confidencia sobre o seu matador. Raio daquelle Hernandez, que de tanta força, era elle só o lingua do todo o outro-mundo, pois que todos querem falar por elle!

Sahira triste, descoroçoado, pensando agora na vida que iria levar, quando, por ahi, lhe entrou uma idéa na cabeça. o banqueiro promettera deixar-lhe alguma coisa, se morresse antes delle, recompensa de bons e longos trabalhos; portanto, só poderia ser em testamento... Teria deixado este instrumento publico de sua ultima vontade? Onde pararia elle? Não dormiu, excogitando.

Ao outro dia, logo ás nove, lá estava na cidade, á porta do banco, á espera do commendador Pantaleão do Aveiro, companheiro de directoria de Sanches, que o devia saber. E ahi, de facto lhe foi dito, que dois dias depois do infausto acontecimento, fôra o testamento, depositado nos cofres do banco, reclamado pelo herdeiro do morto, o seu sobrinho, que disso deixara recibo. E sobre o papel mostrado, o velho famulo leu a assignatura: "Pedro Alves Lobo Cardoso".

Ahi mesmo, no banco, Bonifacio desgovernou: era elle, este Cardoso, sobrinho de Sanches, o assassino do tio, como suspeitára, sem provas. Agora tinha a maior, a decisiva. Desherdado pelo banqueiro, além de o matar, lográra o testamento, para o destruir. Seria, pois, o herdeiro for-

Pantaleão abria os olhos, já arregalados e exorbitantes, deixava cahir o queixo e os braços, numa indizivel decepção, e só a custo pôde balbuciar, saculindo a cabeça:

— Não, não foi a este senhor, que nunca vi, não foi elle, a pessoa a quem confiei o testamento e que me passou este recibo!

AFRANIO PEIXOTO.

çado, como unico parente do morto. Não havia duvida, era elle!

Pantaleão enxugou a testa de suor, já áquella hora matinal, e exclamou:

— Em que encrenca me fui eu metter! De facto, os jornaes não falam de testamento, nem consta que o juiz respectivo o tenha aberto... Fui logrado pelo maroto!... Mas, além do recibo, eu o reconheço, oh, se reconheço...

Bonifacio tinha desapparecido. Metteu-se num *taxi* mandou tocar para a Central, para falar ao major Bandeira, a quem tudo isto confiára.

O *scherlock* teve um riso victorioso. Chamou dois *secretas*, disse-lhes algumas palavras, e os despachou em automoveis, um para a rua da Alfandega, e o outro para a Assistencia Municipal: mandava buscar, por bem, se o quizessem, por mal, se fosse necessario, o commendador-banqueiro que entregara o testamento, e o medico-sobrinho-assassino, que o recebera e talvez destruira.

Cardoso não estava de serviço, e foi preciso apanha-lo em casa, o que demorou algum tempo mais; porém, Pantaleão veiu de recibo em punho, e até com um cartão do tal sobrinho, que não conhecia de antes, mas se lhe apresentara desta forma.

— Quem podia suspeitar que este parente, porque desherdado, era o assassino e só queria o testamento para o destruir?

— Se o destruiu, peior para elle, que com isto mais se compromette. Oh! se o tenho! Elle ahi vem... e o senhor o vai identificar, commendador!

Neste momento, muito pallido e esbaforido, o *secreta* introduzia o dr. Cardoso.

— Ahi tem o sr., o dr. Pedro Alves Lobo Cardoso, sobrinho de seu collega Sanches Lobo, a quem confiou o testamento delle!

XXVI

UM EXAME DE CONSCIENCIA

Quando Pedro Albergaria sahiu de casa de Rosa, ia sôffrego por noticias.

Deixára o velho Bartholomeu literalmente succumbido, ao saber que as suas supeitas eram falsas. Tivera a cruel-dade, ao sahir, de lhe dizer zombeteiramente que désse lembranças a Rosa.

Na rua comprou os jornaes e pôde então saber o que se passára com Pedro Linck. O jornal, que vira em casa da amante, era o que menos noticias trazia.

O americano procurára ao principio negar qualquer participação no caso. De facto, elle fôra preso sem saber que indicios a policia possuia. Mas os *scherloks* de Santos haviam agido com muita habilidade.

Um detective fôra á loja em que elle servia levando cuidadosamente embrulhada, uma bellissima caixinha de xarão preto. Apresentou-se como um vendedor de curiosidades. Linck pegou a caixa, abriu-a, agradou-se della e parecia disposto a compra-la, quando o falso vendedor lhe pediu um preço fabuloso. O americano despediu-o sem demora. Era o que o vendedor queria.

O detective tomou a caixa com o papel de sêda, que a

embrulhava e carregou-a para a policia. Nada melhor que o envernizado do xarão para que nelle se deixem dedadas visiveis. A caixa estava cheia dellas. A policia verificou o desenho, comparou com a formula das impressões digitaes que lhe tinha sido transmittida pelo telegrapho e não teve mais duvida.

Linck não sabia estes pormenores.

Quando bruscamente, após as primeiras negativas, elles lhe foram revelados, não pôde deixar de perturbar-se. Talvez, entretanto, resistisse um pouco. Mas, a policia tinha descoberto Rosa Merck.

Tambem ahi as pesquizas foram feitas com habilidade. Afinal nem sempre a policia é desajeitada. O delegado, que a mandou chamar, disse-lhe que o fazia por causa de uma questão de moeda falsa, em que estava envolvida uma mulher de nome Rosa, antiga moradora em certo ponto da cidade, onde ella nunca morara.

Rosa, que entrára cheia de receios, cobrou animo. O delegado acceitou-lhe as declarações. Conversou. Gracejou. Fe-la recuperar todo o seu sangue-frio. Por fim, com um ar despreoccupado, pediu-lhe que escrevesse uma declaração sobre o assumpto, negando toda a sua participação.

Era uma declaração que o proprio delegado tinha redigido e, na qual entravam, entre muitas outras, todas as palavras do bilhete escripto a Pedro Linck.

Elle ia dictando e Rosa escrevendo, sem nenhuma suspeita do caso. Quando chegou ao fim, o delegado passou o mata-borrão e tocando um timpano, deu a declaração a um continuo para leva-la a Mello Bandeira.

Rosa quiz partir. O delegado não deixou. Continuou a conversar alegremente. Ella não sabia da prisão do amante, e não julgava que perigo algum a ameaçasse. Mas, nisto, Mello Bandeira assomou á porta, e sacudiu a cabeça em um gesto affirmativo. Acabava de comparar a declara-

ção com o bilhete e não tinha duvida alguma. Era da mesma mão.

O delegado fez-se immediatamente serio, e deu ordem de prisão á mulher, surprehendida.

— Presa, porque? — perguntou ella.

— Por ter sido a incitadora do assassinio do banqueiro Sanches Lobo.

— Mas não fui eu! Pedro matou porque quiz matar.

Aquillo lhe escapou sem reflexão. Foi, porém, decisivo. Apertada de perguntas acabou confessando que o crime fôra realmente praticado por Pedro Linck.

Este, quando viu a prova das dedadas reveladoras, a comparação da letra de Rosa na declaração e no bilhete e por fim soube da confissão desta, viu que estava perdido e confessou tudo.

O interessante é que a sua convicção de ser o assassino de Sanches Lobo o levava tão longe que elle disse que o banqueiro estava de costas para a porta do gabinete, dormindo.

— E como viu que elle estava dormindo?

—Porque o ouvia resonar de leve.

Esse pormenor absolutamente falso e que o compromettia, era uma illusão da sua memoria. Sem duvida, para que soubesse que Sanches Lobo estava dormindo, seria necessario que tivesse um signal dessa natureza: ou o visse respirar, ou o ouvisse resonar. Mas elle inventava, contra seu interesse, esse detalhe.

Sentindo que devia ter sido assim, deu a cousa como si a houvesse observado.

Pedro Albergaria leu essa confissão com verdadeiro assombro.

A policia achava, porém, que o americano, confessando embora o furto de titulos e valores, negava o dos duzentos contos, para deixa-los escondidos em qualquer ponto e,

mais tarde, acabada a pena ou absolvido por algum jury, ir busca-los.

Quanto ás luvas e ás botinas de tennis, Linck negava tambem que lhe pertencessem e as houvesse utilizado. Esses objectos tinham estado dentro da agua, haviam sido pescados cobertos de lodo, tinham andado por tantas mãos, que já não podiam fornecer vestigios. De mais, o facto de que se haviam encontrado botas e luvas, a varios kilometros de distancia do lugar em que se praticara um crime, não provava de modo algum que tivessem relação com o caso.

O que a imprensa chamava as *contradições* de Pedro Linck, eram cousas que a Pedro Albergaria confirmavam a veracidade do criminoso.

De facto, elle achára o cofre aberto; de facto, elle não roubára os 200 contos; de facto, as luvas e botinas não lhe pertenciam... Mas isso parecia incrivel á Policia.

Mello Bandeira foi o unico que se obstinou por algum tempo em admittir a existencia de dois criminosos. Mas disso não falou a ninguem.

Pedro Albergaria, lendo as noticias, fez serenamente o seu exame de consciencia. Outro homem ia ser condemnado em seu lugar: devia elle apresentar-se? — Não.

Calmamente, estudando os factos sem nenhuma intenção covarde de se desculpar, comparava os casos.

Não fôra um assassino por desejo de riquezas. Tomára uma vingança perfeitamente justa. Castigára um homem digno de castigo. Sentia que do fundo do seu sepulcro sua mãe lhe dizia: "Fizeste bem"!

E tinha feito.

Roubara? — Era verdade. Mas tudo o que elle trouxera não passava de uma pequena restituição. Chegava quasi a não merecer, em boa justiça, o nome de ladrão.

Pedro Linck, pelo contrario, não era outra cousa. Matara para roubar.

Albergaria perguntava agora a si mesmo si elle asphyxiara de todo o banqueiro ou si este apenas transitoriamente suffocado, estava voltando a si quando Linck entrára.

Isso não era verdade. Albergaria fôra que matara Sanches Lobo. Linck se illudiu, si julgou ouvir alguem resonar.

Mas, fosse como fosse, elle era uma alma de criminoso. Merecia a pena que lhe applicassem, embora severa.

E em sua alma e consciencia, Albergaria ficou tranquillo.

& (MEDEIROS E ALBUQUERQUE).

elle desejara: que a policia encontrasse um pobre diabo qualquer e sobre elle fizesse carregar todas as culpas. Saqualquer e sobre elle fizesse carregar todas as culpas. Sahira-lhe melhor do que a encommenda. Apparecia um sujeito que, sem ser um pobre diabo, vinha, e logo aos primeiros apertos da policia, confessava escandalosamente o assassinio na sua minucia. Esplendido! E Pedro Albergaria abrindo as janellas de sua casinha que durante tres dias não visitava, exclamava:

— Esplendido! maravilhoso!

Agora estava perfeitamente tranquillo. O assassino já existia para a policia, a policia satisfazia-se com elle, nenhuma complicação poderia surgir.

Era o momento de começar o goso do dinheiro que roubara de Sanches Lobo.

A respeito de dinheiro Albergaria estava mal. A pequena quantia que pedira emprestado a um dos seus antigos patrões dissipara-a. Os ultimos nickeis que tinha no bolso gastara-os em jornaes, naquella tarde.

Agora precisava de uma somma um tanto mais vultuosa. O caso era o seguinte. Com o seu amigo Alves Barreto conseguira um emprego na redacção d'*O Brasil*.

Era aquillo, para os seus planos futuros, um excellente inicio de vida. O emprego, teria que começar a exerce-lo na semana vindoura, e não lhe ficava bem apresentar-se com aquellas roupas modestissimas e quasi miseraveis que usava. Devia procurar um alfaiate para vestir-se decentemente.

Se tinha duzentos contos comsigo, sem mais perigo de policia, sem mais nenhuma probabilidade de complicações, não via motivo nenhum para não tocar no dinheiro.

Quando escurecesse iria desenterrar os cobres.

Devem os leitores estar lembrados das precauções que Albergaria teve ao trazer para casa, o dinheiro roubado. Dias antes munira-se de chumbo e massarico e de todos os apetrechos necessarios para fazer uma solda. No dia do

XXVII

A LATA DO DINHEIRO

Aquella hora do cahir da tarde quando Pedro Albergaria chegou á sua casinha de arrabalde vinha absolutamente tranquillo. Tudo lhe estava correndo magnificamente. Não havia sobre a sua pessôa a mais vaga, a mais longinqua suspeita. Ninguem poderia imaginar que tivesse sido elle o assassino do Sanches Lobo. Todos os caminhos poderiam ser trilhados pela policia, menos o caminho que levasse á verdade.

Para maior felicidade sua, apparecera a figura daquelle Pedro Linck que, imprevistamente, confessava um crime que elle, Albergaria, praticara. Era realmente uma grande felicidade o apparecimento inesperado daquelle americano.

Corria-lhe tudo maravilhosamente. Até a teimosa suspeita de Bartholomeu Cordeiro, infundada, sem bases seguras, mas que podia complica-lo, essa estava redondamente destruida.

O que elle desejava — dera-se. Quando por muitos mezes e annos architectara a morte do banqueiro, o seu maior cuidado era justamente aquelle: fazer as coisas de tal maneira que não deixasse os mais ligeiros indicios, nenhuma brecha para as suspeitas de sua pessôa. Aquillo mesmo

crime cavara no quintal do seu casebre um buraco de quasi um metro de profundidade, perto de uma pequena torneira. Servira-se mais de uma lata de folha, vasia.

Ao voltar para casa, depois de consumado o crime, ao voltar carregando a quantia de duzentos contos, seguiu immediatamente para o lugar onde cavara o buraco. Toda a somma e mais aquelle papel que, com interesse procurara no cofre do banqueiro, Albergaria depositou dentro da lata, soldando-a cuidadosamente. Em seguida collocou a lata no buraco, tapou-o com a terra revolvida, calcando-a. Depois derramou alguns baldes d'agua por cima, encharcando o quintal para que desapparecessem os signaes que a enxada fizera.

Tudo ficou como desejava. Ninguem poderia adivinhar que o terreno fôra revolvido.

Naquella tarde Albergaria esperava apenas que anoitecesse para ir desenterrar a lata.

Tirou o casaco, mudou toda a roupa, vestiu um velho pyjame e sentou-se. Uma figura de mulher surdiu-lhe á memoria. Era loura e linda, a mesma mulher que lhe enchia agora o pensamento em toda a parte. E o vulto de d. Lucinda esboçou-se luminosamente no seu espirito, no esplendor de uma mocidade risonha, na frescura de uma juventude radiosa. Não a tinha visto desde aquelle dia que a acompanhara em casa. Uma timidez estranha tolhia-o de subir as suas escadas. No emtanto, minuto a minuto, sentia que a figura daquella mulher se lhe infiltrava cada vez mais na alma, dominando-o. Todas as noites, já muito tarde, passava-lhe pela porta, parava defronte, ao vêr um raio de luz através das janellas, a adora-la de longe no fetichismo dos primeiros impulsos de amor.

E por que não ia ve-la se ella se mostrara tão sua amiga, tão grata ao serviço que lhe prestara na policia por duas vezes? Aquella maldita timidez... Sentia-se mal ves-

tido e não queria apresentar-se diante de um sêr querido com roupas sovadas e mal feitas.

E começou a fazer os seus planos. No dia em que o alfaiate lhe entregasse as roupas, nesse mesmo dia correria á rua Paulino Fernandes para visitar a moça. E dahi, por diante não deixaria de ve-la.

Ia já escurecendo. Mudou os sapatos, calçando umas velhas botas, rotas. Isso para o trabalho de desenterrar a lata.

Que devia fazer? Tirar todo o dinheiro e guarda-lo dentro de casa ou tirar apenas a quantia que necessitava naquelle momento? Isto ou aquillo tinha os seus inconvenientes. Se tirasse sómente a quantia necessaria para a roupa, teria novo trabalho de enterra-lo e desenterra-lo quando de novo precisasse. E isso de estar a enterrar e desenterrar era cacete.

Mas se tirasse todo o dinheiro e o guardasse dentro de casa o inconveniente era maior. Um perigo, até. Não tinha um cofre onde o depositasse com segurança. Na sua casa nenhuma segurança havia e os ladrões podiam bater-lhe a bella somma que ia ser a sua independencia no futuro.

Resolveu-se pelo inconveniente menor. Tiraria apenas a quantia necessaria naquelle momento.

Eram já sete da noite. No ceu não havia mais um laivo de luz do sol.

Levantou-se, foi buscar a enxada e seguiu tranquillamente para o fundo do quintal.

Mas, ao chegar junto da torneira, não pôde conter o grito de espanto que lhe sahiu da garganta. A terra estava fortemente revolvida. Um grande buraco abria-se diante dos seus olhos. Curvou-se, acocorou-se, olhando para o fundo. A lata havia desapparecido.

Albergaria sentiu andar-lhe tudo á roda. Quem teria sabido daquelle esconderijo? quem teria vindo cavar aquelle buraco?

E tonto, as mãos geladas, o coração a bater violentamente, metteu a enxada no buraco. Era verdade: a lata lá não estava.

Uma onda de sangue subiu-lhe á cabeça. Era a sua desgraça, a desgraça completa, o desapparecimento daquelle dinheiro. Tanto sacrificio, tantos annos de meditação para, de um instante para o outro, desapparecer estupidamente o resultado do seu trabalho!

E um milhar de coisas passou-lhe pela cabeça. Como fôra aquillo? A policia? Não era possivel. A policia não tinha delle a mais vaga, a mais insignificante suspeita e agora, com o americano pela prôa, só do americano cuidaria.

Quem podia ter sido? Não havia meio de atinar.

E rondou as proximidades da torneira, doidamente. Algum ladrão? Mas se ninguem sabia que elle havia enterrado o dinheiro alli, se ninguem sabia que elle tinha aquelle dinheiro!

Um longo suspiro sahiu-lhe dolorosamente do peito. Cahiu-lhe a enxada das mãos.

VIRIATO CORRÊA.

o desafio ao velho Bartholomeu, em casa de Rosa, quando, accusado, ousou convida-lo a irem á Policia. Abanou a cabeça, curvando a cerviz, meditativo:

— *Seu* Pedro, *seu* Pedro, a *joça* está *encrencada*...

Passava um garoto, annunciando, na *Tarde*, as ultimas noticias sobre o crime de Botafogo. Pedro correu á janella, para comprar o jornal.

Lá vinha a historia do testamento. O commendador Pantaleão do Aveiro, companheiro de banco do Sanches Lobo, entregara-o a alguem que se apresentara como o interessado ou herdeiro, o sobrinho, de cartão em punho e, depois, recibo assignado. A prisão deste e a verificação que não fôra o proprio, o dr. Cardoso, sobre quem recahiam as mais vehementes suspeitas. Mello Bandeira, que farejava outro criminoso, além de Pedro Linck e o suppunha agarrado, era obrigado a relaxar a detenção, suspender pelo menos o juizo até nova prova, e instaurar outras pesquizas sobre o caso do testamento: *o homem da capa preta!*

Pedro parou um instante na leitura, e considerou na infinita complexidade da menor das nossas acções, ainda naquellas que suppomos de autoria pessoal e de responsabilidade exclusiva. Estava ahi, matara Sanches Lobo, no maior resguardo, com tal facilidade e limpeza que até momentos depois considerava quasi um artificio de prestidigitação... e já agora, enredava-o, e ao seu delicto, a maranha impenetravel do mysterio! A sua propria memoria se perturbava: luvas de fio de Escossia viraram de borracha e tornavam a fio, pois que assim foram pescadas, assim como os sapatos de verniz, que ao mesmo tempo eram de tennis. Apparecera-lhe um collaborador, que matara o morto, e com tamanha convicção que lhe parecia antes resonnar... O testamento desapparecia e alguem falsamente era apontado, como interessado, e autor da sonegação. O dinheiro que enterrara tão discretamente era roubado,

XXVIII

CIUMES...

Pedro Albergaria não volvia a si do espanto, vendo-se roubado. Mais que a privação do bem adquirido, que elle considerava uma restituição, senão legitima, ao menos devida, mais que essa fortuna com que já contava para fazer a sua vida, o pavor de ser descoberto o seu crime, agora se apossava delle, num calefrio de desespero. Quem quer que tenha levado esse dinheiro, não póde ter duvidas sobre a sua proveniencia illicita, soterrado num fundo de quintal, em lata fechada, ao lado dos instrumentos de solda..., Uma denuncia anonyma, indagações, coincidencias, contradições... e adeus toda aquella prudencia, aquella premeditada operação a que no seu orgulho de criminoso illustrado chamara *um crime bem feito*. Estava o seu orgulho castigado e já não pensaria mais em commentar uma edição nacional daquelle livro de Thomas Quincey, — "O assassinio considerado como uma das bellas artes": Malasartes, que, cedo ou tarde, se vêm a descobrir, para a punição...

Outro calefrio tomou-o a esta ameaça, a mais séria daquellas com que vinha desde ha dias lutando, desde a imprudencia na delegacia para defender dona Lucinda, até

sem saber como, nem poder imaginar por quem... "Se isto não é mysterio, não me chamo Pedro Albergaria!"

Mal formulava estes pensamentos, tomado de uma viva inquietação, quando leu, linhas abaixo, no jornal: "Prisão de Rosa Merck. Complicidade provada".

Cahiu-lhe o papel das mãos, estas penderam dos braços flacidos, em profunda estupefacção. Que teria havido? O ciume senil do Bartholomeu, desviado delle, teria tornado contra a pobre Rosa? Retomou o jornal e então soube tudo: Rosa cumplice de outro Pedro, o Pedro Linck, apanhado em S. Paulo, identificado pelas impressões digitaes e que tudo confessara.

— Então, a Rosa?! Tambem o Pedro Linck?!

Tomou-o então um sentimento mau, entre decepção e raiva. Como o Bartholomeu, tambem elle era enganado! E' exacto que, desde o crime, a esquecera, mudado de tenções, rehabilitado pela figurinha loura de dona Lucinda... mas isto não era razão. Com a profunda e intima immoralidade da paixão egoista, quasi teve o cynismo de pensar: nós podemos enganar, não devemos tolerar que nos enganem.

— Então, a Rosa?!...

Teve vontade de correr d'ahi, procura-la, na Central ou na Detenção, se possivel, e dizer-lhe, de rosto, tudo o que sentia dessa traição. Pensou, porém, logo, que estava bem punida, com o seu cumplice, o seu outro cumplice, e exclamou, vingativo:

— Bem feito! bem feito!

Era entretanto obrigado a considerar que se a rapariga fôra capaz de tudo aquillo que elle via, indignado, num crime retrospectivo, e quasi incrivel, tanto era illogico (vão lá pôr logica nas paixões...), tambem seria capaz de contar tudo o mais, e então elle, Pedro Albergaria... Não terminou. Fechou os olhos, como para não vêr o fim do seu pensamento.

sapatos... E, como predisse aqui elle virá ter... O Carsdoso fica com a encrenca do testamento... mas este, este não me escapa á meação do crime... Tragam já a mulher!

Rosa tinha aspecto sinistro, de raiva represada. O labio superior tremia-lhe na boca cerrada, de commissuras repuxadas, como um ricto doloroso. Mello Bandeira, felinamente, espiava a presa, esperando que ella lhe entregasse o seu segredo, mas a rapariga, já sentada diante delle, persistia em mudez sibyllina, como desafiando a argucia do *scherlock*.

— A senhora declarou que ainda tinha algo a depôr...

Como acordando de um sonho passou a moça a mão na testa e explicou, num sorriso forçado:

— Eu?! Não! Passou-me de cabeça... Não tenho mais nada a dizer...

Mello Bandeira sorria. Ella era fina, mas elle seria mais. Arrependera-se; havia de arrepender-se.

— A senhora annunciou um outro cumplice, pediu-me que a ouvisse, aqui estou e espero que não me tome o tempo, inutilmente.

A rapariga perturbou-se. Ao olhar do policial, que parecia verruma-la, exclamou, em soluços:

— Eu... queria dizer... mas não posso... é um ingrato... mas eu gosto delle!... Passou-me pela cabeça uma vingança... Mas não posso...

— Nada tenho com os seus sentimentos, que respeitaria, em outra occasião. Só a verdade inteira attenuará a sua culpa. Quem é o outro cumplice?

— Não sei... não ha outro... é um só... E' Pedro...

— Que Pedro?...

— Pedro... Pedro... Linck...

Mello Bandeira, que lhe bebia os gestos e as palavras, certo de que ia ouvir a revelação do nome do outro criminoso, deu um formidavel murro na mesa.

Parecia-lhe, já agora, que ella era mulher para o fazer, de mais a mais offendida com a ausencia delle, que não mais a procurara, a despeito de chamados e cartas, até o dia em que, resolvido a ir ve-la, encontrara o *raio* do Bartholomeu. Este era bem homem, no seu ciume senil, para lhe ter omittido a visita, não a referindo á rapariga, cujo odio teria todo o direito de crescer. E de que não é capaz uma mulher que odeia?

Peior que odio, ciume! Se não lhe soubesse da nova inclinação, bastava o afastamento e o silencio, ou o abandono delle, para as conjecturas. Ellas todas raciocinam assim: "e não está, ou não está mais apaixonado por mim, é que está por outra". Odio e ciume, ou um por causa do outro!... Foi o que consegui, concluiu, entre si, o atribulado Albergaria.

De que lhe servia imaginar? Febrilmente, tomou de novo a folha e foi lendo, e saltando o que havia de menos interesse, procurando ansiosamente o que se referisse á Rosa. De repente, os olhos se lhe abriram, esbugalhados, sobre este distico, em letras carregadas: "Parece que ha outros cumplices".

— Deus do ceu... é agora!

E leu, não sabia mesmo como lia, que Rosa, — depois de apanhada pelo estratagema da letra, a mesma com que escrevera a declaração ditada pelo delegado e a que estava no bilhete achado por Mello Bandeira, apanhada ainda pelo grito d'alma com que denunciara o americano: "Mas não fui eu! Pedro matou, porque quiz matar!", finalmente após a confissão completa da culpa por Linck, — tomada de grande emoção concentrada, tinha declarado, hoje, que desejava ainda depôr e queria ser ouvida pelo [illegible]ior Bandeira: "não era só o americano o culpado!"

Quando o soube, o *detective* explodira, affirmava indiscretamente o jornal:

— Eu não disse?! Ha outro, o homem das luvas e dos

A este insolito ruido, a moça assustou-se, e os nervos tensos cederam em violenta commoção. Deu um grito estridente, e rolou da cadeira, no chão, num ataque tremendo.

AFRANIO PEIXOTO.

XXIX

A LATINHA

Quando Pedro viu, de novo, que nada havia a receiar tornou ao quintal para examinar o caso.

Quem poderia ter roubado a lata?

Examinando a terra que ficára empilhada ao lado do buraco teve uma surpresa: a lata lá estava. Quem quer que fizéra a excavação nem prestára attenção a ella.

Aliás era uma lata muito forte mas bem pequena. Tinha apenas o espaço para os objectos que continha e que nella estavam apertadinhos.

Pedro não comprehendia aquelle mysterio.

N'isto, porém, alguem bateu-lhe á porta. Elle teve um sobresalto enorme. Seria a policia?

Rapidamente subiu para cima do fogão e num desvão da parede, que só elle sabia existir, enfiou a latinha. Depois apressado, foi abrir a porta.

Quem batera fôra uma velhinha da vizinhança.

A casa de Pedro era pequenina; mas inteiramente isolada. Havia, ao pé, uma senhora, que creava um neto, garoto de 12 annos, muito travesso.

A velhota vinha pedir-lhe desculpa. No meio do dia o

neto conseguira uma escada, trepára ao muro do vizinho, passára a escada para o lado deste e descera.

O que ahi fizera a velha não sabia. Elle, porém, lhe dissera ter cavado um buraco, no qual tencionava enterrar um bambú, afim de construir um telegrapho, que imaginára.

A bôa senhora queria saber si o pequeno fizera algum estrago.

Pedro, que recuperou todo o seu sangue frio, mostrou-se surprehendido dizendo que ainda não fôra ao quintal; e convidou a velha a acompanha-lo. Ia rindo, gracejando com a traquinada da criança e desculpando-a.

Chegado junto ao orificio aberto na terra, não mostrou nenhuma indignação. Disse á zangada avó que o caso não tinha a menor importancia. Pediu-lhe mesmo que não castigasse o neto.

— Quem sabe se elle deixou algum brinquedo por aqui?

E com o pé desfazia o monticulo de terra, deixando assim que a velha visse bem não haver nella nada de suspeito.

— O senhor é muito bom. Mas isto não se faz. E o Cazuza lá está em casa, que nem se póde levantar. Dei-lhe uma sova, de que elle se ha de lembrar para sempre.

Pedro acalmou-a e levou-a até a porta. Tornou então ao logar em que deixou a caixinha.

Esse logar ficava na espessura do muro. Era uma escavação na parede, feita, porém, no alto, no sentido vertical Do chão, ninguem a podia vêr.

Não estava alli por acaso.

De facto, ao principio, Albergaria pensara em esconder nesse lugar a caixa. Fôra isso cinco annos antes, quando elle estava principiando a preparar o crime. Fez o buraco, com todos os requisitos, comprou a lata, viu bem que o lugar era excellente.

Depois, no emtanto, mudou de idéa e decidiu-se pelo esconderijo em um buraco.

Agora, passados cinco annos, o ennegrecimento das paredes, a fuligem, as teias de aranha, tudo emfim tornou o primitivo esconderijo o melhor possivel. Pedro resolveu-se a deixar lá a latinha.

E, lendo as ultimas noticias, vendo que o caso ainda não estava decidido achou que seria imprudente tocar no dinheiro fosse para o que fosse. E essa decisão elle a respeitou até o fim do processo religiosamente.

O jornal da tarde, que comprara, estava cahido por terra. Elle o tomou de novo, agora que estava mais calmo. Viu então que se enganara. A Rosa que fôra presa não era, como nós aqui já dissemos, a Rosa, amante de Albergaria. Nada tinha de commum com ella. Era uma allemã, segundo diziam os jornaes.

Pedro sabia bem que, mesmo que fosse a sua, ella ignorava absolutamente os seus designios sobre o banqueiro, de quem nunca lhe falara.

Nunca elle fizera plano algum de futuro senão baseando-se no seu trabalho. Ella não tinha, não podia ter confidencia alguma para fazer.

E Albergaria sentiu voltar-lhe a tranquillidade.

Era tarde. Deitou-se. Não pôde, porém, dormir. Lembrava-se agora nitidamente de certos episodios da vida sinistra de Sanches Lobo. Porque a vida deste fôra esta:

& (MEDEIROS E ALBUQUERQUE).

XXX

O PASSADO DE SANCHES LOBO

Foi pouco tempo depois da proclamação da Republica que Sanches Lobo surgiu pela primeira vez no Rio.

O scenario da cidade havia mudado completamente. Era a epoca febril do ouro e da aventura. Era o *ensilhamento*. Havia em toda a parte uma febre trepidante de iniciativas audazes. Faziam-se e derruiam-se fortunas da noite para o dia, solidificavam-se e despedaçavam-se castellos de cartas a golpes da bolsa. O centro commercial parecia um formigueiro em pleno labor.

Sanches era visto em toda a parte agitado, agitando, mettido em quasi tudo que era transacção, ora vendendo milhares de acções de uma companhia nova, ora comprando titulos de outra, num surto de condor que vae galgar o infinito.

Quem era elle, quem não era? ninguem sabia ao certo. Ao que elle proprio dizia nascera no Brasil. Viera ao mundo já em aguas nossas, no porto de Pernambuco, quando os seus paes emigravam de Portugal. Ao que muita gente affirmava, vinha de uma familia de ciganos que o levara já menino, ao Rio Grande do Sul.

Ninguem lhe perguntava as origens. Quando chegou ao

Rio já trazia azas adestradas para voar. Naquelle tempo ninguem queria saber de onde se vinha e quem se era. A nevrose dos negocios punha todas as cabeças em delirio. A ancia de ganhar, a febre de enriquecer não davam tempo a nada.

E, quando começou o desmoronamento, já Sanches Lobo tinha a sua fortuna em plena e surprehendente florescencia.

De toda aquella immensa tempestade de riqueza, talvez fosse o capitalista mais solido.

A cidade, só d'ahi por diante, começou a volver os olhos para elle. O aventureiro tinha já um sem numero de immoveis, terras em todo o Brasil, fazendas, fabricas, o diabo.

Comprehendendo o meio, fizera-se o philanthropo, que toda gente admirava: era presidente de quasi todas as associações de caridade, o homem que abria, em quantias vultuosas, tudo quanto era subscripção piedosa.

No emtanto, poucas almas tão podres como a alma de Sanches Lobo. Poucos homens, como elle, de um passado tão sujo, tão negro, e tão infame.

Sanches Lobo não era nem portuguez, nem brasileiro, nem filho de ciganos. Nascera em Cuba. Os paes, nativos de Havana, viviam num certo equilibrio de finanças. Sanches era o quarto filho. Chamavam-n'o Carlito. Desde pequeno que se mostrou de uma vocação decidida para a infamia.

O pae era guarda-livros num banco inglez. Um dia trouxe para casa uma somma consideravel que um cliente do banco lhe havia confiado para guardar até a manhã seguinte. Ao chegar, contou tudo á mulher e os dois combinaram guardar o dinheiro na gaveta de velho movel imprestavel que ninguem tocava. Junto delles, ouvindo a combinação, estava Carlito, pequenino, a brincar com um

cavallinho de pau. Ninguem podia imaginar que naquella alma infantil houvesse já a tendencia para o mal.

No dia seguinte pela manhã, quando o guarda-livros foi buscar o dinheiro guardado para leva-lo ao dono, não encontrou dinheiro algum. Um pavor. Procurou-se a quantia por toda a casa, inqueriram-se os criados, chamou-se a policia, remexeu-se tudo. Só á tarde, a mãe de Carlito entrando-lhe no quarto, surprehendeu-o a contar e a esconder a somma desapparecida, no colchão de sua caminha de criança.

Aquillo passou como uma infantilidade, como uma dessas inconsciencias proprias de menino.

Mas, pouco tempo depois, elle poz de novo a familia em sobresaltos. Carlito appareceu com os bolsos cheios de cigarros. Apertado pela mãe affirmou que tinham sido os companheiros da visinhança que lhe haviam dado. No dia seguinte a pobre senhora, tendo que fazer uma visita foi ao seu cofresinho de joias para adornar-se. Faltava uma "marquize" de rubim. Quem foi, quem não foi? e veiu mais tarde saber-se que o pequeno a havia vendido, na esquina, a um sujeito qualquer, que nunca se soube quem era. O que nunca se pôde saber tambem foi como elle conseguira abrir o cofre e fecha-lo, sem a chave propria.

As tendencias do vicio appareceram em Sanches Lobo muito cedo. Aos dez annos era a inquietação da familia. Um dia, na escola, produziu o seu primeiro escandalo publico. Tinham offerecido ao professor uma caneta de ouro. Elle a deixara sobre a mesa, á hora do recreio dos alumnos. Ao voltar, a caneta havia desapparecido. Um dos meninos devia ter sido. Ninguem mais entrara alli. Fez-se a averiguação. Todos negaram. O pequeno Carlito negou tambem e com um cynismo e uma coragem estonteantes.

O professor apalpa a todos. A caneta é encontrada no cano dos borzeguins de Carlito.

— Menino! diz-lhe o mestre-escola.

— Não fui eu.
— Mas se a caneta aqui está!
— Puzeram-n'a ahi.
— Quem?
— Não sei, não vi.
— E não sentiu?
— Não senti.

E teimou, teimou, teimou com uma desfaçatez irritante.

O castigo fôra o castigo merecido — a expulsão da escola.

Mas, no dia seguinte, a pobre mãe de Carlito fôra procurar o professor secretamente. Vinha trazer-lhe a caneta de ouro que havia encontrado no bolso do filho.

— Mas como? Pois se a caneta está commigo!

E abriu a gaveta em que a guardara. Nada. Carlito tinha-a furtado de novo.

Aos doze annos o menino soffria a sua primeira prisão. Fôra agarrado pela policia como do ról de uma quadrilha de crianças larapias que operavam nos bairros afastados da cidade.

Castigos, sovas, conselhos, tudo fôra inutil para modificar as inclinações do pequeno. A familia verificou que se tratava de um caso perdido.

Só um rigor excessivo, tyrannico, podia conte-lo. O pae decidiu então atira-lo para o convés de um navio-mercante. Entregou-o ao commandante, pedindo-lhe o mais despotico castigo para qualquer falta do filho.

Carlito fez a sua primeira viagem. Das Antilhas foi a Inglaterra, da Inglaterra ao Japão, andou pelo Mediterraneo, pelos mares do norte da Europa, por toda a parte.

Um dia desappareceu num porto da India. E' um periodo absolutamente desconhecido da sua vida.

Aos 20 annos sae da cadeia de Alexandria; em continente diverso, surgia desoccupadamente pelas ruas, depois

é visto a mascatear em Lisbôa, e um dia surde no Chile mettido em transacções de salitre.

Ahi é Carlos Lopo, diz-se hespanhol de Barcelona e senhor de vastas terras na Venezuela.

Um dia estala um grande escandalo na praça de Antofogasta. Carlos Lopo havia falsificado uma letra. E' preso. Mas antes que o processo chegasse ao fim desappareceu da prisão.

Some-se. Ninguem lhe sabe da vida. Aos 30 annos surge em Pernambuco, com o nome de Sanches Lobo falando portuguez como qualquer brasileiro e mettido em pequenos negocios de assucar.

Parte d'ahi a sua grande vida de argentario, começaram então as suas tremendas infamias no Brasil.

VIRIATO CORRÊA.

XXXI

O "CAMORS" DO BEBERIBE

A vida de Sanches Lobo foi no Recife de incontestavel prestigio social. Alugara elegante e confortavel palacete á beira do Capeberibe, cercado de jardins, com fidalgas dependencias, instalara-se com luxo e dera, aprimoradamente vestido, e gastando com largueza, mas com maneiras, em cultivar o que havia de melhor na sociedade.

Em algumas semanas era popular e querido na alta roda, imitado por todos os rapazes, que logo o cercaram, maravilhados dos seus habitos de *gentleman,* requestado por damas e donzellas, tambem tentadas por tão vantajoso partido e par de valsa tão disputado, porque poderiam depois dansar, assim, no luxo e na elegancia, o resto da vida.

Todos os dias eram recepções, e bailes, a que não faltava, rogado e insistido, *pic-nics* e cavalgadas a que o obrigavam, retribuindo a esses extremos de amavel sociabilidade com as attenções de sua polidez e não raro, com os favores de sua bolsa. Entre os estudantes de direito e os moços da bohemia artistica e literaria esses pequenos serviços rendiam fama e interminaveis commentarios, até ao talento do bello rapaz.

Ainda perdurava nas imaginações patricias o famoso

romance de Octavio Feuillet, "Mr. de Camors", que tão profunda e tão extensa influencia exercera na mocidade das academias do Brasil, e a que não fugira o mesmo Joaquim Nabuco, de sorte que ao apparecer Sanches Lobo, fino, elegante, viajado, paradoxal, brilhante, pródigo, por vezes cynico e outras perverso, toda a gente se poz a vêr nelle o typo acabado do "dandy" irresistivel, seductor, que tinha predestinação a ser admirado e temido, condições inevitaveis de ser amado.

Ao lado dessas brilhantes qualidades de exito mundano, tinha o moço excentricidades picantes, que lhe davam ao perfil moral um sainete original, muito apreciado. Assim que não recebia, obstinadamente, troco algum, fosse qual fosse a nota que désse em pagamento, no restaurante, no alfaiate, no perfumista: parecia que as mãos aristocraticas se desdouravam neste commercio burguez, de *toma lá, dá cá,* dessas miudezas. Um dia em que, entrando em casa, para almoçar com amigos, depois de um bello passeio a cavallo, lhe annunciara o criado que não havia agua em casa (o abastecimento precario do Recife...) para lavar as mãos antes de irem á mesa, Sanches fizera abrir, enchendo bacias, garrafas, caixas inteiras de "Apolinaris", a agua mineral gazosa, tão usada naquelle tempo.

Toda a gente applaudia, propalava, enfeitava essas excentricidades e larguezas, e, o que é mais, se punha a imita-las, pois que eram apanagios do elegante e bizarro "Camors" do Beberibe.

Até os defeitos do Sanches Lobo tinham graça e prosélitos. Affectava certa dureza no ouvido esquerdo: todos os rapazes, e até moças, deram em ouvir pouco, deste lado. Sobretudo as suas distrações e erros de memoria, [illegible] esquecimentos, davam commentarios risonhos e imitações flagrantes, na sociedade. Um dia, por exemplo, tendo de levar no seu pháeton moças e rapazes a um *pique-nique* no caminho de Jaboatão, em vez das luvas de fio de Escos-

sia, que usava para guiar, enfiara umas de borracha, que, por esquecimento, ahi deixara, em sua casa, jovem cirurgião do Hospital D. Pedro II. Dahi a dias ninguem montava a cavallo ou guiava carro senão de luvras de borracha, como cirurgiões. Em outra occasião, correctamente encasacado, em vez de ter aos pés os polidos sapatos de verniz, distrahidamente calçara botinas de tennis, e assim fôra ter aos salões elegantissimos de d. Rosa Galhardo.

Em casa desta senhora, que reunia em seu palacete a melhor gente da cidade deu-se mesmo uma scena, que se não fôra a fama das distracções, custaria a Sanches Lobo uma inimizade. Era o caso que a sociedade se dividira em dois campos, em torno de duas damas, d. Rosa Galhardo e Frau Rosa Bayer, que tinham salões rivaes. Uma era brasileira, moça, formosa e preferida pela mocidade, pela intelligencia e pela belleza; era a outra allemã riquissima, velha e feia como uma diaba, cujos satelites eram negociantes, senhores de engenho, politicos, corretores e banqueiros. Nessa *guerra das duas rosas,* Sanches fôra pela nacional, ao lado da qual dizia, para outras pessoas que os admiravam, aos dois juntos, um formoso par:

— Aqui, ou fóra daqui, eu só penso em Rosa Bayer...

Com a distracção, o galanteio fizéra *gaffe*. D. Rosa Galhardo mordera os beiços e os assistentes riram, a bom rir:

— Este Sanches... atrapalha tudo!

De outra feita, com o rico Paulino Perestrello, fôra á Alfandega buscar uma partida de famosos e custosissimos charutos de Havana e sublime e dourado fumo picado, que lhe chegára dahi expressamente. A' noite, annunciava os rapazes, seus amigos, no *club*:

— Aqui têm vocês charutos preciosos e fumo divino...

Mettia a mão no bolso interno do *smoking* e delle tirava e abria, com espanto, como sem comprehender porque na

dos, na companhia apenas de velha avó, Leonor foi presa facil e imprudente, nas mãos e ás ousadias do aventureiro.

Já ella reclamava contra as delongas do casamento, quando uma noite, Sanches se lhe apresenta com aspecto sinistro e abatido, dizendo-se arruinado, ameaçado de ir á prisão, pois que dispuzera de dinheiro em deposito e não havia outro recurso senão o pagar, para não ser deshonrado. Pedia duzentos contos para salvar-se.

Como a moça, assombrada, fosse, (tão tarde!) invadida de crueis suspeitas sobre a honorabilidade do homem a quem se dera e ia ser o seu marido, e articulasse umas hesitações, Sanches Lobo enfureceu-se e declarou-lhe, *chantagista* petulante, que, ou assignava o cheque que lhe estendia já preparado (podia faze-lo, que era maior), ou era a deshonra para elle e tambem para ella, pois publicaria tudo, todas as leviandades communs. E o ridiculo, e a voz publica!?

Tremendo e chorando, Leonor assignou. A moça lançou-se então sobre um divan, com a cabeça entre as mãos, a derramar lagrimas sem conta, agitando o formoso busto por suspiros convulsivos. Sanches entrara para o interior da casa, a se compôr no espelho, de sua *linha* alterada, por esses debates tragicos. Longo tempo deixou-se ficar por lá. Na casa deserta não parecia haver viv'alma. A velha avó lá estava na sala de jantar, de boca aberta, dormitando o seu somno de justo, repoltreada na cadeira de balanço. A criadagem estaria aos fundos da habitação, nas suas entretidas confabulações.

Leonor, cansada de chorar e esperar, levantou-se e deu alguns passos, assumptando os ruidos internos. Nada! Entrou então a dentro de casa, foi vendo tudo em ordem e em silencio, a chamar:

— Carlos! Carlos!

Ninguem respondia. Penetrou finalmente no seu quarto, illuminado. Sobre a mesa do centro, entre jarras de

sua esguia cigarreira de metal branco, não estavam o caixão de charutos e o sacco de fumo!

Perestrello, que percebera a distracção, exclamára:

— Pois você pensou, numa *latinha,* metter duzentos e tantos pacotes de charutos, que valem outros tantos contos de réis, e, de mais a mais, um sacco de fumo, que é como se fosse um de moedas de ouro?... Ora, *seu* Sanches!...

E riam-se todos da distracção, promptos para a imitar, na primeira occasião. Sanches dizia, sorrindo:

— Isto é hereditario... já meu pae era assim, distrahido... abstracto... esquecido... Estou atrapalhando tudo... E não é do trato...

Não se esquecia, porém, da sua vida; estas larguezas e luxos ajudavam seus planos de aventureiro. Graças ás suas relações, tramava negocios e planos ousados. Um delles era evitar o casamento assentado, e que iria realizar d'ahi a mezes, de Leonor Cavalcanti, a mais linda e fidalga rapariga do Recife, com o primo, o Luiz Albergaria, tambem rico como ella, mas que, certamente, reservado e discreto, não a merecia, dizia comsigo o Sanches.

— Se eu a apanho... pagava-me a temporada de Pernambuco!

E pôz tal arte, e tão subtil enredo de tentações em torno da moça, que foi empallidecendo a estrella do antigo noivo, as preferencias por Sanches se estabelecendo dia a dia, par de valsa, companheiro de passeios a cavallo, e de *pique-niques,* e de banhos de mar em Olinda, até o inevitavel rompimento, e, sem surpresa, mas com decepção de muitas, e inveja de outros tantos, ser o "Camors" do Beberibe o novo noivo da mais bella e rica das herdeiras pernambucanas. Não foi isto sem os transes romanticos [illegible] os rapazes diziam que, tal a Carlota de Feuillet, Leonor escrivera, com a penna molhada no proprio sangue, a sua rendição, ao irresistivel Sanches Lobo.

Os pais mortos, sem irmãos ou outros parentes vali-

flôres, o seu cofre de joias, escancarado e vazio... Dentro, um papel escripto a lapis, em letra disfarçada, que dizia:

"Se me denunciar, conto tudo!"

No dia seguinte, já Sanches Lobo não estava no Recife.

AFRANIO PEIXOTO.

Albergaria era um producto das conveniencias sociaes do meio em que nascera. Essas conveniencias obrigavam-n'o a calar-se. Calou-se. Mas, entre elle e a mulher, a vida se tornou um verdadeiro inferno. Ambos moços, ambos cheios de sonhos e amando-se, eram casados apenas para o mundo. Portas a dentro, não havia fél mais amargo que o do coração dos dois.

Em commodos separados, não se falavam nunca, a não ser aqui fóra, por escravidão aos preconceitos sociaes.

A mocidade fulgurante de Leonor foi fenecendo a olhos vistos, a mocidade de Albergaria, no viço esplendente dos vinte e cinco annos, como que se apagou.

Aquelle rapaz dos salões, tão querido e suspirado pelas moças, com uma educação encantadora e uma intelligencia brilhante, começou a resvalar de uma maneira lastimavel.

Deu para beber. Medico, com uma clientela de fazer inveja, apresentava-se em casa dos doentes, num estado horrivel de embriaguez.

Mezes depois do casamento nasceu o filho de Leonor. As conveniencias sociaes obrigaram Albergaria a regista-lo como filho do casal.

Mas a presença do pequeno mais influiu na quéda do pobre medico. Em toda a parte Albergaria se apresentava embriagado. Começou a ter amantes, as mais baixas, as mais réles, a dar escandalos em plena rua com as mulheres mais torpes.

A quéda moral teve como consequencia a quéda physica. Andava desleixado, o collarinho sujo, azedo, na mais visivel porcaria de vestuario.

Aquella situação produziu em Leonor uma immensa desgraça. Convenceu-se que era a causa da decadencia alarmadora do marido. E isso abalou-lhe a alma numa profunda mutação. Ella que quasi o não amava, começou a ama-lo fortemente, num mixto de vergonha e de piedade. O odio por Sanches Lobo rebentou-lhe no coração de uma

XXXII

NA BAHIA

Leonor comprehendeu o seu estado. Estava completamente perdida. Sanches Lobo, dias antes, havia abusado da sua pureza.

Na alta gente sempre se consegue apagar o estopim do escandalo que vae arrebentar.

Leonor teve a habilidade de convencer a roda intima que havia rompido com Sanches Lobo e que delle se fizera noiva por um simples arrufo com o primo. Luiz Albergaria era um temperamento fraco, de uma ingenuidade de criança.

Tres dias depois encontravam-se num grande baile no palacio do governador. As relações foram de novo reatadas e o noivado annunciado para aquelles dias.

E, de facto, um mez depois casavam-se.

Foi uma dôr para Albergaria. No dia seguinte ao do casamento não era elle mais o rapaz radioso e feliz de outros tempos, mas uma criatura desesperada e sombria. Tinha percebido perfeitamente a desgraça da sua posição.

O seu primeiro impeto foi abandonar Leonor, gritar a deshonra, propala-la, romper. O escandalo seria tremendo. A sociedade do Recife atassalharia o seu nome e o nome della.

Vinha offerecer-se para lhe salvar o marido. A desgraça era maior que o odio pela argentario.

Leonor não perguntou quaes eram os meios que Sanches Lobo tinha de salvar o nome de Albergaria. Naquella situação qualquer mulher confiaria.

O bandido no dia seguinte voltou. Parece que teve alguma influencia nas autoridades e nos jornaes — o escandalo arrefeceu por alguns dias. Isso deu a Leonor um impulso de confiança.

E Sanches Lobo se foi insinuando. Albergaria, que morreu sem saber quem fizera a deshonra de sua mulher, acreditava no impostor.

E' preciso isto, é preciso aquillo, e o pobre medico, levado pelo turbilhão do escandalo, quasi sempre embriagado, ia assignando titulos e titulos de divida a favor de Sanches.

O arrefecimento do processo não durou muito. O mandato de prisão contra Albergaria foi expedido.

Sanches Lobo havia conseguido todos os seus planos. Os titulos de divida que o medico lhe assignára representavam uma fortuna.

Leonor nada sabia. Oito dias depois da prisão do marido, Sanches lhe entra em casa. Entrou como se entra em casa de uma amante.

A dignidade da pernambucana revoltou-se. Não havia revolta possivel para o cynismo do argentario. Vinha propôr-lhe novamente o coração cheio de amor....

Leonor ergueu-se da cadeira.

— Rua!

Com uma tranquillidade infame Sanches convidou-a a sentar-se.

— Não vale a pena zangar-se, disse. Eu sahirei. Peço-lhe que amanhã a senhora desoccupe a casa.

Leonor não comprehendeu. Elle então contou dos titulos de divida que estavam em suas mãos. Nomeou a somma.

A pobre senhora ficou estarrecida. Muito tempo fixou o argentario com um brilho infernal nos olhos, parada, extatica como se fosse enlouquecer, e depois, num gesto inesperado avançou, mettendo-lhe as unhas pela cara, desvairadamente, numa tempestade e numa explosão.

Quando os criados acudiram ella offegava no chão, esguedelhada, as mãos crispantes a despedaçar os tapetes.

Sanches Lobo já não estava mais na sala.

VIRIATO CORRÊA.

maneira desvairada. Passava os dias a roer planos de vingança, desolada e sombria como uma desgraçada que não encontrava remedio para a sua miseria.

Aquelle estado de coisas não podia continuar. Os escandalos que Albergaria dava no Recife, a sua terra, a terra dos amigos de sua familia, tão cheia de tradições, de respeito, precisavam ter um fim.

Foram os amigos que convenceram o pobre moço que se mudasse para outra cidade.

Mudou-se para a Bahia, com a mulher e o pequeno.

Ahi pareceu que ergueria de novo a sua bôa fama e os seus bons costumes. Apresentado na alta roda, durante um anno teve uma vida brilhante de medico, com a clientela mais fina e mais rendosa. Mas isso durou apenas um anno. Albergaria voltou novamente á embriaguez e á dissolução.

Por esse tempo surgia na Bahia, envolvido em altos negocios de cacau, a figura nefanda de Sanches Lobo. Era o mesmo argentario, que fôra no Recife, o mesmo bandido em todos os tempos.

Nos jornaes tinha estourado um escandalo abalador. Albergaria, uma noite, fôra levado a fazer uma operação numa mulher do povo. Devia estar rigorosamente bebedo. A mulher tres dias depois morria e até ferros de operação tinham sido encontrados dentro do cadaver. Os peritos accusaram tremendamente o operador. A discussão travou-se nos jornaes. O nome de Albergaria foi atassalhado. Logo ao começar o processo, todo o mundo percebeu que era a desgraça completa do medico. O mandato de prisão ia ser expedido por aquelles dias.

Uma noite Leonor chorava no seu quarto, quando lhe bateram á porta. Os criados estavam para os fundos da casa. Ella mesmo veiu abrir a porta. E, quando fez luz na rua, teve um grito de terror. Diante della estava Sanches Lobo.

Se a certos espiritos simples parecerá isto requinte de barbara vingança, acima e além da humanidade, cumpre não raciocinar como uma mulher apaixonada, victima do scelerado mais infame, contra quem teria o direito á mais monstruosa represalia. Era filho delle? Era-o muitissimo mais de sua vergonha, de seu martyrio, e a vingança estaria á altura do crime que a provocara.

Não convém esquecer que essa geração apaixonada, do fim do romantismo, exaggerada e original, veria na vida as soluções incriveis das suas fantasias. A moral do romantismo permittia tudo, excepto a mediocridade banal das soluções burguezas. Leonor fôra criaura brilhante, nutrida de todas essas fantasias do espirito, por isso mesmo mal preparada para a vida, cuja infinita magua lhe incitara os propositos mais monstruosos. Não haverá alma bem formada que lhe não seja indulgente, pois que soffreu, até demais.

Foi assim que ella veiu ter ao Rio, duramente conhecendo a vida de miseria e de soffrimento, inattingivel, porém, á degradação, incorruptivel dahi por diante, criando o seu filho para tirar a sua vingança. Conheceu mil empregos subalternos, doceira, rendeira, modista, finalmente empregada do correio, tendo vida e alento sómente para o seu proposito. A alma do filho fe-la á imagem da sua dôr, mudando-lhe pela educação, que é outra, a natureza primitiva delle, que muito a alarmava com as confissões de uma semelhança inilludivel. Foi assim que, lentamente, dia a dia, logrou mudar nelle tudo que lhe parecia vir da sua origem; foi assim que nelle installou, como a alma nova, um culto pelo nome que trazia, o do homem honrado, que morrera como soffriam ella e elle, em vexames e privações, por culpa exclusiva de um bandido nem bastantemente punido com a morte.

A piedade á creatura a quem devia o sêr, a devoção á memoria do ente que reconhecia como seu pae, junto ao

XXXIII

O "ENSILHAMENTO"

Para a incommensuravel desgraça de Leonor, só havia um remedio — a fuga, das garras do monstro que a perseguia, em busca de silencio e do esquecimento. Despediu os criados, juntou as alfaias e o resto do que lhe ficára da passada riqueza e com o filho correu em busca da protecção de pessôas amigas, discretas, ás quaes confessou todo o horror de sua situação. Salvassem-na, mandando-a longe dalli, para o Rio, onde tinha alguns parentes afastados, onde contava trabalhar e criar o seu filho, que a havia de vingar...

Oh! se havia! Concentrara nesse pensamento todas as forças de sua alma, toda a capacidade de odio do seu coração... Lembrou-lhe então, no seu tragico destino, situação analoga, embora inversa, que era a da Condessa de Camors e o filho, abandonados por marido e pae. Este, espionando-os, uma noite, viu que a esposa ensinava o pequeno a rezar e na oração o innocente pedia a Deus perdão por elle; ao seu filho, ao pequeno Pedro, havia de ensinar o odio ao infame Sanches Lobo, ignorando sempre os liames de sangue que havia com elle, para que o malvado fosse victima mais tarde, um pouco de si proprio.

odio enviscerado a Sanches Lobo foram os sentimentos constantes e perennes da infancia, da adolescencia e da mocidade de Pedro Albergaria. Quando mais tarde, muito mais tarde, viesse a hora da vingança, Leonor estava certa que ao filho não escaparia de empregar a menor parcella do odio que lhe transfundira.

Na sua velhice precoce, na sua decadencia só esta idéa, com a qual e pela qual vivera, só esta idéa tornara mais facil o trespasse derradeiro, pois tinha a certeza de ser vingada, e por monstruosa vingança, unica nos annaes da historia dos crimes humanos: para o bandido Sanches Lobo só represalia dessa estatura...

Mas os annos ainda haviam de passar e Sanches Lobo, antes da expiação, conheceria outros triumphos infames. Se no Recife foi a phase do dandysmo, na Bahia com mais impudor, se revelou a de rufião, de trampolineiro, de sua natureza. Não havia espelunca mal afamada, casa escusa de mau nome, como club elegante ou casa publica de rica frequencia, que não fossem de seu habito.

Mas, ao lado dessa dissipação, o financeiro capaz de todas as ousadias e crimes estava vigilante e attento, e tinha sua participação. Emissões dos bancos, permittidas ou clandestinas; empresas que, reunido o capital, entravam na penumbra e no silencio que antecipa a liquidação fraudulenta; contracto de loterias sem premios; fornecimentos ao Estado por tresdobro, em tudo tinha parte o aventureiro, que, embora dividindo o lucro com os seus comparsas, enthesourava grossas maquias. Foi mesmo o excesso de ganancia nesses negocios publicos que o perdeu na Bahia.

Com o advento da Republica, o velho Brasil, probo e honrado, como Pedro II, desapparecera; naquelles tempos a voz publica calumniava um ministro que morria de repente, com cinco mil réis apenas na algibeira, e viria a ter uma estatua; outro que por leviandade, tinha amigos pouco escrupulosos pegados em contrabando, fôra, por ella, ar-

rastado á rua da amargura. Eram os escandalos do Imperio, mediocres e pobres escandalos, que o ciume e as retaliações partidarias açulavam, cresciam á vista, mas logo se dissipavam, reduzidos ás proporções justas sob a sancção serena e digna do arbitrio nacional, o honrado soberano. Sem elle, a Republica, que o substituiu, dissipou-se na orgia sem par do *ensilhamento,* na advocacia administrativa, no jogo, todos os jogos, desde a fortuna até os sentimentos, desde os haveres até a honra, até que, passada a onda de corrupção, se recuperou o aprumo, não ganhou mais a bôa fama. Como remanascentes ficaram os habitos de negocio em que se affazem, e de que vivem certos politicos.

Nesse tempo, não perdeu Sanches Lobo o seu tempo. Teve empresas de todo o genero e feitio, com os capitaes mais fantasticos e os propositos mais desconnexos. Tal era a loucura de bolsa que reinava no momento que, nem titulos nem endereços eram necessarios ás colossaes empresas, que viveram no papel e do ouro dos incautos accionistas. Havia *companhias de ferro e ferragens* que installaram burgos agricolas, companhias *de cera e ceramica* que faziam estradas de ferro, companhias *de cultura de canna-fistula* que construiam casas de baixo aluguel, companhias *de assucar-candi* destinadas á criação pastoril, e assim por diante. Além disto garantias de juros, fornecimentos, compromissos com os governos, todas as transacções que redundam no roubo publico, e systematisado e protegido pelo mesmo Estado.

Sanches era de imaginação prompta, feliz, de ousadia irreprimivel e sem limite, de geito que conseguiria a maior fortuna do Brasil nessa epoca, se não fôra a condemnação necessaria desses labyrinthos financeiros o prenderem nos seus meandros ainda os mais ardilosos, os trapaceiros que os criaram.

Todo os lucros de suas companhias foram sendo sorvidos em emprestimos ao thesouro do Estado, sempre des-

falcado, até o dia em que, diante do *crak* geral, accusado de mil latrocinios pela voz publica, com uma multidão innumeravel á porta que queria a restituição dos seus pobres dinheiros confiscados nas empresas fallidas, pediu garantias á Policia e esta, o mais que lhe pôde fazer, foi dar-lhe conselho que desapparecesse, deixasse a Bahia, levando comsigo a promessa de ser pago um dia, num dia incrivel de prosperidade, do muito que roubara de uns e emprestara a outros.

Sanches Lobo embarcou ás occultas para o Rio, esperançado de um dia rehaver alguma coisa dos seus emprestimos, pois que não tinha por verdadeira a maxima: ladrão que rouba ladrão...

AFRANIO PEIXOTO.

XXXIV

OUTRA FAÇANHA

A partida de Sanches Lobo se fez occultamente. Ninguem sabia que fim levara. Na Bahia, não deixara, entretanto, como se podia receiar, uma fama tão má quanto merecia.

Si um grande numero de victimas o accusava, outras não duvidavam — tanto é grande a ingenuidade humana — acreditar-lhe na bôa-fé. Chegou-se a falar no seu suicidio. O certo é, porém, que durante algum tempo todos lhe perderam a pista.

Sanches Lobo não estava, todavia, succumbido. Perdera uma partida, começaria outras. Estava certo que acabaria por vencer.

A bordo do vapor em que seguiu para o Rio de Janeiro, ia um velho medico, que não fazia mais vida de sua profissão: era fazendeiro em São Paulo.

Fazendeiro muito rico. Ia com elle a filha, uma rapariguinha loura, de um louro aguado e insipido, perfeitamente insignificante. Parecia uma tuberculosa. De mais, não sabia conversar. Dizia *sim* e *não* a tudo o que se lhe perguntava e, quando sorria, seu sorriso mostrava uns dentinhos muito curtos, muito pequenos e umas gengivas

enormes... Era um sorriso horrivel. Não tinha graça alguma. Não se vestia: entrouxava-se. O peior ainda é que se entrouxava com roupas de côres berrantes e que, se o casaco era vermelho, a saia era amarella, as meias verdes, os sapatos brancos e havia no cabello um formidavel laço azul.

Não se podia imaginar creatura mais destituida de encantos. Assim, vivia a bordo completamente desdenhada, porque nem ao menos ninguem sabia que se tratava de uma pessôa rica.

Mas Sanches, que vivera no mundo dos negocios, conhecia de nome o riquissimo fazendeiro. E começou a cortejar-lhe a filha.

O mais espantado com isso foi o velho. Embora rico, elle era bastante avarento. Desconfiava de tudo e de todos.

Teria Sanches Lobo sabido que elle tinha uma bôa fortuna?

Suas suspeitas cahiram, porém, completamente, porque, conversando com elle, Sanches mostrava acreditar na sua pobreza. "Nós que não somos abastados"... "Nós que precisamos viver do nosso trabalho..." eram phrases que voltavam frequentemente na sua conversa.

O fazendeiro, diante disso, acabou por admittir a sinceridade do espertissimo sujeito.

A moça, essa, não teve difficuldade em deixar-se prender. Nunca ninguem lhe tinha dado a importancia que Sanches Lobo lhe dava. Achava-o por isso um homem extraordinario.

Ao chegarem ao Rio, em cinco dias de viagem elle havia feito a conquista do velho e da pequena. Quando, dois dias depois do desembarque, foi visitar o fazendeiro, que seguia para S. Paulo, apresentou-se solenne e triste.

— Meu caro dr. Azevedo, disse elle ao fazendeiro, eu tinha feito um projecto ambicioso e risonho. Vi hoje que era impossivel. A bordo, conhecendo sua gentilissima filha,

pensei em unir ao della o meu destino. Suppunha, porém, que o senhor fosse um homem como eu, que precisa para viver, lutar pela vida. Soube hoje, entretanto, quanto é grande sua fortuna. Nessas condições, sinto que não estou na sua categoria social e não posso aspirar ao que aspirava.

O fazendeiro, que apesar de todas as suas finuras, era um homem ingenuo, deixou-se illudir. Pareceu-lhe aquelle escrupulo de uma alta nobresa. De mais, suppoz que tinha encontrado talvez o unico homem capaz de amar realmente a filha. Porque com essa hypothese, até então jámais contara.

Atalhou, portanto, as affirmações de Sanches Lobo e lhe disse que o casamento da filha dependia unicamente do que ella decidisse. Não se tratava de um negocio.

— Espere um momento!

E, dizendo isso, foi ao interior da casa. Quando referiu á sua Hermengarda o caso de que se tratava, ella não teve uma hesitação: que sim, queria casar!

O dr. Azevedo voltou á sala com a filha e apresentou-a a Sanches Lobo:

— Apresento-lhe sua noiva!

Sanches Lobo simulou uma commoção profunda. Tomou uma das mãos da desenxabida criatura, mãos cujas unhas, si não estavam de luto fechado, estavam pelo menos de luto alliviado, e beijou-a, como em extasis.

Era preciso coragem. A pequena, em trajes caseiros ainda se mostrava mais horrivel que de costume. Quasi um palmo de saia branca apparecia por baixo da saia de cima, que era inteiramente verde, de um verde berrante, que allucinaria de desejo uma vacca faminta. E nos pés, mettidos em chinellos tendo em cima, bordada, uma grande cara de gato, viam-se as meias amarellas, de um amarello côr de gemma de ovo. Uma das meias, que certamente devia estar enrodilhada abaixo do joelho, cahia um pouco em fórma de sacca-rolhas.

Sanches Lobo foi valente. Arrostou isso tudo.

D'ahi a pouco tempo, estava casado. O fazendeiro deu á filha um dote de duzentos contos. Foi com esse dote que Sanches Lobo se casou deveras...

Surgiu, porém, um contratempo. A moça que ficou immediatamente gravida, entisicou. Sanches Lobo não queria passar por mau marido. De mais, si duzentos contos eram alguma coisa, elle podia ganhar muito mais com a herança do velho, tambem já bastante doente. Valia, portanto, a pena salvar o filho.

Quiz, porém, o destino que assim não fosse. A mulher morreu justamente no momento em que o pequeno nascia. E nascia tambem morto.

Mas Sanches Lobo não se apertou. Mesmo alli, no leito em que estavam dois mortos: sua primeira mulher e seu filho, não perdeu o sangue frio: fez constatar que o filho tinha vivido alguns segundos.

Quando o medico o viu com aquella preoccupação de fazer declarar que o filho nascera *com calor vital,* pensou que se tratasse de um sentimento até certo ponto de orgulho paterno, querendo ficasse consignado que o filho vivera algum tempo. E attestou o que elle quiz.

Aliás elle tomara o defuntinho no collo e, representando uma abominavel comedia, fingiu que o via abrir os olhos e mover-se.

A scena, para os circumstantes, era commovedora. Para quem soubesse a realidade dos factos, representava uma tragedia sem nome. Ninguem jámais imaginaria esse requinte de ferocidade: um homem moço e forte, junto de sua primeira esposa morta, vendo nos braços o seu primeiro filho igualmente morto e fingindo apenas que este vivera alguns minutos, para não entregar o dote da mulher e para vêr si ainda apanhava a herança do sogro.

Sanches Lobo teve sorte. O dote não foi restituido. A

herança do velho medico, que morreu com uma syncope cardiaca ao saber o fallecimento da filha, veiu ter ás mãos do avido sujeito. E elle se viu de novo rico, dono de algumas centenas de contos.

& (MEDEIROS E ALBUQUERQUE).

XXXV

A CONFISSÃO DE ROSA

Mello Bandeira percebeu, astutamente, na contradição de Rosa, — que pedira para ser ouvida, pois tinha ainda alguma coisa a dizer, e, chegada a hora, se arrependera, esquivando-se, — que havia ahi a ponta de uma meada. a desenredar.

"— Eu queria dizer... mas não posso... é um ingrato mas eu gosto delle! Passou-me pela cabeça uma vingança... Mas não posso!..."

Foi o que ella dissera, acabando por affirmar que o unico criminoso "era Pedro... Pedro... Linck." O nosso Jackal inverteu a maxima do outro, para o uso do sexo amavel, e murmurou entre si: *cherchez l'homme*... Não póde ser o Linck ou sómente o Linck, pois que o denuncia; ha o outro, o do peito, *o ingrato,* de quem apesar disso, gosta. Este, Bandeira, é que é o outro!

Tirada esta conclusão, o major tranquillizou-se; o raciocinio inductivo-deductivo era nas pericias o essencial, dizia elle; o mais vem, naturalmente. E então, mudou, ou fingiu mudar de assumpto, certo de que tudo se sabe de mulher, ainda a mais discreta, deixando-a falar, falar, o que aliás é facil, porque é o prazer dellas. Desarrugou a

physionomia, tomou aspecto calmo e affavel e disse á rapariga, ainda mal desperta do ataque que a prostrara:

— Sente-se melhor? Não se impressione... Não quero que me diga nada do que, nos segredos do seu coração, acha que não me deve dizer. Desejo, porém, que me conte sua vida, que eu aliás poderia saber por outrem, fazendo indagações. Talvez saber mal, de vizinho, e conhecidos... melhor será pela senhora mesma.

Já tranquillizada, a rapariga fez um gesto de assentimento, num sorriso triste. O *scherlock* proseguiu, entrando no assumpto:

— Rosa Merck... é então de origem allemã...

— Não senhor, sou brasileira, e de origem brasileira.

— E este nome, que não é nacional?...

A rapariga teve um instante de perplexidade e rubor subito cobriu-lhe o rosto:

— E' o nome de minha madrinha, brasileira tambem. viuva do grande industrial allemão, de productos chimicos, Merck, de Darmstadt...

— O nome de seus paes?

— Affonso e Lucia Fróes, ambos mortos...

— Mas a madrinha ainda existe... onde está ella?

— Voltou á Allemanha, pouco antes da guerra, para cuidar de seus interesses.

— E porque não a acompanhou, se não tinha paes nem parentes?

— Assustou-me a ausencia de minha terra, para um paiz desconhecido... Na noite do embarque, já a bordo, fugi, deixando carta á madrinha, que só viria a dar por falta de mim, partido o vapor, em viagem directa á Europa. Vim para terra, num bote, fui á casa de uma conhecida, vivi uns dias não sei como, até... o meu destino!

Abaixou de novo a cabeça e a face sobre os braços cruzados, tomando apoio na mesa, e poz-se a chorar. O major

ficou um instante commovido. Readquiriu, porém, sua imperturbabilidade de *scherlock*:

— Que cabeçada! Como se mette os pés assim na fortuna!... Afilhada de uma velha rica, sem herdeiros, que a criara com todos os mimos, vê-se bem pela sua educação, e, por um capricho, uma loucura, dá você uma cabeçada destas... Rosa, você não tem juizo, minha filha!

O tom paternal de admoestação produziu o seu effeito. A moça levantou a cabeça e, ainda de olhos molhados, encarou o *detective*:

— Se eu fosse morar na Allemanha, e por lá ficasse, não tiraria a minha vingança... e, desde menina que eu vivo para me vingar...

— De quem, Santo Deus? Que vingança valerá o sacrificio que fizeste, Rosinha?

A' medida que o tom familiar de Mello Bandeira proseguia, a moça, animada, como que se confiava:

— O senhor acha então, que uma mãe não vale nada?... Pois, roubaram a minha! E eu, desde criança, que dediquei a minha vida a vingar-me de quem m'a roubou, a minha querida mamãe!

Tomou-a, a esta evocação, accesso convulsivo de pranto. Mello Bandeira commoveu-se, no mais intimo de sua sensibilidade. Não podem, é da natureza, os homens vêr mulheres a chorar. Muito mais, se são moças e bonitas... Impossivel!

Ainda mesmo os *detectives*, que no fim de contas são homens, como os outros. Mello Bandeira commoveu-se

Pensou comsigo: — Que immensa desgraça não haveria alli, diante delle?!

Limpou com a mão o canto dos olhos humidos, approximou-se da rapariga, ameigou-lhe os cabellos num gesto carinhoso, e disse-lhe brandamente:

— Rosa... nós estamos sós... a sua desgraça me commove... o mysterio de sua vida me tenta! Diga-me tudo;

juro-lhe que farei o humanamente possivel para defende-la!... Eu preciso, porém, saber tudo, tudo... até mesmo o crime, se você o praticou, pois que V. tem por si uma attenuante, uma dirimente, que lhe trará a absolvição certa... Eu a defenderei... juro que a defenderei!

Rosa levantou os lindos olhos maguados e rasos de lagrimas e os encarou nos do *scherlock*, entre curiosa, espantada e ao mesmo tempo tocada daquelle impeto, que tinha aspecto sincero. Viu nos olhos do interlocutor chamma amortecida, que não engana... Têm as mulheres o instinto dessas confissões tacitas, que são as mais puras, as inilludiveis. Mello Bandeira tomou-lhe as mãos e, nas suas, as apertava, como numa franca solidariedade. A piedade pelo soffrimento humano inclinava-se além da dignidade de homem que se dedica á defesa de um ser amavel e soffredor, até á communidade desse soffrimento, na participação delle, já nosso, porque é della... Rosa pôz uma expressão de interrogação profunda nos olhos que encaravam de fito os do policial, como lhe querendo sondar a alma, e perguntou-lhe:

— E' verdade? E' a sua palavra de homem, que o senhor me dá?

— Juro! Diga tudo...

A rapariga não vacillou mais. Procurou o fio a puxar de sua narrativa, e, começou:

— Ha cerca de quinze annos, mais, dezoito annos, meu pae, Affonso Fróes, senhor de engenho aqui no Estado do Rio, fallecia repentinamente e deixava minha mãe, moça, bonita, senhora de bella fortuna, com uma filhinha de tres annos, que era o encanto dos dois. Parecia minha mãe inconsolavel, mas tudo passa, mesmo a dôr das viuvas, que é tão vehemente, e, por isso mesmo, tão pouco duradoura... Moça, bonita e rica, foi logo tentada, a ponto de esquecer meu pae, o melhor dos maridos, de esquecer o seu logar lá ao lado delle no cemiterio de São João Baptis-

ta, no tumulo conjugado que promptamente, e imprevidentemente, adquirira para ambos, e, principalmente, esquecer-me a mim, o penhor de uma affeição mutua de tantos annos... Nos primeiros tempos dessa ingratidão, a revolta me fez má, e julgar severamente essa pobre mãe, que era ao mesmo tempo, coitada, apenas mulher fraca, como as outras. Apaixonou-se por um bonito homem, que tinha artes de seduzir, e de tal maneira, que não só esqueceu tudo, tudo o que lhe disse, como, até a mim, por exigencia delle, me repudiou quasi... Elle, depois de a ter logrado, declara-lhe que não gostava de crianças e, formalmente, não lhe consentiria trazer-me para o lar commum. Affectou o ciume, eu era o testemunho do passado della, da felicidade de outro, e, portanto, não me queria nem vêr... Pobre mãe, soffreu muito, pensou talvez um dia demove-lo, mas era mulher, fraca e apaixonada, chorou, implorou, mas cedeu... Eu fui a sacrificada, e entregue a minha madrinha, privada de minha mãe, que odiei a principio, deplorei depois, e, finalmente vim a perdoar. pelo que soffreu e penou por mais este crime de sua dolorosa existencia.

O monstro não lhe permittia nem vêr-me. Delapidou-lhe a fortuna, minha e della, fez-lhe a mais desgraçada das vidas, de soffrimento e de humilhações, e ia repudia-la, com a filhinha que tiveram, postos fóra, na miseria, para casar-se com outra — uma armenia que agora vive por ahi vida escandalosa — por meio de um casamento methodista, que não chegou a realizar, quando minha pobre mãe, cansada de soffrer, preferiu a morte, num suicidio sem ruido. A mim deixou-me a confissão de sua vida, a supplica do humilde perdão que me pedia, por alma de meu pae, e o seu legado, de odio e de vingança, ao monstro que nos desunira, matara-a e de mim fizera a mais infeliz das criaturas.

Minha irmãsinha foi recolhida por uma tia, numa ca-

XXXVI

AS DUAS ROSAS

Mello Bandeira soffreu naquelle dia o mais duro vexame de sua vida, aquelle que lhe fez em um instante perder todo o seu prestigio. Não lhe pôde resistir.

E no emtanto, o caso foi profundamente injusto.

Mello Bandeira começara a agradar Rosa Merck, primeiro pelo desejo profissional de induzi-la a uma confissão; depois, por compaixão. Evidentemente aquella mulher não era uma criminosa. Tudo mostrava no seu aspecto, nos seus gestos, no seu olhar leal e franco, que ella não podia ser uma scelerada.

Por outro lado, o que ella acabava de dizer-lhe indicava que era uma pobre criatura soffredora, cuja vida talvez fosse um tecido de tragedias; mas de tragedias de que muitas vezes teria sido a victima.

Nestas condições, o policial fez-se homem, o homem sentiu instinctos de pae e começou a afagar a pobre moça.

Houve mesmo um momento em que esta se levantou e quiz sahir. Mello Bandeira, que a retinha pela mão, puxou-a e Rosa Merck sentou-se sobre o collo delle.

A tristeza soluçante da pobre rapariga e a compaixão sincera de Mello Bandeira não perceberam siquer a incon-

sinha humilde da rua Paulino Fernandes, e ahi é criada; não quiz eu saber da companhia dellas, porque, atemorizado pelo escandalo, era o bandido quem lhes provia á subsistencia. Entre nós, elle e eu, não poderia haver relação outra senão a do odio, emquanto não chegasse a hora da vingança. Foi tambem por isso, para não perde-la, que não acompanhei minha madrinha á Europa. Por isso é que estou aqui, e neste estado. Mas o infame Sanches Lobo... este, já está prestando as suas contas, lá na outra vida!

AFRANIO PEIXOTO.

veniencia da situação. O velho afagou-lhe os cabellos, afagou-lhe o rosto.

Estava nisso, quando o reposteiro se abriu e Cabral, o delegado, com uma senhora e dois policiaes assomou á porta do gabinete de Mello Bandeira. No primeiro momento, este nem viu. Elles haviam, de facto, ficado estatelados de assombro. Os dois policiaes, com as mãos na boca, continham-se para não estourar de riso. Um delles communicou ao outro:

— Tá vendo o véio? Cabra bom...

E sorria malicioso.

Foi mesmo esse ligeiro ruido que fez Mello Bandeira voltar-se, perceber do que se tratava e levantar-se, corado, como um menino apanhado em falta. Immediatamente elle comprehendeu que, fossem quaes fossem as desculpas apresentadas, ninguem o acreditaria. Era a sua carreira que desabava por um incidente sem importancia e quando aliás elle estava procedendo honestissimamente.

Cabral adiantou-se severo e disse a Rosa Merck:

— A senhora póde sahir...

Mello Bandeira atalhou:

— Mas eu...

Cabral insistiu:

— Não é necessario: póde sahir, já disse... Um interrogatorio nessas condições não vale nada... concluiu elle, com severidade.

Rosa Merck nem prestou muita attenção á gravidade da scena que acabava de ter logar. Diziam-lhe que sahisse — e era o que ella se dispunha a fazer.

E' bom não esquecer que ella tinha sido presa como autora do fatal bilhete. E essa autoria ella acabara confessando. Assim, foi da sala de Mello Bandeira que partiu para a prisão.

Teve, entretanto, ao retirar-se, um profundo espanto,

vendo a mulher que estava com Cabral e que ella conhecia: era Rosa Carivaldo, a amante de Pedro Albergaria.

Por que estava ella naquelle lugar?

Porque não tinha, ha muito, noticias de Albergaria e, tendo sabido que elle fôra um dia preso — na famosa noite dos doces furtados — veiu indagar, se ainda estava retido por qualquer motivo.

Se alguem pudesse expôr a situação das duas mulheres, veria que era bem complicada.

Quando se dera o crime, o fanzendeiro Bartholomeu desconfiara que o bilhete achado pela policia pudesse ter sido escripto pela Rosa Carivaldo, que elle sustentava, mas que sabia ser tambem amante de Albergaria. Foi por isso que veio á policia, com vontade de suggerir essa pista a Mello Bandeira; mas felizmente não lhe pôde falar. Mais tarde viu desvanecer-se completamente essa hypothese.

Rosa Merck era pessoa inteiramente diversa de Rosa Carivaldo. Physica e moralmente, differia muito da primeira. O bilhete fôra escripto por ella. Não havia, no seu espirito, quando ella incitava Pedro Linck, um simples intuito de avidez. O que ella queria, era vingar-se do velho Sanches, de quem sabia ser filha, mas a quem — aliás, com razão, — odiava.

Em tudo isso, o caso mais extranho era o de Albergaria.

Rosa Merck o conhecia. Tinha-o visto, de longe, mais de uma vez e immediatamente por elle se apaixonara. Nunca, porém, lhe falara, nunca estivera na sua companhia, nunca lhe escrevera. Só os seus olhos clamavam o que as suas palavras jámais tinham dito.

Algum tempo, ella havia morado perto de Rosa Carivaldo e via frequentemente Albergaria passar. Um dia soube como se chamava, por puro acaso, vendo um amigo abandona-lo dizendo o seu nome.

A attracção de Rosa Merck, por Albergaria, que era,

conta-la. Dois minutos depois toda a policia a conhecia.

Quando Mello Bandeira, litteralmente aniquillado, ia atravessar um pateo interior da repartição, notou que todos o apontavam á socapa, sorrindo... Era evidente que o facto já se divulgara.

Fóra, um garoto passou gritando: *Um escandalo na policia.* Mello Bandeira não pôde mais. Subiu, tomou um revólver e deu um tiro nos miolos: a bala só lhe respeitou o rosto que ficou intacto e perfeito, mas a morte foi instantanea. O craneo vôou em estilhaços. Quando acudiram, acharam na parede junto á cadeira em que elle se matara, pedaços de ossos e pedaços de cerebro, que haviam saltado.

Dahi mesmo o cadaver foi transportado para o Necroterio, onde lhe fizeram uma autopsia barbara.

No caixão que levou o pobre homem, havia uma corôa que ninguem sabia quem mandara: fôra Rosa Merck, que, embora presa, escrevera a uma amiga, pedindo-lhe que se occupasse com essa homenagem.

& (MEDEIROS E ALBUQUERQUE).

XXXVII

CONFESSO!

Ao entrar aquella noite em casa Pedro Albergaria apenas encostou a porta da rua. Foi á janella e escancarou-a. Fazia um calor horrivel.

Despiu o casaco e recostou-se num velho sofá desconjuntado que tinha a um canto da sala. Ia esfriar o corpo para tomar um banho. Com aquelle calor não podia dormir, certamente. Accendeu uma vela á cabeceira do sofá, abriu os jornaes da noite e começou a lê-los. Não havia novidade alguma. O interesse da morte de Sanches Lobo tinha já desapparecido com a prisão do supposto assassino. As folhas que, dias antes enchiam columnas e columnas de hypotheses e investigações da policia, agora davam uma ou outra nota esparsa. Agora só se falava no suicidio de Mello Bandeira. O que ainda preoccupava de alguma maneira a reportagem era o desapparecimento do testamento do banqueiro que a policia não soubera deslindar e não conseguira descobrir o autor do furto. Mesmo esse interesse já ia desapparecendo.

Albergaria pousou o jornal sobre o peito e ficou a pensar quem teria sido a creatura que furtara o testamento? Quem teria interesse em faze-lo desapparecer? O medico

por affinidade, seu irmão, talvez fosse explicavel, exactamente por esse facto, que ambos ignoravam. Rosa Merck tinha ao menos a vantagem de conhecer quem era o pae; mas Pedro Albergaria nunca tivera noticia do segredo real do seu nascimento. O que elle sabia era a perseguição movida por Sanches Lobo á mãe e ao homem que elle suppunha ser seu pae: o medico Albergaria.

Rosa Merck, ao conhecer, pelos jornaes, que Albergaria estivera na policia, defendendo a irmã della, a Lucinda, teve uma crise de ciumes. Crise de ciumes tão forte que chegou a pensar em envolver Albergaria no crime.

Como? Com que fundamento? Ella mesma não sabia. Tendo noticia de que o homem que amava parecia inclinado a amar, a irmã, pensara em insinuar que elle devia ter feito qualquer coisa contra o banqueiro, por amor de Lucinda.

Mas disso, tanto Lucinda como Albergaria se poderiam defender facilmente. E ao sahir do gabinete da policia, impressionada com a sua bondade, Rosa Merck cahiu em si. Viu que ia fazer uma torpeza contra a irmã e contra Pedro — e isso sem base alguma. Tal procedimento a tornaria antipathica aos juizes. Podia mesmo aggravar-lhe a pena como calumniadora. Recuou. Além de uma miseria, era uma imprudencia e um perigo. Decidiu que não se comprometteria com essa invencionice tola.

A policia estava diante de um homem que confessava ser o autor do assassinio, que dizia ter visto a victima respirar, que tinha bens de Sanches Lobo em seu poder. Não podia pensar em mais nada.

Só Mello Bandeira tinha suspeitas, aliás muito vagas e que elle mesmo seria incapaz de dizer em que se fundavam, da existencia de outro criminoso.

Mas o pobre Mello Bandeira...

O seu acabrunhamento não tinha limites. Um dos policiaes que assistira á scena tão mal interpretada correra a

da Assistencia? Isso estava provado que não, pela propria criatura da qual o testamento fôra furtado. Mas... Que especie de parentesco era aquelle do medico com o banqueiro? Passara a sua vida estudando a de Sanches Lobo e nunca encontrara nenhum ponto de referencia áquelle parentesco. Que havia qualquer coisa, havia. No proprio diario de Sanches que a policia publicára, o banqueiro chamava o medico seu sobrinho. Sobrinho como? sobrinho porque?

A vida de Sanches Lobo era muito mais complicada, muito mais nebulosa do que elle imaginava.

E pensou, pensou, pensou...

Ouviu em derredor da casa um rumor de passos proximos. Teve preguiça de levantar-se. Não era nada. Minutos depois uma sombra passou ao lado de fóra, como que querendo occultar-se no parapeito da janella.

Albergaria quiz erguer-se, mas um vulto surgiu na janella, falando para dentro:

— Não se incommode. Fique onde está.

Estremeceu. Parecia já ter ouvido aquella voz em alguma parte.

E, de garganta suffocada, perguntou:

— *Quem é?*

A porta abriu-se e na sala dois vultos entraram. Albergaria ergueu a vela acima dos olhos e a vela cahiu-lhe das mãos ao chão, apagando-se. Os dois vultos eram os delegados Lobato e Enéas Cabral.

— Não se incommode; fique onde está. Nós mesmos accenderemos a vela, disse Enéas.

E accendeu-a. Havia na sala duas cadeiras velhas. Enéas trouxe-as para perto do sofá. Sentaram-se os dois. Houve uns segundos de silencio. O primeiro delegado auxiliar, concertando o *pince-nez*, disse num tom de vaga commoção:

— O senhor talvez estranhe a nossa visita á sua casa, não é verdade?

— De alguma maneira, respondeu Albergaria.

— E' a sympathia que o senhor nos merece. Não se espante com a phrase. Viemos aqui para que o senhor não se dê ao trabalho de ir até nós.

— E que desejam de mim?

— O amigo sabe melhor do que nós dois.

Albergaria quiz simular.

— E' bóa! Os senhores que me procuram e eu é que sei o que querem?

— Queremos que faça aquillo que terá mais dia menos dia que fazer, disse Lobato.

— Expliquem-se de uma vez! exclamou Albergaria.

— Pois já que não é homem de arrodeios, atalhou Enéas, falemos claramente. Queremos a sua confissão. E' inutil negar que não foi o assassino de Sanches Lobo.

Albergaria concertou-se no sofá:

— E porque me diz isso?

O delegado respondeu:

— Porque a Policia tem todos os elementos para apontar o criminoso. Sabe todos os passos que elle deu antes e depois do crime. Sabe que o assassino construiu o crime durante muitos annos. Sabe das suas precauções, de todas as medidas que elle empregou para não deixar rastro, dos sapatos de *tennis* que calçou para disfarçar o tamanho do pé, das luvas de fio de Escossia de que se muniu para não deixar as impressões digitaes, do lugar em que atirou as botas e as luvas. E sabe mais: do lugar em que foi enterrado o dinheiro, da lata soldada em que este foi guardado, da agua que foi derramada por cima da terra revolvida para não deixar vestigio. E mais ainda: da hora exacta em que o crime foi praticado, e da interessante circumstancia do relogio, posto nas onze horas, quando o assassinio

fôra commettido duas horas antes. Não acha que não vale mais a pena negar?

Albergaria estava estatelado. Nenhum palavra lhe sahia da boca.

— Responda! insistiu Enéas Cabral. Será melhor confessar, visto que não póde mais negar.

Albergaria pensou demoradamente.

As duas autoridades não se moveram, como que não querendo perturbar um só dos seus pensamentos em effervescencia.

Muito tempo depois, o assassino teve um movimento brusco:

— E' verdade!

— Então confessa? interrogou o primeiro delegado com o rosto acceso de alegria.

— Confesso!

— Cumpre-nos agora acompanha-lo á Policia.

E chegou á janella, gritando pelos soldados. Surgiram varias praças.

Albergaria ergueu-se, num protesto.

— Mas não ha necessidade disto. Eu irei com os senhores dois.

Enéas Cabral pareceu meditar um instante, e depois:

— E' o nosso dever. E' do regulamento. Trata-se não só de um assassino como de um ladrão perigoso.

Albergaria ficou de pé, revoltado.

— Trata-se de um assassino e não de um ladrão.

As duas autoridades fitaram-no. Enéas Cabral falou:

— Mas, então quem furtou mais de duzentos contos não é um ladrão?

— Roubei menos daquillo que me foi roubado. E' um caso de familia.

— Caso que se não póde apurar aqui, disse Lobato, e sim no processo.

A um gesto das autoridades, os soldados entraram na sala.

— E o dinheiro? lembrou Enéas. Não vamos sahir daqui sem levar a somma do roubo.

— E' verdade, acudiu Lobato.

E, voltando-se para Albergaria, ordenou:

— Vá mostrar-nos onde guardou o dinheiro.

— Atirei-o ao mar, respondeu o criminoso.

— Evidentemente está brincando comnosco.

— E' pura verdade.

— Pois se a Policia sabe que o dinheiro foi trazido para aqui e aqui enterrado.

— Enterrado junto da torneira do quintal, accrescentou Enéas.

— Pois se a Policia sabe disso, que o procure, que o desenterre, atalhou Albergaria.

— Estou vendo que o amigo, retorquiu o primeiro delegado, não quer ser bom camarada. Trinta e oito, Setenta e dois! gritou para os soldados, vão cavar junto da torneira no quintal.

O trabalho durou quinze minutos. A lata não foi encontrada.

Os delegados inquietaram-se. Elles proprios começaram a esmiuçar os recantos da casa. Moveis, buracos, cantos foram desvendados. Albergaria palpitou. E quando Enéas, trepado num caixão de kerozene, sondava as paredes da cozinha, um arrepio lhe correu pela pelle.

— Ha aqui um buraco, disse a autoridade para os companheiros. Sóbe Trinta e oito, tú que és mais alto, e mette a mão ahi dentro.

Nesse instante Albergaria explodiu. Soltou-se brutalmente das mãos dos soldados que o seguravam e botou-se como uma féra para cima do Trinta e oito. Quizeram conte-lo. Ninguem pôde. Agarrou o soldado pelas pernas, derribando-o. Lobato fugiu. Empunhando uma velha faca,

que estava sobre o fogão, Albergaria avançou para Enéas, Mas nesse momento um soldado o jungia fortemente por traz. Quiz torcer-se. Não pôde. Quiz gritar, morder, espernear. Impossivel.

E os dois, elle e o soldado, rolaram no solo.

Abergaria acordou. Tinha cahido com o sofá desconjuntado no chão. A sala estava vasia. Lá fóra a noite era limpida e estrellada.

Que maldicto sonho aquelle! que horrivel pesadello!

Veiu á janella espiar. Ninguem.

Correu ainda a casa, desconfiado. Nada. Foi ao buraco, onde escondera a lata do dinheiro. Lá estava ella, intacta. A sua boca amargava. O que lhe teria feito mal ao estomago? A feijoada do almoço?

VIRIATO CORRÊA.

XXXVIII

O PESADELLO CONTINÚA

As atribulações de Albergaria não eram apenas as do somno, quando, desapoderado de razão, podia ter sonhos terrificos, como o da noite antecedente. Que valia ter premeditado, e executado, *um crime bem feito,* ter por si secretas e beneficas influencias que iam torcendo os acontecimentos, comtanto que a pista não fosse achada, não houvesse por onde lhe pôr a mão; suscitando personagens novos que até, como esse Pedro Linck, matara um morto e assumia assim a responsabilidade do seu delicto, confessadamente; e essa outra Rosa, a ultima, a quinta dessa historia, e que ameaçava, nessa progressão, de fazer do crime de Botafogo incidente de mercado de flôres; que agora mesmo eliminava, num incrivel suicidio, o mais temivel dos seus possiveis perseguidores, esse Mello Bandeira, que o farejava e havia talvez de leva-lo á cadeia?

Pedro não se arriscava a concluir que a Providencia o protegia; — não ia até ahi a sua inconsciencia, — mas transferia os termos e, entre si, exclamava:

— Estou de sorte! Olhem do que me livrei!

A sorte era-lhe um bom amigo. Pois bem, quando esta intervenção ostensivamente se fazia em seu favor, agora

commovidos que são a melhor linguagem dos apaixonados...

Isto não podia continuar. Inquietação e duvidas nasciam-lhe n'alma, a que não podia responder, ou a que dava, para soffrer, que é prazer de namorados, as mais dolorosas soluções.

Do que lera nos jornaes, do interrogatorio a que assistira na delegacia, e no qual interviera, sabia pouco, mas o essencial.

Dona Lucinda morava com uma tia (orphã desde tenra idade, de pae e mãe), mas eram, uma e outra, estipendiadas por Sanches Lobo, que lhes dava mesada, de que viviam. Seriam parentes? Certamente não, porque ella, Lucinda, o saberia. Se era filha, como depuzera a criada portugueza, — a do chilique na delegacia, o estafermo que ajudara a acordar, — como não a tinha sob o seu tecto, tão formosa e digna de mimo, e a deixava na penuria de uma casinha humilde e de vida mesquinha?

Respondia a si mesmo que o monstro seria, até nisso, coherente comsigo mesmo, insensivel ao encanto da paternidade, como fôra a todos os outros sentimentos...

Mas então, como explicar a mesada, despesa inconcebivel de excusa, na ganancia irrivalizavel de Sanches Lobo?

Não o atinava e essa explicação irritava-o no mais intimo de sua consciencia e do seu sentimento, que travavam, dentro delle, peleja encarniçada. Sentia-a diminuida, se de origem bastarda, ou emmaranhada em alguma das torpes aventuras do banqueiro, contra o que, não o querendo crêr, protestava-lhe o coração.

Dignificada a filha, apenas afastada pela insensibilidade paterna, era agora a razão que se alarmava. Como podia elle, Pedro Albergaria, o assassino de Sanches Lobo, pretender o amor de Lucinda, a mão della, o seu coração, a sua vida, com o seu terrivel segredo, ou peior, desven-

lhe dava para ter pesadellos e, nestes, soffrer os horrores de accusação, convicção, confissão, do seu crime. Felizmente que era sonho. Apalpou-se, como para reconhecer que era bem elle, estava em sua casa, e tudo fôra fantasia, consequencia de cansaço, digestão perturbada, ou mesmo as atribulações em que se debatia.

Contado não se acreditava... A vida tem concordancias e imprevistos que perturbam e assombram. Pois não era justamente quando, pelo ponto final na existencia de Sanches Lobo, fechava um periodo de sua vida, dedicado á vingança de odio sagrado, no mesmo instante quasi, procurando um *alibi,* que achara uma aventura, agora a sua, a do seu coração, pela qual já operara bravuras, e até temeridades, como a da scena na delegacia, na qual fôra defender Lucinda, contra os vexames a que a estavam expondo?

Depois desse dia, entaboladas assim as relações, que estes incidentes se encarregaram de apertar confiadamente, como se fosse longa amizade, começou Albergaria a frequentar a rua Paulino Fernandes, indo e vindo, vendo-a á janella, fazendo-lhe signaes, acompanhando-a á missa a S. João Baptista, quando sahia só, principalmente passando as noites ao pé de um combustor de gaz, sem despregar os olhos do rectangulo de sombra, que penetrava pela casa a dentro e, na moldura do qual o seu perfil moreno e louro se estampava como uma illuminura de anjo, em livro santo...

Entretanto, apesar de sentir-se correspondido na sua sympathia, estava descontente, perdia peso, fadigava-se, fugia-lhe o somno, atribulações naturaes de apaixonado, principalmente porque via, era visto, mas não lhe podia falar, a gosto, longamente, francamente, nestes instantes furtivos em que o tempo se perdia, talvez por ser breve ou estar á vista de curiosos e importunos, nesses silencios

dado esse? Haverá amor que resista a semelhante provação? Lembraram-lhe o Cid e Ximena, da tragedia classica, mas ahi a honra delle, a de seu pae, fôra aggredida pelo pae della, castigado nobremente, publicamente, por um heroe, ao qual não era licito outra desforra a tal offensa, senão a morte do offensor... Ainda assim, Ximena, apesar de amante, odeia Rodrigo e só as glorias do Cid movem ao Rei, com o indulto, o decreto da felicidade. Casados, o perdão seria cabal, a esposa esqueceria a filha? De si comsigo, Albergaria não pretendia aventura tão cavalheiresca... e então, amanhã, descoberto o seu crime, ou a sós com elle na sua consciencia para o resto de sua vida, o que seria do seu amor?

Destas tragicas provações só o distrahiam outros cuidados mais miudos, que entretanto o ralavam, como perseguidores incansaveis. O amor tem isto de illogico: ao tempo que aperfeiçôa a quem ama, submette a uma inquisição diabolica a pessoa amada. Albergaria andava agora a rondar a casa da rua Paulino Fernandes, não só para ve-la... (Quantas vezes não tinha repetido os versos do seu poeta preferido, Medeiros e Albuquerque,

Tenho nos olhos o deslumbramento
De quem o brilho de vivaz estrella
Por muito tempo, contemplasse attento...
Agora mesmo eu acabei de vê-la!...

ao despregar-se daquella visão morena, pelle côr de mel e cabellos côr de sol, e loura, enquadrada na moldura sombria da janella), mas para saber quem eram as relações della... Então, a lembrança daquelles dois rapazes, o Julio e o outro, o que lhe ameigava os cabellos, na delegacia, os companheiros de prisão que a acompanhavam vestida de homem! Era bom dizer que ia assim, disfarçada, a um baile carnavalesco, em casa de uma amiga... Como se

permitte isso, a uma linda menina, naquelles trajes, sem outro resguardo, numa noite de folia, na companhia de dois rapazes, dos quaes um tomava a liberdade de lhe ameigar os cabellos? Albergaria bem desejava ajustar contas com esses sujeitinhos! O ciume lhe afeiava a imaginação com mil supposições odiosas, com as quaes soffria, para, ao cabo, exclamar:

— Não é possivel... ella respira innocencia e pureza! *Seu* Pedro, você exaggera: o que ella confessou é a pura verdade...

Apesar dessa rehabilitação final, Albergaria, pensando nisso, repuxado nessas duvidas, e por esses cuidados, não sabia o que mais temer, se o pesadello da noite, ou as apprehensões e suspeitas da vigilia.

— Não, isto não póde continuar!

E num impulso, decidido, pôz-se nesta bella manhã de domingo, cheia de sol, e de cantos de passaros, e bulicio de gente, acordados para a vida e para o amor, a se preparar. Iria á missa de S. João Baptista e havia de falar-lhe: tiraria a limpo todas as suas duvidas. Isto não podia continuar!

Dava um olhar a seu vestuario, enfiado ás presas, quando ouviu, na porta da casa, alguem bater com o nó dos dedos, e pronunciar um nome:

— Pedro Albergaria!

Assustou-se, mas em vão: era o carteiro. Abriu a carta que lhe entregava precipitadamente, correu a vista á assignatura, que não achou e duvidou um momento em lêr... Era vulgar carta anonyma. Duvidou um instante se a leria, mas não se pôde conter. Dizia assim:

"*Quem me avisa meu amigo é.* A menina que o senhor ama, e que talvez lhe corresponda, não é só formosa e angelica criatura: é a filha legitima do banqueiro Sanches Lobo, herdeira de todos os seus milhões, que elle tentou desviar, no que pôde, com o seu testamento, ora feliz-

mente desapparecido, sem conseguir entretanto esconder as provas dessa filiação, agora em mãos da justiça. Dar-lhe-ia, meu caro senhor meus parabens, se não preferisse, e para seu bem, dar-lhe antes este aviso: *o senhor não póde, veja bem, o senhor não póde, em caso algum, ser o esposo dessa moça...*"

O papel lhe tremeu na mão e um calefrio, de pavor ou de apprehensão, — porque? — percorreu o corpo de Albergaria.

AFRANIO PEIXOTO.

XXXIX

A CASA MYSTERIOSA

Eram mais de onze horas da noite quando, na casinha da rua Paulino Fernandes, se ouviu bater discretamente á porta.

D. Bibi, a tia de Lucinda, que fazia na sala de jantar as ultimas arrumações de uma dona de casa que não se deita sem deixar tudo em ordem, parou e ficou á escuta. Lucinda, que na alcova proxima arranjava o penteado de noite, appareceu no corredor, de ouvido alerta.

— Estão batendo, tia Bibi. Parece que é aqui em casa.

Ficaram as duas paradas, escutando. Tornaram a bater.

Não havia mais duvida — era alli mesmo. D. Bibi atravessou o corredor, entrou na salinha de visitas, abriu as folhas da jonella e perguntou através da veneziana:

— Quem está ahi?

Uma voz, do lado de fóra, approximou-se das rotulas, dizendo discretamente.

— E' da policia. O delegado manda pedir a d. Lucinda que chegue neste momento á delegacia.

D. Bibi estremeceu. Ao seu lado, Lucinda estremeceu tambem.

— A' delegacia!!

As duas fitaram-se no escuro da sala, vagamente illuminada pela claridade escassa da rua.

Lucinda teve uma decisão. Abriu affoitamente as venezianas e poz a cabeça para fóra. Era um soldado no pequeno jardim, bem junto da janella. Ao ve-la levou a mão ao kepi, numa saudação.

— O delegado mandou-me chamar? indagou ella de mau humor.

— Sim senhora.

— Diga que eu irei amanhã cedo.

— Não póde ser dona. E' ordem.

— Mas isto são horas de chamar-se uma moça á Policia?

— Eu sou mandado.

— Vá, diga ao delegado que eu não posso ir agora.

— Tenha paciencia, moça. Eu tenho ordem de levar a senhora.

— Mas o que ha?

— Não sei, não senhora. E' para o inquerito do banqueiro.

— Mas eu não tenho nada com isso.

— Sim, senhora.

— Já não prenderam o criminoso? Que querem mais commigo?

— O delegado é que sabe. A senhora vae e elle diz.

— Mas eu não posso deixar de ir agora?

— Não póde.

Lucinda voltou o rosto para dentro da sala. Fitou novamente d. Bibi.

— Que fazer, tia Bibi?

A velha ficou indecisa na resposta. Veiu falar ao soldado.

— Moço, diga ao delegado que ella está doente.

— Não posso, minha senhora, pois se ella está boa! Quem soffre depois sou eu.

Lucinda segurou as mãos da tia.

— Onde é que vamos?

Ella não sabia tambem. Uma inquietação fremente sacudia as duas. Sentiram que subiam uma elevação. Lucinda não se conteve. Chegou-se novamente aos vidros do automovel, proximos ao *chauffeur* e poz-se a bater.

Nem o *chauffeur* nem o soldado se moveram. Agora o automovel descia e voava numa longa praia que não era a de Botafogo.

Lucinda poz-se a gritar doidamente. Sentia, porém, que a sua voz não passava além dos vidros fechados.

O seu estado de nervos foi crescendo. Com o cabo do guarda-chuva bateu freneticamente nos vidros quebrando-os. Mas, nesse momento, o automovel parou.

O soldado veiu abrir a portinhola.

As duas senhoras ficaram immoveis e tranzidas. O lugar em que o automovel havia parado era sombrio, escuso e desolado. Devia ser muito distante da cidade. Tinha-se mesmo a impressão de que era um pedaço de roça. Em roda nenhuma casa, apenas um cerrado de arvoredos e uma longa estrada de areia que a chuva molhava.

— Onde o senhor nos veiu trazer? perguntou Lucinda ao soldado.

— Onde o delegado mandou, respondeu elle.

— Mas a delegacia é aqui?

— Mas é aqui que a Policia está fazendo uma diligencia.

— E agora?

— As senhoras queiram seguir-me.

Ellas obedeceram. A estrada arborizada terminava numa velha casa branca de aspecto colonial, tambem cercada de arvores immensas.

— Vamos entrando, convidou o soldado. O delegado está lá dentro.

E seguiu á frente, acompanhado pelas senhoras.

A tia e a sobrinha ficaram um instante vacillantes.

Hein? Que se ha de fazer?

— Não ha remedio, só indo, disse d. Bibi; vamo-nos vestir.

— Póde ir embora, falou Lucinda ao soldado. Diga que já vamos.

— Eu espero a senhora.

— Não ha necessidade. Nós vamos sózinhas.

— Mas é que eu trouxe o automovel para levar a senhora.

— Então entre.

— Fico aqui mesmo.

— Entre ao menos aqui para o corredor. Está chovis-cando.

O soldado com a insistencia, entrou para a sala.

Lucinda e d. Bibi foram vestir-se. Quinze minutos depois voltaram.

A rua estava deserta. Ao longe ouvia-se o trilo do guarda-nocturno. Parecia uma rua de aldeia, áquellas horas, com as casas todas fechadas.

— O carro está alli, dona.

Caminharam até á *limousine*. Lucinda e d. Bibi entraram, o soldado fechou a portinhola e foi sentar-se ao lado do *chauffeur*.

O carro rodou numa velocidade vertiginosa.

A physionomia de Lucinda estava visivelmente contrafeita. Uma ruga vincava-lhe o lindo rosto de mulher loura. Que iria acontecer? O coração batia-lhe no peito, assustadoramente. Sentia o prenuncio de coisas más. Pelas vidraças da *limousine*, agora cerradas por causa da chuva, não podia vêr as ruas. Mas pelo que lhe parecia já tinha passado a delegacia.

Esperou mais dez minutos. A velocidade do automovel diminuia agora. O carro dava solavancos terriveis. Devia estar atravessando uma rua mal calçada.

Numa porta, no corredor comprido como o de um convento, bateu com os dedos a primeira, a segunda, a terceira, tres pancadas de cada vez.

A porta abriu-se. Elle impelliu Lucinda e d. Bibi para dentro.

As duas senhoras apoiaram-se na parede para não cahir. Estavam diante de uma grande sala illuminada que seis homens mascarados guardavam silenciosamente.

VIRIATO CORRÊA.

XL

NA PRAIA DA GÁVEA

Cerrada a janellinha de Lucinda, Albergaria ia despregar-se da sombra propicia do seu combustor de illuminação, quando viu, a taes horas, por alli sempre suspeito, um automovel, que parava á pequena distancia da casa. Susteve o passo, e observou. Da boléa descia um soldado, que batia á porta de casa, e, depois confabulava para dentro, com alguem.

Albergaria já não partiu, esperou, e para não ser suspeito, quando o automovel deu a volta, tratou de se occultar atrás delle, para observar sem ser visto. Foi assim que, após alguns minutos, viu as duas senhoras fecharem a casa e se metteram no vehiculo. Accommodou-se o rapaz, como pôde, em cima do eixo das ropas, seguro aos paralamas, e foi com elles. Logo a idéa que o assaltara, que aquillo não podia ser uma diligencia policial — tão fóra de horas! — se confirmava, porque, desembocando na rua dos Voluntarios, o carro tomava á esquerda, direcção do Largo dos Leões. Procurou nos bolsos com que furar o pneumatico, mas não achou; as rodas corriam velozes, de sorte que não podia tentar abrir o parafuso das camaras de ar... Com a morte n'alma, prevendo já o que havia de ser, deixou-se ir.

O automovel continuava Voluntarios abaixo, depois Largo dos Leões, Humaytá, finalmente, num descampado, á esquerda, que devia ser a Lagôa Rodrigo de Freitas. Era singular como as pobres senhoras, dentro do carro, nem suspeitavam do perigo para o qual corriam.

Através da longa rua do Jardim Botanico iam attingindo a do Marquez de São Vicente. Subiam agora a Ladeira da Gávea. Na posição incommoda em que ia, Albergaria começou a sentir dormentes as pernas; não lhe fossem as mãos, agarradas solidamente aos para-lamas, succeder o mesmo, porque então seria um desastre.

Da alto da Gávea, no deserto encantado, entre céo, mar, montanha e verduras, começou o vehiculo a descer o zigzag do longo caminho que vae dar na Praia do Niemeyer. Foi ahi que ouviu ruido feito no carro, pedido de soccorro, finalmente os estilhaços do vidro voarem, despedaçados pelo medo dos que iam dentro. A más horas, pois que estavam longe de habitações e agora subiam encosta, como quem vae ás Furnas da Tijuca. A' esquerda, porém, o carro tomou um atalho e foi dar numa casa solitaria, á beira-mar, dominando um promontorio. Albergaria mal teve a consciencia de que chegavam, porque, com a tensão dos nervos e a posição forçada teve uma turvação na vista e perdeu os sentidos, cahindo ao chão...

Quando voltou a si, levantou-se, olhou em torno e viu a casa fechada e o automovel parado, já sem ninguem. Sósinho, que poderia fazer? Teve então uma idéa. Pôz o carro em marcha e metteu-se nelle a caminho da cidade. Atravessou praias, galgou montanhas, desceu emfim a encosta que vai dar ás primeiras casas da rua Marquez de São Vicente.

Parou diante de uma venda, onde havia a placa dos telephones publicos e investiu contra a porta fechada. Custaram a abrir-lh'a, entre improperios, mas, afinal, conseguiu sempre a ligação desejada:

— Delegado auxiliar de dia?

— E' elle, mesmo. Dr. Enéas Cabral...

— Magnifico! Dr. Cabral, soccorro! Dois bandidos, em automovel, um delles disfarçado em soldado, raptaram dona Lucinda e a tia..

— Que dona Lucinda, que tia...?

— A supposta filha do banqueiro Sanches Lobo, da rua Paulino Fernandes, que o senhor conhece... Como ia dizendo, raptaram-nas, e as conduziram, á força, para uma casa solitaria na Praia da Gávea onde estão, naturalmente na companhia dos bandidos.

— Como sabe disto ?

— Acompanhei-os, no carro, grudado na trazeira, e, quando sequestraram as victimas, apoderei-me do automovel para, do primeiro posto telephonico, vir pedir-lhe soccorro. Accuda depressa, com algumas praças embaladas, porque podem ser muitos... Eu aqui fico, para guia-los...

Depois de encommodar o vendeiro, que declarava resolutamente ir supprimir o telephone, pois só lhe dava aborrecimentos — "nunca era freguez, a fazer uma encommenda!" — Albergaria alli ficou a conversar, entretendo o homem, extremunhado e bocejante, pensando ainda em valer-se de communicação, para alguma nova providencia.

Pediu de novo ligação para a Central:

— O dr. Delegado Auxiliar...

— Que quer o senhor com elle, a estas horas? Vá dormir...

— E' uma providencia urgente, um soccorro!

— Providencias não se pedem a estas horas.., soccorro é nas horas de expediente!

— Eu não quero suas observações, quero falar ao dr. delegado.. .

— Seu atrevido! se o tivesse á mão, estava preso!

E, violentamente, suspendeu-se a communicação. Era voz desabrida e grosseira de subalterno, naturalmente algum cabo de ordens ou continuo de repartição. Apesar das suas afflicções, Albergaria teve um ricto de escarneo e murmurou, entre dentes:

— Democracia!...

Teria o Enéas Cabral tomado as providencias ou voltara á cama, e reconciliara o somno? A loquella do serviente dava-lhe a esperança que o patrão sahira, era, então, que se manifestava a independencia dos subalternos. Accendeu o cigarro, para encher o tempo, e, numa indizivel inquietação, esperou.

Lá no fim da rua do Marquez de S. Vicente vinha um automovel á disparada, businando e tangendo o sino, como para acudir a um incendio. Albergaria nem agradeceu ao portuguez da venda. Poz o seu carro em marcha, e, quando os outros iam passando, conseguiu falar-lhes. Depois de curto momento de entendimento, tocaram ladeira a cima, para descambar pela encosta, até á preia do Niemeyer, em seguida a caminho das Furnas, para tomar o atalho da casa á beira-mar. Ahi Cabral fez descer os soldados, e guiados por Albergaria puzeram cerco á casa. Teriam de esperar a manhã.

Com o ruido, uma janella se abriu e um rosto indagou para fóra. Cabral então falou, em nome da lei.

— Se tocassem num cabello da moça, se lhe fizessem o menor mal, seriam duramente punidos.

Uma voz de dentro, ouviu-se então: —

— Uma vez que o senhor é um homem da lei, é inutil negar... Uma estroinice... rapaziadas!...

— Seja como fôr, é um crime...

— Vamos acabar com isso doutor, entregamos-lhe a moça e o senhor nos deixa ir em paz...

Cabral sorriu, na sombra:

— Pois bem...

Depois de um momento, a porta se abriu e d. Lucinda e a tia eram postas do lado de fóra. Cabral reassumiu o seu ar energico:

— Agora não ha transigencias com a lei... Entreguem-se, que a casa está cercada e temos soldados e munições bastantes...

Nova indecisão, mas, por fim, os homens, ainda mascarados, (eram seis além de um soldado e outro motorista) renderam-se. Cabral, depois de os desarmar mandou tirar-lhes as mascaras... e os foi identificando...

— O Zé Bocó, o homem do gôrro!

— O velho Gregorio, que, por este, ganhou no jogo...

Dona Lucinda e dona Bibi vendo-se salvas prorompera-ram em improperios:

— O peior é aquelle alto, de voz fanhosa, que não quer tirar a mascara... Elle é que pretendia assignassemos um papel, sob pena de morte... Que nos queria embarcar para o norte, numa falúa, se não accedessemos... que fazia ameaças... e apontava o revólver!

Cabral mandou-o, á força, desmascarar e não pôde conter o seu espanto, ao homem que viu:

— Dr. Mendes Guerreiro!... O senhor!... nestas aventuras!... na sua idade, advogado provecto, da commissão dos Patrimonios, provedor de Irmandades...

Albergaria teve uma intuição de genio, desviando a suspeita leviana do Cabral, que pensara logo no *cherchez la femme,* como solução destes enigmas:

— Foi o homem que roubou o testamento do Sanches Lobo, porque o futuro genro, o dr. Cardoso, era deserdado... e agora, apparecida a filha, legitima herdeira, queria faze-la desapparecer tambem, para beneficiar ao sobrinho do banqueiro com a successão... Não é Don Juan, como o senhor está pensando, é Sacripante!

AFRANIO PEIXOTO.

XLI

OS VAPORES DO VINHO

No dia seguinte, á uma hora da tarde, Pedro Albergaria almoçou em companhia de Enéas Cabral. Os successos da noite anterior tinham despertado no primeiro delegado auxiliar um vivo interesse pelo assassino de Sanches Lobo.

A prisão do dr. Mendes Guerreiro havia sido uma victoria estrondosa para a policia. Mendes Guerreiro era uma das figuras de maior destaque do Rio, com um passado que todo o mundo apontava como exemplar, provedor de irmandades, com prestigio junto ao mundo catholico. E todo o retumbante successo da prisão, tão cheia de peripecias interessantes para a policia e para a reportagem, Enéas devia-o a Albergaria. Convidara-o para almoçar naquelle começo de tarde. Tinham combinado o encontro de madrugada, quando voltaram da casa mysteriosa da Gávea.

No convite de Enéas havia uma intenção que, até aquelle momento, elle não sabia bem qual era. Albergaria interessava-o, mas esse interesse não tinha elle bem a certeza se vinha de um impulso de gratidão por aquelle triumpho policial, ou se por outros motivos que elle não podia defi-

nir. A verdade, é que era aquella a segunda vez que se encontrava com o Albergaria e em situações bem singulares para a marcha do processo complicado. Evidentemente havia entre aquelle moço e d. Lucinda um traço de affeição amorosa que saltava aos olhos. Mas a sua intromissão na marcha dos factos seria apenas pelo amor?

Enéas tinha a sua veia accentuadamente policial, e, a longa pratica de lidar com os crimes e criminosos levava-o a não desprezar elemento algum.

Ao chegar ao restaurante, Enéas pediu uma sala reservada.

Deram-lhe uma sala nos fundos, um recanto delicioso em que os dois amigos poderiam conversar á vontade um assumpto secreto.

O criado veiu servir.

— Que vinho bebe? perguntou Enéas a Albergaria.

— Muito obrigado. Não bebo vinho nenhum.

— Cerveja?

— Tambem não.

— Ah! é abstemio. Não póde ser. Ha aqui um vinho que é realmente uma preciosidade. Vae beber um bocadinho e vae gostar. *Garçon,* aquelle meu vinho.

Vieram os primeiros pratos, veiu o vinho.

— Experimente, disse o delegado ao seu conviva.

Albergaria bebeu por delicadeza.

— Excellente, disse depois.

— Uma preciosidade.

Falaram do calor, de coisas vagas. A canja foi devorada.

— Não está gostando do vinho?

— Muito, respondeu Albergaria.

— E como está com o copo vazio?

O assassino de Sanches Lobo tornou a encher o copo.

Nos olhos de Albergaria appareceram os primeirs effeitos do vinho, um brilho estranho, uma vivacidade, aquella

conhecida expressão de fulgor que toda gente tem aos primeiros vapores do alcool.

Enéas começou a conversar. E, depois, de uns cinco minutos de cavaco:

— O meu amigo de que vive?

— Actualmente estou desempregado.

— Ah! mas isso não póde ser. Os amigos são para as occasiões. Porque não me disse isso ha mais tempo? Posso arranjar-lhe qualquer coisa na policia.

— Eu lhe ficaria bastante agradecido.

— Nada me tem de agradecer. E' apenas retribuição de um serviço. Você, desculpe-me chama-lo *você*, somos ambos rapazes.

— A' vontade.

— Você prestou-me um favor enorme. Eu andava como um doido para descobrir o autor do furto do testamento de Sanches Lobo. De um momento para o outro eis que você me aponta o dr. Mendes Guerreiro. Quem havia de imaginar! o Mendes Guerreiro, criatura tida como de bem, respeitavel. Um successão! Não está gostando do vinho?

— Magnifico! exclamou Albergaria bebendo novamente.

— E que tal tem achado o trabalho da policia? O suicida Mello Bandeira, apesar dos seus erros, da mania pela lanterna, da mania do reclame, era uma vocação policial. Foi uma pena. Mas que tal tem achado o nosso trabalho? Temos sido felizes, não é verdade?

— E'!

— Disse esse "é" tão friamente. Seja franco.

— Não se zanga?

— Não. Somos amigos. Estamos na intimidade.

Albergaria já ia bem perturbado pelo vinho.

— Acho que a policia tem andado errada.

— No começo, realmente andamos um pouco tontos. E' natural. O crime era encrencado.

— No começo e em tudo, disse Albergaria com uma audacia que não era sua e sim do alcool.

— Não diga isso.

— Digo. Eu não creio que o Pedro Linck tivesse sido o assassino de Sanches Lobo.

— Oh! é de mais! Pois se o homem confessou! pois se os sapatos encontrados na praia eram delle, delle as luvas e delle o bilhete achado por Mello Bandeira, junto ao cofre do banqueiro.

A vivacidade dos olhos de Albergaria cada vez mais iam crescendo.

— Ah! mas isso não quer dizer nada, retrucou.

— Não quer dizer nada? E' tudo.

— E os duzentos contos, os duzentos contos que o banqueiro recebera no dia em que...

Uma breve pallidez passou-lhe pelo rosto. Perturbou-se, deixou o garfo. Enéas fixou-lhe o olhar.

— ...em que o mataram? concluiu Albergaria.

— Ora, disse Enéas, os duzentos contos foram roubados pelo Pedro Linck.

— Não foram! exclamou Albergaria num tom energico.

— Claro como agua. Pedro Linck, se affirma não ter encontrado os 200 contos, é por um plano muito natural nos ladrões. Espera ser absolvido e ir depois gozar o dinheiro. Você ha de concordar que a policia tem sido felicissima.

Albergaria sorriu.

— E você ri? A descoberta do assassino de Sanches Lobo é um trabalho que honra a policia de qualquer parte do mundo. Conseguimos precisar tudo. Os passos do assassino e os passos da victima, a hora do crime.

— A hora do crime! disse Albergaria num tom de troça.

— Perfeitamente. O crime deu-se ás onze da noite.

— Ah! isso é que não foi.

Enéas fitou-o. Os olhos do rapaz estavam de um brilho surprehendente. A embriaguez conquistou-o.

— Ah! isso é que foi! teimou o delegado.

— Aposto que não.

— E o relogio! E o relogio, que se encontrou quebrado no chão, marcando as onze horas.

A gargalhada que Albergaria deu no momento foi de franca embriaguez.

— E quem póde affirmar que o relogio estivesse marcando a hora exacta do crime?!

— A policia, pelo exame que fez no local. O relogio cahiu no chão e parou no momento em que o criminoso luctava com a victima.

— Mas não houve lucta nenhuma.

Tinha dito uma inconveniencia. Apezar de perturbado pelo vinho, percebeu que se podia comprometter. Um raio de intelligencia brilhou-lhe no espirito.

— Não houve lucta nenhuma. Pedro Linck affirmou que não luctou com a victima.

— E o caso do relogio, como você o explica? perguntou Enéas.

— O assassino fe-lo parar nas onze horas e quebrou-o depois.

Percebeu que tinha sido inconvenientissimo e calou-se.

— Com que intenção? indagou Enéas.

Elle não respondeu.

— Tolo.

Pareceu a Albergaria que o seu silencio podia inspirar suspeitas. E falou:

— Com a intenção de desorientar a policia.

— Isso é muito transcendente. Elle procuraria desorientar em outra coisa e não nisso. O que você poderá dizer é que o legocio podia ter parado ás 11 horas da manhã. Isso sim. Mas a questão da hora, duas mais, duas menos, não

tem importancia. O que tem importancia é o roubo, é o assassinio. O assassino de Sanches Lobo, seja Pedro Linck ou outro qualquer é um miseravel.

Albergaria sentiu um choque.

— Por que?

— Porque matou covardemente, de uma maneira pusilanime. Matou infamemente para roubar.

— Não! gritou o outro erguendo-se da cadeira.

— Sim!

— Sanches Lobo era um miseravel, um bandido! exclamou Albergaria num impeto.

— Era um philanthropo, atalhou Enéas.

— Atirou a minha familia na miseria! berrou o assassino com as lagrimas nos olhos.

Enéas arregalou os olhos e a boca. Fixou Albergaria demoradamente, sem palavra. Este assustou-se das proprias palavras que havia dito. Sentou-se. Uma nuvem passou-lhe pelos olhos.

Muito tempo estiveram calados.

Afinal o Albergaria afastou o copo para a ponta da mesa e disse:

— O que eu estou é muito bebedo.

Enéas desarrolhou outra garrafa de vinho e encheu-lhe o copo.

— Um dia não são dias. Este vinho merece um sacrificio. E' uma preciosidade.

VIRIATO CORRÊA.

impressionantes: "atirara a sua familia na miseria", era "um bandido o Sanches Lobo" e não philanthropo... Informações de imprensa contradictorias; a principio a illusão de sua benemerencia, que o banqueiro estipendiava, depois a descoberta de todas as mazellas do infame sujeito, de sorte que, na opinião geral, o grande homem da vespera era o galé de hoje em dia. Podia, pois, Albergaria repetir conceitos estranhos. Podia mesmo ter opiniões pessoaes, contrarias ao argentario: se as pessoas a quem fez mal este trampolineiro da bolsa fossem, por isso, reputadas cumplices no seu assassinio, então, não haveria cadeia bastante...

Concluiu as suas scismas, Enéas Cabral, declarando que o rapaz era talvez destes *detectives* amadores que lêm nos jornaes os crimes de sensação e se põem a collaborar com a Policia, nas diligencias feitas e por fazer. Era esta a opinião do mallogrado Mello Bandeira, no dia em que na Praia de Botafogo, na Delegacia, dera-lhe a pista dos famosos indicios.

Volvendo á embriaguez de Albergaria, a lembrança de Mello Bandeira, deu-lhe uma reflexão:

— Que diria a isto o meu collega da lanterna?

Formulando este pensamento, Cabral teve vexame e corou imperceptivelmente. Arrancar uma confidencia pelo alcool, certamente não seria de policia moderna, de *scherlockismo upto date*: envergonharia a Mello Bandeira. Elle, entretanto, o fizera, sem grande resultado, e disso quasi se envergonhava...

— Ainda com os criminosos ha leis de honra e de cavalheirismo: o jogo policial é franco, nobre, obtido pela logica e pela convicção. Nunca entrar por detraz na casa alheia, pelo desvão de uma alienação, ou em caso momentaneo, de alteração dos sentidos. Melhor vale, *seu* Cabral, a nomeação do criminoso, para escarmento social, absolvi-

XLII

OUTRO RUMO

Enéas Cabral commetteu um erro vulgar, felizmente para Albergaria: se no vinho, no meio-vinho, está a verdade, segundo o ditado classico, solto da razão o automatismo, na embriaguez completa está a incoherencia e o desatino. Albergaria se pôz, portanto, a misturar alhos com bogalhos, "o medico legista é que tinha acertado: Sanches Lobo se suicidára", "formidavel cavalgadura!", "as luvas eram de borracha ou de fio de Escossia?", "Mello Bandeira era batuta!", "já lhe disse é cotuba, duvide, se é homem!" "previa no Cardoso um grande culpado, o futuro sogro o estava demonstrando", elle "Cabral é que era fundo com as suas theorias de nomeação do criminoso", e chegou, num impeto de ousadia e sinceridade, até mesmo a exclamar:

— Só falta que você me nomeie tambem cumplice!

Depois, foi a vozeria, foram improperios, quasi o escandalo, obrigando Cabral a interromper a scena desagradavel, mandando a ordenança que o puzesse no seu automovel e o levasse á casa. Iria elle a pé até a Central para assentar umas idéas.

Os trapos de primeiras confidencias de Albergaria eram

do certamente pelo jury, e assim, sem maior injustiça, tudo reposto ao seu lugar...

E então, no seu bestunto philosophico, Cabral reaffirmou-se nas suas doutrinas predilectas:

— O crime é accidente humano, como um desastre é accidente mechanico, como uma catastrophe é accidente cosmico... Inevitavel, comquanto se possa prevenir, em certa medida, o naufragio com os navios estaveis e protegidos, o descarrilhamento com as linhas lastradas e conservadas, a violencia com a educação social e a policia preventiva. Mas, apesar de tudo, succedem. Investigação para a responsabilidade devida, que acalma a attenção publica alarmada. Como se archiva o inquerito, ou o relatorio do sinistro ou do desastre, tambem do crime se absolve o criminoso supposto, no jury. A segurança publica se reaffirma e a justiça é respeitada... Perfeito!

Enéas Cabral reaccendeu o charuto, que se apagara, e tornou, com este incidente, á realidade concreta:

— Se Pedro Linck não é o assassino, apesar de confesso, como peremptoriamente affirmou o tonto Albergaria, se Sanches Lobo se suicidou, como quer o não menos tonto medico legista, não ha perigo social de injustiça, porque o benemerito jury ahi está, com os notavies advogados de porta de xadrez e a ineffavel privação de sentidos, do art. 27 do Codigo... Perfeito!

Entrando na Central, o delegado auxiliar despachou algumas pessoas á espera, commissarios e praças, deu ordens e tomou o seu automovel, já chegado, seguindo o caminho de Botafogo. Ia á rua Paulino Fernandes.

Bom analysta que era, perguntou a si mesmo se era apenas o dever profissional que dictava essa diligencia. Effectivamente, necessitava ouvir a dona Bibi, sobre minucias de filiação de Lucinda, pois que esta não as soubera dar em tempo, naturalmente mantida na innocente ignorancia. Dentro de si, porém, obscuramente, sentia que

teria prazer em rehaver os *salvados* de hontem, das unhas do Mendes Guerreiro, participar dos agradecimentos que lhe cabiam principalmente, e não apenas ao estouvado Albergaria.

Foi, pois, com bom aspecto, sem carrancas nem durezas, que falou á bôa senhora, dizendo ter vindo para ve-las, por sympathia pela causa dellas, a da innocencia, para certificar-se se estavam a postos os dois guardas civis que deixara, desde a vespera, pelas immediações, para as proteger de nova investida:

— Que bom! disse a senhora, irreprimivelmente.

— Não tem maior importancia!... Guardas civis se põem de serviço na casa dos grandes clinicos, dos negociantes matriculados, dos ministros do Supremo, por toda a parte... e elles gostam... é preciso occupa-los!

— Não, não é isso... Que bom saber disso, porque, ao vermos os dois, a rondarem a casa, ficamos assustadas, com a nova ameaça... E' sempre a justiça quem arranja destas...

Enéas Cabral sorriu e pediu noticias de Lucinda. Tinha interesse em saber como estava, depois do susto passado. Emquanto não chegava, tratou de indagar os pontos obscuros, a que tambem vinha. Soube então confidencialmente, em voz baixa, tudo aquillo que Rosa Merck contára a Mello Bandeira e que não fôra reduzido a auto. A irmã della, da velha senhora, Lucia Froes, viuva de Affonso Froes, com uma filhinha de nome Rosa, em má hora se casára com Sanches Lobo, privada da filha entregue á madrinha, e depois a curtir tormentos, afflicções, penuria, até o obscuro suicidio, deixando-lhe a ella, irmã, aquella outra sobrinha a criar, sem meios, porque o bandido do cunhado tudo havia desviado para o proprio nome. Adquirindo energia, fôra ter com o banqueiro, e, com ousadia, lhe fizera vêr não ser da indole da irmã, e estar dis-

posta ao escandalo, dos jornaes ou da mendicidade, se não estivesse prompto a sustentar a sua criatura. Foi então sob o pacto de não declarar a ninguem esse parentesco, não lhe apparecer jámais, que lhe concedeu a mesada de que viviam, dahi por diante recebida pontualmente.

— Tão ruim, este homem, que nunca teve siquer a curiosidade de vêr a filha... Menina, fez-se moça, e está um encanto, como o senhor vê, e nem o disse nunca, nem ella o sabia, que era filha de Sanches Lobo... Sabemos agora que está rica, herdeira de todo o mau dinheiro do pae...

— Mas, então, não foram as senhoras que enviaram ao juiz de orphãos a prova de filiação de dona Lucinda, a que alludem os jornaes?

— Não... nem sabemos disto... nem nunca tivemos essa prova...

— Mas são os interessados... e que immenso interesse!

— Não... positivamente. Não tenho e nunca tive commigo prova disto... Foi alguem, bom e generoso...

Era incrivel. Cabral, surprehendido, excogitava:

— Seria este moço, este... rapaz, que esteve comnosco na diligencia da Gávea?

— Não priva comnosco... Nunca veiu aqui... Como saberia disso?

— Não será elle, com certeza... é moço demais para saber destes acontecimentos... Não podia, nem ninguem, adivinhar que dona Lucinda, Lucinda de quê?

— Lucinda Macedo... é o nome de nossa familia.

— ... que dona Lucinda Macedo fosse filha legitima do banqueiro Sanches Lobo...

Não o disse, mas Enéas Cabral ficou surprehendido, que houvesse, pelo bem, quem se occupasse dellas, como houvera um Cardoso ou Mendes Guerreiro, pelo mal... Quem seria? Quem lhes saberia da historia e fizera a

prova official dessa filiação?... Decididamente não havia um, mas muitos mysterios, em toda esta historia.

Lucinda entrava, com o seu sorriso constrangido, a cabecinha loura e a morena face córada, numa inclinação grata e cerimoniosa, saudando o elegante delegado auxiliar, que *apenas desejava ve-la e apertar-lhe a mão*...

E, pensando nisto, Enéas Cabral esqueceu tudo o mais.

AFRANIO PEIXOTO.

preencher o tempo que lhe faltava até a condemnação do assassino de Sanches Lobo.

Exercia, portanto, o lugar como uma distracção, mas com real interesse. Estudava as questões, meditava-as e, como tinha uma formidavel leitura de romances e contos sobre crimes e criminosos, suas observações eram frequentemente de uma justeza admiravel.

Por outro lado, elle observára que o delegado era vaidoso. Assim, quando achava qualquer pista interessante reservava-se para falar-lhe nisso ao estarem a sós. Desse modo, Cabral podia sempre passar como o autor de certas diligencias que Albergaria lhe havia suggerido. E este, falando a outros, mesmo das idéas mais legitimamente suas, não deixava de dizer que eram do dr. Cabral.

Este sabia, observava, e augmentava cada dia mais a sua affeição e confiança por Pedro Albergaria.

Um dia — e esta foi a sua segunda resolução no caso — resolveu dar o inquerito policial do caso Sanches Lobo como terminado.

E assim fez.

O inquerito apontava categoricamente Pedro Linck como o unico culpado.

Quando Cabral acabou de redigir essa peça, leu-a para Albergaria ouvir. E foi então que, pela unica vez, alludiu ao jantar em que tinham estado juntos.

Albergaria havia passado a ser o confidente do delegado. As relações entre os dois não tinham a solennidade official, que fôra de esperar. Cabral não teve duvida alguma em confessar-lhe:

— Deixe lá que naquella noite nós ficamos ambos em bom estado... Para te embebedar, comecei por embebedar-me.

Albergaria sorriu. Elle tinha, ás vezes, receio de ter dito alguma inconveniencia. Via, no emtanto, que, si houvesse

XLIII

CASO LIQUIDADO

No espirito de Enéas Cabral não ficára suspeita alguma contra Albergaria. A verdade é mesmo que, para incita-lo a beber, o delegado exaggerára tambem a dóse de vinho, que tomara, e estava, ao fim da conversa, tão bebedo como Albergaria. O que havia apenas é que, mais habituado ao vinho, guardava uma apparencia exterior menos incorrecta que o seu convidado.

No dia seguinte, foi-lhe absolutamente impossivel recordar o que este lhe dissera. Lembrava-se apenas, muito vagamente, que fôra uma chusma de tolices sem nenhum sentido.

Tomou então duas resoluções.

Por um lado, pensou em obter um lugar de agente de primeira classe para Albergaria. Não era muito legal, mas a regra não é que se façam as coisas muito legaes. Assim, Albergaria entrou para a Policia e — o que é mais — foi ser a ordenança, o companheiro, o *fac-totum* do delegado, que lhe dizia francamente o que pensava e que lhe pedia conselho em muitas occasiões.

Fazia aliás bem. Albergaria acceitara o cargo para vigiar de perto a marcha dos negocios e, sobretudo, para

qualquer cousa de grave, Cabral não o teria chamado para o posto que occupava.

Cabral fizera mesmo muito mais. Fôra a Albergaria que confiára o pôr em ordem todos os papeis relativos á questão. E entre elles estava um caderninho em que o delegado tomava todas as suas notas.

Nesse caderno, sob a designação do dia, do mez e da semana, estava apenas a indicação:

"Procurei obter indicações de Albergaria. Jantamos juntos. Nenhum resultado".

E essa nota não era uma cilada. Nada mais exacto. Positivamente Enéas Cabral só tinha dessa data uma indicação mais, além do que escrevera: que apanhara uma valente carraspana.

Albergaria, conversando sobre o facto, disse-lhe, que naquelle dia lhe succedera ter tido, á noite, um sonho com Mello Bandeira. No sonho, este lhe apparecia dizendo que o criminoso não era Linck e que a hora marcada no relogio não valia nada.

Albergaria affirmava que mais de uma vez, durante o dia, pensára nessas tolices do sonho.

Dizendo isso a Cabral, elle procurava crear uma explicação, para o caso do delegado se recordar de alguma coisa do que elle poderia ter dito. E' bem de vêr que o proprio Albergaria não sabia o que contára ao delegado; mas como esses eram os pontos capitaes da questão, elle os atacava, inventando um sonho, porque, si tivesse adiantado alguma coisa inconveniente, passaria como a simples recordação desse sonho.

Mas Cabral não tinha positivamente idéa alguma do jantar celebre. Limitou-se a fazer este injusto necrologio do pobre Bandeira:

— O Bandeira era um idiota!

E o inquerito seguiu para o juiz competente.

— Uff! exclamou o Cabral, quando despachou os papeis. Estamos afinal livres desta estopada!

O inquerito envolvia, além do caso propriamente do assassinio, a questão da captação do testamento feito pelo tio do doutor. O essencial, porém, era a questão do assassinio.

Um dia, tendo de ir á Detenção, a mandado do delegado, para falar a um preso, Albergaria pensou em ouvir tambem Pedro Linck.

O americano estava conformado com a sua sorte. As longas meditações da prisão só lhe apresentavam um ponto mysterioso: onde estavam os duzentos contos?

Mas para elle não havia duvida alguma que o velho banqueiro tinha algum esconderijo, onde mettera as notas.

No momento em que elle entregara a somma, o banqueiro a puzera ostensivamente no cofre; mas assim que elle sahira, Sanches Lobo devia ter transferido o dinheiro para o esconderijo.

Nada aliás mais natural.

Pedro Linck, mais de uma vez, pensára que, si fosse absolvido, arranjaria meios de alugar a casa em que o banqueiro morara e acabaria por achar o dinheiro.

Conversando com Albergaria, que soube falar-lhe com amabilidade e geito, elle não lhe disse isso. Confessou-lhe apenas a tristeza do erro que commettera e, já industriado pelo seu advogado, contou-lhe que pouco antes de commetter o crime jantara fartamente.

Procurava assim preparar a excusa da embriaguez.

Era uma tolice suggerida por um defensor inhabil. Mas o que Albergaria viu foi que o pobre diabo estava inabalavelmente convencido de ter sido o assassino de Sanches Lobo.

& (MEDEIROS E ALBUQUERQUE).

XLIV

FOGO!

Albergaria sentiu-se naquelle dia indisposto. Logo que se levantou, correu ao telephone da venda proxima, ligou-o para a policia e pediu ao commissario de dia que avisasse a Enéas a sua indisposição.

Era um domingo. Queria ficar em casa para repousar.

Na vizinhança morava a velha Thereza, sua amiga de muitos annos. A velha Thereza, quando elle adoecia, vinha-lhe sempre cuidar da casa e das refeições. Era uma pobre mulher esguia, magrinha, desleixada e distrahida. A sua distracção chegava ao ponto de faze-la ás vezes a não pôr sal na comida, a não preparar o almoço senão á hora do jantar. Mas, no fundo, bôa creatura.

Naquelle dia, quando Albergaria a mandou chamar para lhe preparar as refeições, estava ella occupadissima. Tinha que terminar o preparo de umas roupas que engommava. Resolveu ir concluir o serviço na casinha de Albergaria.

O assassino de Sanches Lobo passou um domingo estupido, sentado na sua salinha a espreguiçar-se, a ouvir a voz da velha Thereza na cozinha, cantando, em quanto engommava a roupa dos freguezes.

Por varias vezes tentou tirar o dinheiro do esconderijo. Seria uma imprudencia. A velha podia vêr e, embora fosse uma pobre mulher, era mulher e certamente curiosa. Por aquella época sentia ancias da fortuna que guardava em sua casa. Não se continha dentro da vontade de gozar.

E era realmente estupido que elle, rico, tendo uma fortuna ao seu lado, ao alcance de sua mão, estivesse a passar uma vida de pobretão, sem um gozo, sem um prazer, a aturar os serviços pesados da policia, dormindo naquelle casinholo acanhado e ouvindo as cantorias insipidas da velha Thereza.

Já o tufão havia passado: a policia tinha nas garras a figura de Pedro Linck, que confessava ter sido o assassino de Sanches Lobo e era o bastante. Para a policia, a unica preoccupação era agarrar um autor do crime, fosse elle o verdadeiro ou não.

Albergaria nunca poderia ser mais incommodado. Já era tempo de começar o gozo do dinheiro que arrancára ao infame arruinador de sua familia.

Mas não podia parecer estranho a muita gente e principalmente a Enéas Cabral, que elle, um pobre diabo arrebentado, de uma hora para a outra apparecesse *bancando o rico,* como se dizia na giria da Policia? Mas tinha um plano. Iria comprar um bilhete de loteria. Mostraria o bilhete na Policia, a toda a gente e principalmente a Cabral, sem deixar que se visse o numero. Durante dois ou tres dias falaria, mostrando a sua convicção de tirar a sorte grande. E, um dia revelaria aos companheiros que tirára um premio qualquer, uns cinco ou seis contos de réis, um premio pequeno, para não dar na vista e não despertar a curiosidade da verificação.

Nesse dia, ao entrar na policia, entraria radiante, agitado, espalhafatoso, dizendo já ter recebido os cobres. A indagação do numero do bilhete que um ou outro dos seus

companheiros curiosos poderia fazer, seria impossivel, pois que o bilhete já não estava com elle.

E isso abria-lhe a brecha para começar a gastar.

O dia inteiro passou a construir o plano. Ora achava-o excellente, ora repellia-o e voltava a acha-lo novamente magnifico, concertando-o aqui, alli.

A' noite teve vontade de sahir á rua. Vestiu-se.

A velha Thereza havia terminado os seus serviços e arrumava a roupa para voltar á casa.

— Deixou tudo em ordem, dona Thereza?

— Tudo.

— Não se esqueceu de alguma coisa? Deixou tudo nos seus lugares?

— Deixei.

Albergaria foi á primeira esquina, onde havia um réles botequim de suburbio. Passou um garoto, vendendo *A Noite*.

Comprou o jornal e, abrindo-o, teve um susto. Lá estava, em titulos immensos, a novidade da tarde:

Pedro Linck, o assassino de Sanches Lobo, fugiu da prisão.

Albergaria devorou a noticia com os olhos. Era toda a historia da fuga, com as suas minucias.

Pedro Linck tinha serrado as grades do seu cubiculo, e, disfarçado em soldado, atravessára o pateo da Detenção, ganhando a rua. Só á hora da revista lhe haviam notado a falta. O coronel Meira Lima estava fulo de raiva, e a Policia em polvorosa.

Albergaria sentiu necessidade de correr immediatamente á primeira delegacia auxiliar. Enéas devia precisar delle naquelle momento. Mas o bonde que levava á cidade tinha passado naquelle instante. Ia, pelo menos, esperar meia hora.

Sentou-se.

Dez minutos depois ouviu um ruido fóra. Era o povo que corria na direcção da rua em que ficava a sua casa.

— Incendio! incendio! gritava-se.

Albergaria levantou-se. De todas aquellas casinhas suburbanas, sahia gente, uma multidão de crianças, uma multidão de mulheres, gritando:

— Fogo! fogo!

Seguiu a onda. Ao dobrar a esquina, o coração pulou-lhe no peito. Era a sua casinha que estava a arder.

Comprehendeu tudo. A velha Thereza, que passára o dia a engommar, havia deixado brazas junto de alguma coisa de facil inflammação.

Um grito sahiu-lhe do peito. Rompeu a multidão como um raio. Toda a casa era uma só labareda, casa antiga de madeiras velhissimas.

Quiz pôr a porta abaixo e entrar. Impossivel. O fumo suffocou-o. Cahiu desanimado nos braços de um popular.

Ao longe ouvia-se o *tan-tan* affoito e frenetico do Corpo de Bombeiros, que chegava.

VIRIATO CORRÊA.

XLV

ATRAZ DOS APEDREJADOS...

Depois da aventura da Gávea, em que a sua intervenção opportuna e abnegada as tinha salvado das garras de Mendes Guerreiro e seus asseclas mascarados, Lucinda e a tia recebiam em casa, na casinha humilde da rua Paulino Fernandes, a Pedro Albergaria, com amizade, sem cerimonia, durante as longas horas de suas visitas. A bôa senhora comprehendera a inclinação reciproca, soubera das provas de affeição que lhe dera elle na primeira noite de encontro na delegacia, e no interrogatorio do dia immediato, vira-os a se olharem, ella na janella, sósinha, o que não era dos seus habitos, elle discretamente, lá a sombra do seu lampeão protector, de sorte que, á ultima dedicação, de cujo beneficio até participara, vencendo as resistencias que a coutela de velha experimentada lhe infundia, abriu a casa e o coração ao moço aventuroso e dedicado.

Lucinda e Pedro exultavam, num contentamento sem limites, e esses dias, a quem já tinha um passado commum tão rico de emoções, abreviaram, nas expansões mutuas, esse periodo incerto e doloroso em que o amor brinca a cabra-cega, como para se exasperar nas difficuldades e contratempos: acharam-se noivos, sem o protocolo, o pedido official, as promessas trocadas da convenção.

Esperariam apenas o correr dos acontecimentos, porque, já agora, não era mais duvidoso que Lucinda seria a herdeira unica dos milhões de Sanches Lobo, iria morar num palacete, teria criados e automoveis, e o marido seria, naturalmente, um figurão, a cuja actividade e talento não faltariam occupação e relevo social.

Pedro Albergaria tinha, entretanto, alguma coisa, que lhe pesava. Não era só o haver morto a Sanches Lobo, com as suas mãos, o ruim sujeito que não merecia outra coisa, muitas vezes, pelos tantos crimes que praticara. Estava certo da impunidade, o inquerito encerrado, um criminoso confesso, agora fugido, talvez amanhã preso, que responderia por tudo. Não era isso. Na sua consciencia era o matador do pae della, della á sua querida, a sua mulher de amanhã...

E' exacto que, dizia, para desculpar-se a si mesmo, não o sabia, quando o fizera, e até esta morte era que lhes abria a elles, com o conhecimento reciproco, os serviços prestados, e, finalmente, o amor, o casamento, a riqueza. Fôra incumbido pela mãe, sob juramento, ainda á hora da morte, de vinga-la e tinha sido esse o dever filial que cumprira. Por ahi estava, pois, justificado. Havia, porém, o dinheiro subtrahido, os duzentos e tantos contos e o sacco de moedas de ouro que mettera na latinha. Considerava-os como uma reparação, uma restituição ao que o infame sugeito subtrahira dos paes delle, ao que ouvira a mãe sempre affirmar. Comtudo, a idéa de usar desse dinheiro, que lhe parecia rehavido á custa de sangue, causava-lhe constrangimento. O amor é grande artista que, se aperfeiçôa os seres, no corpo, para a grande communhão da natureza, aformoseando-os, para os fazer ainda melhores, não lhes esquece tão pouco o espirito. Albergaria, o sceptico do *crime bem feito*, se não tinha ainda remorso, porque a alma que odeia é endurecida, tinha escrupulos, porque é brando o coração que ama.

E eis que, mau grado delle, como uma intervenção da Providencia, arde-lhe a casa num incendio pavoroso, e com ella vão-se-lhe os haveres mal havidos, que salvaria se pudesse, que defenderia talvez com a vida se fosse mistér, mas agora, irremediavelmente perdidos, como um consolo talvez — tanto ha desses subterfugios na falta de logica da consciencia — quasi se regosijava que assim tivesse sido...

— Tinha de ser... Foi talvez melhor assim!

Foi portanto, como que alliviado de grande peso — o daquella latinha fatal, que desapparecera nos escombros — como que levado do mais feio ou mais odioso do seu crime, despojado e, portanto, leve, que Pedro buscou nessa mesma noite a rua Paulino Fernandes, para contar á noiva a desventura que o privava do unico bem que possuia, e o fogo consumira. Pensou em accrescentar que tambem perdera umas economias, com que contava preparar o seu enxoval, mas repelliu a idéa, por lhe parecer ironica e sinistra. Economias... não, não alludiria a isto. Bastava o resto, para a commiseração do affecto.

Lá chegado, Lucinda custou apparecer, e, quando veiu, tinha os olhos vermelhos de chorar.

— Que é isto? Venho contar-lhe uma desgraça, que me aconteceu, e encontro-a neste estado... Que foi?

— Qualquer que seja a sua desgraça, é maior a nossa... Veja isto...

E estendeu-lhe dois papeis, que Albergaria leu, soffregamente. Dizia o primeiro:

"*Lucinda.* — Leia esta carta, com o coração nos olhos, carta que nossa mãe me escreveu e que lhe dirá tantas coisas que você devia sempre ignorar, mas é preciso que agora saiba. Tia Bibi conhece a letra e, se póde duvidar de mim porque não conhece ainda toda a minha dolorosa historia, não duvidará daquella que foi a sua irmã do co

ração, e, minha querida irmã, nossa mãe, a mais infeliz das mães... — *Rosa.*"

Pedro deteve-se, sem comprehender bem. Lucinda tinha pois uma irmã, de quem não lhe falara, pois que não a conhecia. A letra não lhe era entretanto desconhecida: era a da carta anonyma, que recebera dias antes!

Abriu o outro papel, amarellecido pelo tempo e com as marcas de lagrimas que, por vezes, tornavam embaraçosa a leitura:

"*Minha filha.* — Receberás esta quando eu já não existir, resgatando, com a morte, o crime de haver trahido a memoria de teu pae, com um segundo casamento, que me privou de minha primeira filha. Falo só da morte, que é entretanto a paz, quando o mais não conto, as humilhações, os maus tratos, as brutalidades, as perfidias sem conta, que soffri do monstro que fez isto tudo, roubou-me o coração de minha filha, aviltou-me aos meus proprios olhos, consummiu no desespero o resto de minha mocidade, nos empobreceu e me atirou na miseria com essa desgraçadinha, tua irmã, Lucinda, que deixo entregue a tua tia. Se me perdoares um dia, vela por ella. Vela por ella, minha filha, é o favor que te imploro de mãos postas, na hora da morte, para impedir que o monstro ainda lhe faça mal, o mal que nos fez a nós. Vinga-me, se estiver em tuas mãos. Terás muitos collaboradores no odio, tantos são os infelizes, victimas como nós. Se puderes não percas de vista a Pedro Albergaria, filho de Sanches Lobo, cuja mãe, minha infeliz amiga Leonor, como associadas na desgraça pelo mesmo bandido, lhe legou odio semelhante ao meu. Deshonrada por elle, reduzida depois á miseria com o homem honrado que cobrira a sua desgraça, o filho do outro, que traz o nome deste, tudo ignora, e será, se Deus quizer, o vingador de nós todas. Vela por elle, se puderes, e guarda este segredo terrivel que, a seu tempo, te será exigido. Se este falhar, tenho confiança que a justiça divina suscitará ou-

tros, que punam na terra o miseravel, esperando com ansia no inferno, onde deve ficar pela eternidade. Perdôa, minha filha. Reza pela tua desgraçada mãe. Vela por Lucinda. Até o dia de juizo! — *Lucia.*"

Mal pôde Pedro Albergaria terminar a leitura. Circumvagou o olhar tonto, como louco, os cabellos eriçados, as orbitas arregaladas, a boca hiante, num gesto do punho fechado ferindo a cabeça, quiz dizer alguma coisa que lhe não sahia da garganta e cahiu fulminado.

As duas pobres mulheres acudiram pressurosas, a custo conseguiram po-lo sobre o sofá e Lucinda abria a janella para vêr se via alguem, para chamar a Assistencia. Não havia viv'alma pela rua. Dona Bibi pedia vinagre. Parecia o rapaz respirar e lentamente voltar a si.

Lucinda tornada do susto, e reposta na calma relativa, que a azafama dos soccorros atropelara, pôz-se de novo a chorar, prendendo nas suas uma das mãos de Pedro.

— Coitado, pensava comsigo a moça, ama-me tanto, que ao saber que é meu irmão, foi isso...

E as lagrimas quentes e abundantes correram de novo, longas e rapidas, pela sua face mimosa.

Albergaria voltava lentamente a si:

—Que foi? Que é que houve?

— Nada... descance, não foi nada, esteja quieto.

Fez movimento para sentar-se, ajudado pela velha senhora. Lucinda ameigou-lhe os cabellos, num gesto de piedade e de amor...

— Pedro, é preciso que te resignes... Não perdeste tudo... Perdeste a tua noiva, mas achaste a tua irmã...

E se approximando, depôz-lhe na testa, humida de um suor de agonia, beijo terno e casto.

Albergaria teve um estremecimento...

AFRANIO PEIXOTO.

XLVI

DOR DE CONSCIENCIA

A fuga de Pedro Linck fora um golpe no prestigio da policia. Os jornaes commentavam vivamente o relaxamento da Casa de Detenção, onde se podiam realizar factos dessa ordem.

Felizmente, porém, o fugitivo não foi longe.

A bordo de uma pequena embarcação costeira, procurou vêr si ganhava o Rio Grande do Sul e dahi passava para o Uruguay. Mas o plano falhou. A embarcação, á altura de Santos, foi colhida por uma tremenda tempestade, que a fez ir ao fundo. Do naufragio escaparam apenas tres tripulantes, um dos quaes era precisamente Pedro Linck. Quando os que o salvaram puderam apanha-lo, elle estava inanimado. Trazido para terra, acharam-lhe papeis que lhe indicavam a identidade. Chamada a policia, ella a verificou facilmente, porque precisamente em Santos é que Linck vivera por largos annos. De mais, a ficha policial lá estava para tornar impossivel qualquer duvida.

Assim, quando elle acordou de todo, acordou na enfermaria do quartel de policia, mais preso do que nunca. A sua fuga durara dois dias. Tudo voltava á mesma.

Enéas Cabral exultou. A primeira pessoa a quem com-

municou o telegramma foi a Albergaria, em que elle sentia uma tristeza inexplicavel.

Cabral acabara por ter verdadeira affeição pelo seu auxiliar. Sentia-o intelligente, digno, discreto. Que tinha o rapaz? Em vão lh'o perguntara. Elle dera um motivo de saúde, evidentemente falso.

Albergaria não podia explicar-lhe a sua terrivel situação: assassino de seu proprio pae, sabendo agora que era irmão da mulher que amava.

Ao sahir, o delegado lhe disse que fizesse designar uma praça qualquer para ir guardar as ruinas de sua pequena casa incendiada. Quando elle foi transmittir a ordem, pensou que ia, decerto, passar toda a noite em claro. Assim como assim, tanto lhe fazia estar a revolver-se na cama como de pé, montando guarda ás ruinas, que teriam de estar rondadas, até que se fizesse a pericia policial.

Disse isso mesmo ao delegado e este lhe deu ordem para que fosse.

— Mas, dr. Cabral, objectou o escrivão, quem deve ir é uma praça e não o sr. Albergaria, que é agente civil.

— Pois faremos hoje excepção, disse o delegado. O que póde ser feito por uma praça não ha razão para que não o seja por um agente, principalmente tratando-se de um agente de minha confiança.

E a ordem se cumpriu.

Albergaria fez sahir o soldado que estava no seu posto e ficou de guarda, ora sentado em uma das pedras da sua desmoronada casinha, ora passeando diante della.

A noite estava de uma calma absoluta, escura e quente. O trabalho, em vez de ser uma tarefa incommoda, era até agradavel. Insomnia por insomnia, mais valia curti-la alli do que em outro lugar.

Albergaria não tinha remorso algum por ter matado Sanches Lobo. A revelação de que elle era seu pae em nada lhe alterava o estado de espirito. A paternidade, nas

condições em que o banqueiro chegara a ella, era apenas um accidente odioso. A grande, a immensa tristeza do moço era a dupla circumstancia de ser o irmão de Lucinda, e o assassino, não do proprio pae, mas do pae della.

Passeando, elle olhou em certa occasião para o muro da casa em que estava a latinha do dinheiro. Notou que esse precisamente ficara de pé. A cumieira abatera exactamente do lado opposto.

Albergaria teve a tentação de vêr se a lata estaria ainda no mesmo lugar. Approximou-se, agil, trepou-se a uma pedra e, mettendo a mão no buraco do muro, teve a alegria de achar a lata. Tirou-a. Estava intacta.

O incendio durara muito pouco, porque a casa era pequena. Exactamente esse ponto elevado era o mais banhado pela agua lançada pelos bombeiros. Rapidamente o buraco, cavado na espessura da parede, se enchera de liquido. De mais, nada menos facil de queimar do que um masso de papeis. Quando, portanto, elle retomou a lata, não teve duvida alguma de que o dinheiro nada devia ter soffrido.

E o seu raciocinio era perfeitamente exacto. Quando mais tarde a lata foi aberta, nada faltava.

O achado não foi para Albergaria um prazer porque elle desejasse gozar a fortuna do banqueiro. Disso não mais cogitava. Já agora, porém, sabendo que Lucinda era filha de Sanches Lobo, não a queria desfalcar de um só vintem.

Onde collocaria o seu novo achado? Pensou no antigo lugar, fez de novo o buraco perto do tanque, enterrou a lata profundamente, a mais de um metro de superficie do solo, acamou bem a terra, molhou-a e puxou para cima della algumas grandes pedras.

Protegido pelos muros do quintal da casinha queimada, pôde fazer, a salvo de toda a curiosidade, a longa operação.

Muitas vezes os que praticam certos actos mysteriosos

julgam que ninguem os viu nem ouviu, mas depois sempre se descobre alguem que, por imprevisto acaso, conseguiu esse resultado.

No caso de Albergaria não foi assim. Ninguem, de facto, o viu, o ouviu ou presentiu de qualquer modo.

No dia seguinte, elle acompanhou os peritos da policia. Não disse uma palavra. Viu-os fazer sua obra, viu os peritos dos bombeiros revolver os destroços e sahiu com elles, quando, terminada a tarefa, todos declararam a casualidade do incendio.

Albergaria ficou satisfeito.

Tinha tomado uma resolução sombria e firme. Não queria, porém, nem prejudicar Lucinda, nem ser apanhado como um criminoso vulgar.

Sua vida era agora uma tortura horrivel. No desmoronamento de todos os seus sonhos de felicidade, o que elle temia, sobretudo, era que Lucinda, se soubesse que elle fôra o assassino do pae, acabasse por criar-lhe odio, por perder-lhe toda a amizade.

Sem duvida, Lucinda não tinha motivo algum para estimar Sanches Lobo. Ao contrario! Mas as convenções sociaes são tão fortes, que talvez ella lhes cedesse tambem.

Fosse como fosse, Albergaria tinha formado um plano para resolver o seu caso. E como, em dado momento, poderia precisar de um advogado, perguntou um dia a Enéas Cabral qual lhe parecia o melhor. Fez, é claro, pergunta e em tom de conversa, como si não tivesse interesse algum nella. Cabral respondeu:

— V. conhece o dr. Viriato Corrêa?

— Um pequenininho que vem, ás vezes, aqui?

— Esse mesmo. E' um rapaz de talento. Não sei porque teve a idéa extravagante de nascer no Maranhão, num lugar de que ninguem até então tinha noticia: Pirapemas. Nesse tempo elle tinha um nome muito maior do que elle

mesmo: Manuel Viriato Corrêa Bayma do Lago. Depois, para acerta-lo com o seu meio metro de altura, passou a chamar-se apenas Viriato Corrêa.

— E o dr. dá alguma coisa por elle?

Enéas Cabral virou-se, rapido, na cadeira:

— Se dou?! Mas é um dos grandes talentos do nosso tempo!

E longamente fez a apologia de Viriato Corrêa, contista, autor theatral, conferencista, professor...

Albergaria ouviu calado. Ha muito notára que o tal advogado tinha má vontade contra elle. Ainda no dia seguinte ao do incendio da casa, o dr. Viriato olhara para elle de tal modo, que, se não fosse a certeza da casualidade do facto, Albergaria o accusaria de ser o incendiario.

Mas a palavra experimentada de Cabral pesava no animo do seu subordinado.

Nessa mesma tarde, elle foi procurar o advogado. Este o recebeu com espanto. Quando, porém, Albergaria lhe disse ao que vinha, mudou de attitude. Tratando-se de um caso da sua profissão, entrou dignamente, no seu papel. Ouviu, attento e interessado, o estranho cliente.

— Mas alguem o accusou? Alguem suspeita a sua criminalidade?

— Absolutamente não. Nunca um criminoso esteve mais seguro de impunidade. Duas unicas pessôas sabem do meu caso: o senhor e eu. Como, porém, póde dar-se um facto, que não desejo agora, revelar, preferia que o meu advogado eventual estivesse prevenido.

Em vão, o dr. Viriato procurou saber quaes eram as intenções de Albergaria. Quando, porém, este sahiu do escriptorio, o advogado lhe apertou a mão energicamente, com um gesto de real amizade.

XLVII

A PAIXÃO DE PEDRO ALBERGARIA

Albergaria tornou ao dr. Viriato, e lhe communicou a resolução, inabalavel, de pôr termo a tudo isto, confessando o seu crime, pois que a Policia se mostrára incapaz de descobrir o verdadeiro criminoso, pois que Pedro Linck e Rosa Merck, innocentes, nomeados taes, iam ser condemnados. Tinha matado o proprio pae, e, peior do que isso, o pae de Lucinda, e por isso e por que era sua irmã, mataria tambem no coração o seu impossivel amor. De que lhe serviam a liberdade e a vida?

O dr. Viriato, embora nas funcções de advogado, não perdia o seu afinadissimo instincto de theatro: viu logo alli drama magnifico, a desenrolar-se no tribunal popular, e no qual, além de collaborador, seria tambem actor da representação. Calou o seu resentimento contra o rapaz, — de que déra varias provas no decorrer desta historia, talvez por lhe attribuir, indirectamente, a morte do Mello Bandeira, uma das suas criações, — não só porque era agora a causa sagrada de um cliente, que se vinha valer do seu talento, como porque já previa a nova obra, uma tragedia grega, que se ia representar diante de todo o Rio de Janeiro.

Industriou, pois, ao rapaz, como devia fazer a sua confissão, isto é, narrar o crime e os seus antecedentes, de odio e premeditação, taes quaes os havia no momento da consummação do acto. Matara Sanches Lobo, um estranho, um infame sujeito, que reduzira á miseria e causara a morte de seus paes, odio herdado e jurado á hora do trespasse de sua querida e desgraçada mãe. Não roubara, propriamente, recuperara com as suas mãos quantia equivalente, recuperara com as suas mãos quantia equivalente á que o bandido extorquira de sua familia. Nem mais uma palavra sobre o resto, as descobertas posteriores sobre sua filiação, parentesco com Lucinda, etc., que seriam sensacionalmente revelados em plenario.

Assim foi. Albergaria, na companhia do advogado, foi ter ao gabinete de Enéas Cabral, annunciou-lhe a grande revelação, e começou a contar a sua historia. O delegado olhava para o rapaz, para o autor theatral, sorria, brincando com a corrente do relogio, como quem dissesse:

— Não vê?! nesta encrenca não vou eu... Eu conheço *seu* Albergaria, dado a aventuras e imaginações; *seu* Viriato, já tenho assistido ás suas formosas peças... Não me pegam... Não vou no "embrulho"!

Mas, força foi, afinal, convencer-se que era sério tudo aquillo e que o assassino de Sanches Lobo se vinha metter nas mãos da Policia. Lembrou-lhe o saudoso Mello Bandeira, para cujo suicidio concorrera, que esse tinha faro policial:

— Achei pelo raciocinio o *outro,* e como o achei sem sahir daqui, aqui mesmo o terei, porque aqui virá ter...

Realizava-se a prophecia do *scherlock*: havia um *outro* assassino, que se vinha pôr nas mãos da Policia. Era forte aquelle Bandeira! Por isso mesmo, tomado o depoimento da confissão, ultimado o novo inquerito, no relatorio enviado á promotoria publica, Enéas Cabral dava-se ao luxo de emittir, commentando os factos, duas theorias po-

de sentença, compaixão para ella, pois os réus tal e qual eram o seu arrimo, sua unica protecção, etc., etc. A absolvição seria certa: o brasileiro é piedoso, consente, vá lá que se mate e roube, é do mundo... mas que o assassino ou ladrão sejam presos, coitados!, isso é que não, isso é que é demais — na rua com elles!

No dia marcado, a espectativa da cidade foi formidavel. Nunca mais numeroso publico e mais escolhido compareceu a um julgamento. Juizes, e promotores, e advogados, todos togados. A' vista dos assistentes, o *museu do crime*: as luvas de fio de Escossia, os sapatos de sola de borracha, a corda do enforcado, a latinha do dinheiro... No banco da testemunhas, dona Bibi e a loura e morena Lucinda, cada vez mais bonita, no seu severo vestido negro; o dr. Cardoso, o sobrinho; o provedor Mendes Guerreiro, solto mediante fiança; o comendador Pantaleão do Aveiro, que tão mal guardára o testamento; Bonifacio, o velho famulo; Maria, a criada portugueza, do chilique na delegacia e, principalmente, prendendo todos os olhares, com a seducção que têm os peccados bonitos, a bella Armenia: havia quem só olhasse para ella, como se fosse o julgamento de sua formosura. Lobato, o delegado de Botafogo, sentado perto, parecia beber-lhe os ares. Não faltava ninguem. No banco dos réus, Albergaria, muito pallido; Pedro Linck, bestificado; Rosa Merck, indifferente. Na assistencia, espantado á propria obra, estava Coelho Netto e notavam-se os leitores e curiosos do *Mysterio*, que lhe desejavam vêr o epilogo.

A promotoria publica, bem representada, falou seis horas seguidas, sobre todos os assumptos: geologia, geographia, o destino do Brasil, conflicto de raças, o homem criminoso, a *terza scuola*, os substitutivos penaes, pedindo, finalmente, a condemnação dos criminosos. O medico legista, citando autores, entre elles Afranio Peixoto, depôz,

liciaes. Uma era a da *nomeação do criminoso*, já nossa conhecida, isto é, á justiça importa menos punir o crime, achar o verdadeiro culpado, do que responsabilizar um qualquer, nomear um criminoso, que trate lá de se defender, que será absolvido no jury: a sociedade ficou com a segurança que tem defesa efficaz, a Justiça e a Policia com o seu prestigio, e tudo continúa, como dantes, na harmonia social.

A outra theoria era contradição impiedosa á de Mello Bandeira — a sua famosa *theoria dos antipodas* — isto é, o criminoso evita o lugar do crime, foge para os pontos diametralmente oppostos. A coisa é em Nitheroy, pesquizas no Rio; foi em Santa Thereza, procure-se no Sacco do Alferes. Enéas Cabral substituia esta pela theoria da — *boca do lobo* — isto é, o criminoso anda, vira, mexe e remexe, e vem se entregar á Policia, cahir na boca do lobo. A Policia, num como no outro caso, fica na espectativa e, se não se realizar a segunda hypothese, como a primeira terá nomeado um criminoso idoneo, que responderá por tudo. Estava em concurso a cadeira de direito criminal da Faculdade Juridica: Cabral, que tinha agora sonhos de prestigio, para dourar a riqueza que entrevia pelo amor, ia escrever sobre o caso a sua these.

Corridos os tramites do processo, sempre assistido pelo dr. Viriato, que nelle continuou a vêr de suas peças de melhor effeito, foi marcado o jury, a que deveriam responder Pedro Albergaria e cumplices. Pedro Linck e Rosa Merck. Apesar do seu formidavel talento, da nótoria benevolencia desse tribunal popular, ao grande causidico veiu á fala um desses chamados advogados de porta de xadrez, que sabem meios de obter as mais difficeis absolvições. Já agora não seria mais pelo suborno dos jurados, como outr'ora, pois o sorteio era entre gente qualificada. Seria a piedade: uma mulherzinha industriada andaria, de casa em casa, pedindo aos futuros membros do conselho

ainda uma vez, que não houvera senão suicidio: era o veredicto absoluto da Sciencia:

— "E só a Sciencia possue a verdade!" Concluia o sabio, como um oraculo: — "Como braço é braço, sciencia é sciencia!"

Respondeu-lhes o dr. Viriato, que, em doze horas seguidas, fez á assistencia toda a narração do crime, desde o que estava no processo, e fôra lido, até o que o publico ainda não sabia, e arripiou os cabellos de toda a gente. Aproveitou o momento para um curso de conservatorio dramatico, todas as tragedias classicas, todos os dramas modernos. Como no *Edipo-Rei,* de Sophocles, Pedro tambem havia matado o pae, sem o conhecer, e aqui, por um odio, fatal como a morte. Como no *Cid,* de Corneille, a amada era filha do assassinado e, a mais, o amante era seu irmão: a tragedia de Albergaria excedia toda a imaginação humana, pois que resumia inteiro um theatro. Em certa altura, o miudo causidico cresceu para o publico, a poder de citações, ficando, verdadeiramente, *Viriato tragico.* Quando, em grego, recitou o celebre verso do poeta heleno:

"Desgraçado, prouvera ao Ceu que nunca soubesses quem eras!"

a assembléa delirou; menor effeito produziu entretanto uma tirada corneliana, em francez, lingua mais accessivel ao publico.

O promotor replicou, com todo o curso de preparatorios e de humanidades, por dezoito horas; Viriato respondeu, resumindo a historia universal, em outras vinte e quatro. Houve treplica e resposta, numa progressão geometrica de discursos. Os jurados, juizes, assistencia estavam literalmente, materialmente arrazados.

Por fim, como tudo acaba, depois de alguns dias reuniu-

se o conselho de sentença por longas horas, trazendo o seu veredicto, que, sendo voz do Povo, é voz de Deus.

Ao primeiro quesito, perguntados se houvera morte, responderam que *não,* isto é, Sanches Lobo não morrera. Para absolver Albergaria, os jurados acharam mais expedicto liquidar o caso no primeiro quesito; os mais, prejudicados. Quanto a Rosa Merck, era mulher, ha a privação de sentidos, crime passional, absolvição plena. Por saborosa contradição, commum nesse tribunal popular, Pedro Linck, o americano, foi reconhecido cumplice, com pequena pena. Houve quem dissesse que era isto uma demonstração contra a doutrina de Monroe, ou influencia dos tremendos artigos que Medeiros e Albuquerque escrevia contra os Estados Unidos. Não será o unico absurdo desta narrativa.

Alguma coisa ficou por explicar nesses debates, por exemplo, a variedade das Rosas, que complica esta historia. Não é questão que só interesse á floricultura, como podem suppor os espiritos levianos, mas reservas do mysterio, nem todo desvendado, para que alguma coisa fique, para o dia de juizo, em que tudo se ha de saber.

Albergaria foi conduzido, como o seu defensor, em ovação, pelas ruas da cidade. Repetia-se com emphase a sua ultima phrase, no tribunal, ao conselho de sentença :

— Cumpri o meu dever, vingando minha mãe: cumpri agora o vosso, senhores jurados, condemnando-me, por vingardes meu pae!

Na Camara Federal, o deputado Victorio Meliante pedira a inserção da phrase nos Annaes, com um voto de congratulação ao Paiz, pelo heroismo de Albergaria. Na Academia acharam-lhe sabor classico.

Ao sahir do jury, absolvida, Rosa comprou outras, no mercado de flores, e levou-as ao tumulo de Mello Bandeira; á tarde, recolhia-se ao Asylo do Bom Pastor, onde ia professar.

Albergaria declarou aos jornaes que, já sem o seu odio e com a sua maldição, iria dar a vida a uma causa nobre: partiria, no primeiro vapor, para a guerra, para a França, onde se faria matar, na Legião Estrangeira, como bravo que corrige o destino com um sacrificio.

Na vespera do embarque, á noite, o coração contradictorio de homem se lhe apertou, dolorosamente, numa afflicção. Não tivera animo de apparecer mais a Lucinda. Sem saber como, marchou para a rua Paulino Fernandes. Ia despedir-se, vendo-a de longe; levaria a imagem della para a morte.

Ao chegar, viu na porta um automovel policial, de luxo: algum figurão, em visita. Passou rente pelas janellas e lá dentro, um dialogo, de risos e palavras amaveis, entre Lucinda e Enéas Cabral. Passou adiante, com esta amarga reflexão, de humorismo:

— Nos crimes, só lucram a Policia e a Justiça... Se os criminosos soubessem...

AFRANIO PEIXOTO.

FIM